

**ESCOLA SUPERIOR DE TEOLOGIA**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA**

EDUARDO DOS SANTOS DE OLIVEIRA

A SALVAÇÃO PELA HUMANIDADE: O JESUS DE MC 8,31-33

São Leopoldo

2016



EDUARDO DOS SANTOS DE OLIVEIRA

A SALVAÇÃO PELA HUMANIDADE: O JESUS DE MC 8,31-33

Dissertação de Mestrado  
Para obtenção do grau de  
Mestre em Teologia  
Escola Superior de Teologia  
Programa de Pós-Graduação  
Área de Concentração: Bíblia

Professor Orientador: Dr. Flávio Schmitt

São Leopoldo

2016

## Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

O48s Oliveira, Eduardo dos Santos de  
A salvação pela humanidade : o Jesus de Mc 8,31-33 /  
Eduardo dos Santos de Oliveira ; orientador Flávio Schmitt –  
São Leopoldo : EST/PPG, 2016.  
135 p. ; 31 cm

Dissertação (Mestrado) – Faculdades EST. Programa de  
Pós-Graduação. Mestrado em Teologia. São Leopoldo,  
2016.

1. Bíblia Marcos 8 – Crítica, interpretação, etc. 2.  
Salvação (Teologia) – Ensino bíblico. 3. Filho do homem. 4.  
Reino de Deus. 5. Jesus Cristo – Pessoa e missão. I.  
Schmitt, Flávio. II. Título.

Ficha elaborada pela Biblioteca da EST

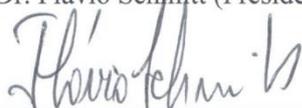
EDUARDO DOS SANTOS DE OLIVEIRA

**“A SALVAÇÃO PELA HUMANIDADE: O JESUS DE MC 8.31-33”**

Dissertação de Mestrado  
Para a obtenção do grau de  
Mestre em Teologia  
Faculdades EST  
Programa de Pós-Graduação em Teologia  
Área de Concentração: Bíblia

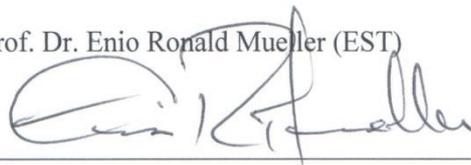
Data de Aprovação: 03 de agosto de 2016

Prof. Dr. Flávio Schmitt (Presidente)



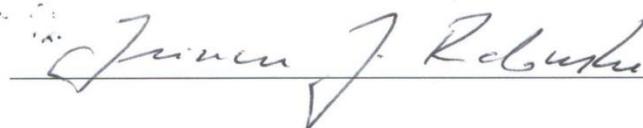
---

Prof. Dr. Enio Ronald Mueller (EST)



---

Prof. Dr. Irineu José Rabuske (PUCRS)



---



## RESUMO

A salvação pela humanidade. Sob esse título, nossa pesquisa quer ser uma aproximação ao primeiro anúncio da paixão no evangelho de Marcos e da teologia desse evangelista, no intuito de encontrar o sentido salvífico da morte iminente de Jesus. Isso porque a salvação nesse evangelho não deve ser compreendida ainda como a morte expiatória que redime os seres humanos. Marcos desenha um Jesus muito humano e que possivelmente não tenha compreendido sua morte como a teologia cristã desenvolveu ao longo do Novo Testamento. Marcos, ao menos, não a compreende assim. O texto bíblico necessita ser compreendido em seu ambiente histórico social. Portanto, nesta aproximação, no primeiro capítulo de nossa pesquisa, situaremos Jesus em seu ambiente: um judeu do primeiro século, que viveu num período em que os romanos dominavam a Palestina. Assim, ao analisar como os romanos governavam, veremos como essa forma de governo se torna mentalidade, inclusive para os governados. Jesus, no entanto, não se submeteu a ela e propôs o Reinado de Deus como outra forma de organizar as relações e o mundo. O primeiro capítulo reconstrói, ainda, o ambiente onde o evangelho de Marcos foi escrito e recebido, bem como delineia algumas de suas linhas teológicas. O segundo capítulo mostrará quem é o Jesus de Marcos 8,31-33. Um Jesus que se dá conta da proximidade de sua morte como consequência de suas opções pelo Reinado de Deus. Por meio das ferramentas exegéticas do método histórico-crítico, procuraremos pelo seu significado dando os seguintes passos: tradução do texto grego, crítica textual, análise literária, o contexto histórico da perícopa, e, finalmente, a análise de conteúdo. O terceiro capítulo pretende “juntar” as peças do mosaico construído nos dois primeiros capítulos e delinear o sentido salvífico da morte de Jesus prenunciada no evangelho de Marcos numa visão geral dos três prenúncios da paixão. Analisaremos se há base para sustentar uma soteriologia no segundo evangelho e em que ela consiste. Nesse sentido, a expressão *Filho do Homem*, com a qual Jesus se refere a si mesmo em Marcos, mostrará não apenas sua identidade, mas ainda como Jesus a assume na prática. Finalmente veremos de que salvação se trata, quando a abordamos no primeiro evangelho escrito. Considerando a sua morte, nossa pesquisa apontará por que Jesus é digno de credibilidade para as pessoas que aspiram por viver uma nova vida, diferente daquela imposta pelos padrões ou modelos sociais, que regem a mentalidade da maioria das pessoas e reinos.

Palavras-chave: Salvação. Humanização. Filho do Homem. Evangelho de Marcos. Hermenêutica Bíblica.



## ABSTRACT

Salvation through humanity. With this title our research aims to approach the first presage of the passion of the Gospel of Mark and the theology of this evangelist, with the goal of encountering the salvific meaning of the imminent death of Jesus. This is because salvation in this gospel must not be understood yet as the atoning death which redeems the human beings. Mark draws out a very human Jesus who possibly had not understood his death in the way Christian theology developed it throughout the New Testament. At least Mark did not understand it as such. The biblical text needs to be understood in its historical social environment. Therefore, in this approach, in the first chapter of our research we will situate Jesus in his environment: a Jew in the first century, who lived in a period in which the Romans dominated Palestine. Thus, upon analyzing how the Romans governed we will see how this form of government becomes the mentality, even for the governed. Jesus, however, did not submit himself to it and proposed the Kingdom of God as a different way of organizing the relations and the world. Besides this, the first chapter reconstructs the environment where the Gospel of Mark was written and received, as well as delineates some of his theological lines. The second chapter will show who the Jesus of Mark 8:31-33 is – a Jesus who realizes that death is imminent as a consequence of his options for the Kingdom of God. Through the exegetical tools of the historical-critical method, we will seek out its meaning taking the following steps: translation from the Greek text, textual criticism, literary analysis, the historical context of the pericope and, finally, the analysis of the content. The third chapter intends to “join together” the parts of the mosaic constructed in the first two chapters and delineate the salvific meaning of the death of Jesus presaged in the Gospel of Mark in a general vision of the three presages of the passion. We will analyze if there is a base for sustaining a soteriology in the second Gospel and what the base is. In this sense, the expression, *Son of Man*, with which Jesus refers to himself in Mark, will show not only his identity, but also how Jesus assumes it in practice. Finally, we will see what type of salvation we are talking about when we deal with it in the first written Gospel. Considering his death, our research will point to why Jesus is worthy of credibility for the people who aspire to live a new life, different from that imposed by the social patterns and models which govern the mentality of the majority of people and kingdoms.

Keywords: Salvation. Humanization. Son of Man. Gospel of Mark. Biblical Hermeneutics.



## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>11</b>
<b>1 O EVANGELISTA MARCOS ATUALIZA A PRÁTICA DE JESUS .....</b>	<b>17</b>
1.1 O Reino romano.....	17
1.1.1 O Império Romano cresce e chega à Palestina .....	18
1.1.2 Na Palestina.....	19
1.2 Os anos 30: diferentes posturas frente à mesma realidade .....	23
1.2.1 Os grupos no judaísmo.....	24
1.2.2 O ambiente histórico-social de Jesus .....	27
1.2.3 A proposta de Jesus.....	30
1.3 Um testemunho da prática de Jesus: o evangelho de Marcos.....	33
1.3.1 O surgimento de um gênero literário em meio a novos desafios: o evangelho .....	34
1.3.2 O ambiente histórico-social das comunidades de Marcos .....	36
1.3.3 A prática de Jesus organizada no evangelho de Marcos .....	39
1.3.3.1 O prólogo (1,1-13).....	42
1.3.3.2 Primeira Parte (1,14 – 8,21) .....	42
1.3.3.3 Segunda parte (8,22 – 15,47).....	43
1.3.3.4 A conclusão aberta (16,1-8) .....	44
1.3.4 Outros aspectos teológicos do evangelho de Marcos.....	45
1.3.4.1 O segredo messiânico .....	45
1.3.4.2 Uma teologia anti-triunfalista.....	46
1.3.4.3 O Reinado de Deus ameaçado pela mentalidade humana .....	48
1.3.4.4 A primeira sistematização no evangelho acerca da identidade de Jesus ....	50
<b>2 O JESUS DE MARCOS 8,31-33 .....</b>	<b>53</b>
2.1 Texto, tradução e comparação .....	53
2.1.1 Texto grego .....	54
2.1.2 Tradução literal .....	54
2.1.3 Comparações.....	54
2.1.3.1 Comparação 1: o texto da Bíblia de Jerusalém .....	54
2.1.3.2 Comparação 2: o texto corrigido e revisado de Almeida (ARA) .....	55
2.2 Crítica Textual .....	56
2.2.1 O versículo 32 .....	57
2.2.2 O versículo 33 .....	58
2.3 Análise das formas.....	59
2.3.1 Delimitação da perícopes.....	59
2.3.2 Estrutura literária e coesão do texto .....	60
2.3.2.1 Os versículos 31-32a .....	61
2.3.2.2 O versículo 32b.....	61
2.3.2.3 O versículo 33.....	61
2.3.3 Gênero literário .....	62
2.3.4 Análise da redação .....	63

2.3.5 Contexto literário.....	66
2.3.5.1 Contexto menor.....	66
2.3.5.2 Contexto maior.....	68
2.4 Lugar (contexto histórico).....	70
2.5 Análise de conteúdo .....	71
2.5.1 O Primeiro anúncio da Paixão .....	72
2.5.2 O diálogo didático .....	77
2.6 Nova tradução .....	82
<b>3 A SALVAÇÃO PELA HUMANIDADE: A HUMANIZAÇÃO DA HUMANIDADE</b>	<b>85</b>
3.1 O sentido da morte do Filho do Homem nos anúncios da paixão, em Marcos .....	86
3.1.1 Os outros dois anúncios da paixão em Marcos .....	86
3.1.2 A ausência do sacrifício vicário nos anúncios da paixão em Marcos .....	89
3.2 O Filho do Homem: a imagem que define Jesus em Marcos .....	94
3.2.1 O Filho do Homem em Daniel .....	95
3.2.2 O Filho do Homem em Marcos .....	98
3.2.2.1 O Filho do Homem em sua existência terrena .....	99
3.2.2.2 Os sofrimentos do Filho do Homem .....	99
3.2.2.3 Os textos da chegada do Filho do Homem .....	100
3.2.3 Filho do Homem: a síntese marcana da missão de Jesus .....	102
3.3 O humano humanizado: o Filho do Homem, protótipo do ser humano salvo.....	105
3.3.1 A salvação trazida pelo Filho do Homem: Dar a vida é humanizar-se .....	105
3.3.2 A salvação através da humanidade humana: A esperança de Jesus no ser humano .....	109
3.3.3 A salvação através da humanidade de Jesus: A esperança do ser humano em Deus .....	113
<b>CONCLUSÃO .....</b>	<b>119</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>123</b>
<b>APÊNDICE A: QUADRO PARA VISUALIZAÇÃO DOS TIPOS DE TEXTOS DOS MANUSCRITOS.....</b>	<b>133</b>
<b>APÊNDICE B: QUADRO COMPARATIVO DAS TRADUÇÕES.....</b>	<b>135</b>

## INTRODUÇÃO

Jesus veio ao mundo para abrir às pessoas, o caminho de acesso a Deus e, conseqüentemente, de salvação. Na maior parte das vezes, pela tradição cristã em que estamos inseridos, associamos à cruz de Jesus a salvação humana, como se fosse algo “automático”. Quem nunca ouviu: “Jesus morreu na cruz para nos salvar!”? No entanto, isso não é uma coisa tão óbvia ou lógica assim. Claro que na leitura do cânon neo-testamentário essa afirmação é autêntica e, para os cristãos, verdadeira. Mas notemos que dar um acento excessivo à divindade de Jesus, como por muito tempo a tradição o fez, também torna a salvação da humanidade um tanto “mágica”. Esse excesso induz-nos a imaginar que a salvação por si já está dada pela pessoa de Jesus aos seres humanos em geral. Bastaria crer (como se fosse apenas um ato mental) e pronto! Mas... e se tomássemos apenas um dos textos mais antigos, ao invés da teologia do Novo Testamento como um todo? Por exemplo: se tomássemos apenas o evangelho de Marcos, o primeiro dos quatro evangelhos canônicos escrito, o que concluiríamos ser a salvação? A salvação pode ser definida da mesma forma em todos os (ou em cada um dos) livros do Novo Testamento?

A salvação *pela* humanidade. Com esse título, que abarca certa dubiedade (intencional), nosso tema de pesquisa adquire relevância e atualidade se considerarmos que a salvação trazida por Jesus é alcançada não pela participação em uma religião, ou até magicamente. Poderá, sim, ser alcançada por meio do seguimento da humanidade do humano Jesus e, ao mesmo tempo, da humanidade inerente a cada pessoa, que é humana. Mas, de que salvação se trata: daquela que salva a própria pele? daquela para a outra vida? ou da que realiza a pessoa enquanto tal? O ser humano moderno perdeu a noção do que seja a salvação, justamente por haver perdido o sentido da vida. Viver a humanidade poderá salvar o ser humano de levar uma vida sem sentido? Buscaremos luzes presentes na vida de Jesus para encontrar a resposta.

Teremos por meta, portanto, atingir a compreensão da humanidade de Jesus e da salvação trazida por ele, no evangelho de Marcos. Poderíamos proceder das mais diferentes formas e adotar as mais diversas metodologias. Nossa referência maior será o evangelho de Marcos por ser o mais antigo e, portanto, o mais próximo historicamente de Jesus. Não que os outros evangelhos não tenham elementos históricos, mas esse está mais próximo cronologicamente que os demais. No tempo em que o evangelho de Marcos foi redigido, a humanidade de Jesus (sua vida pública, portanto) ainda estava presente na memória das comunidades de modo muito vivo. Compreendendo a teologia desse evangelista,

procuraremos pelos elementos que denotam a salvação no seu evangelho. Não pretendemos chegar ao Jesus Histórico, mas “apenas” ao Jesus de Marcos e ao modo que, nesse evangelho, se entende a salvação. Não ambicionamos, portanto, extrapolar a teologia do evangelista. E mesmo considerando a teologia marcana, teremos como referência maior dentro desse evangelho, (mas não a única) o Jesus apresentado no primeiro anúncio da paixão (Mc 8,31-33). Caso necessário, nossa leitura será complementada com os outros dois anúncios.

Feita nossa primeira opção pela obra de Marcos e pelo primeiro anúncio da paixão, temos de considerar que o evangelista se refere repetidas vezes à identidade de Jesus (muito mais do que diretamente à salvação). Os estudiosos afirmam que toda a primeira metade do evangelho visa responder à pergunta: “Quem é Jesus?”. Pedro foi o primeiro a responder que Jesus seria o *messias* (cf. Mc 8,29). Logo em seguida, Jesus pediu-lhe silêncio (Mc 8,30) e começou a ensinar sobre a sorte do *Filho do Homem* (cf. Mc 8,31). Com essa expressão, Jesus falava de si mesmo (assim, ao menos, Marcos no-lo refere). Portanto, à questão do evangelho, a resposta poderia ser: “Jesus é o Filho do Homem!”. Uma resposta que exige aprofundamento, pois seu sentido não é óbvio a nós. Temos de considerar, ainda, do ambiente histórico e social de Jesus, a existência de uma expectativa de que Deus enviaria logo o *messias* para salvar os judeus do Império dos romanos. Segundo o texto a que nos referimos acima, parece que Jesus não queria ser identificado com o *messias*, mas com o Filho do Homem. Significa que Marcos valoriza essa expressão para veicular sua mensagem (e ela está presente no primeiro anúncio da paixão)!

Neste ponto, temos também que considerar a missão de Jesus, ou seja, aquilo que ele fez ao longo de sua atividade pública. Quanto a isso, não encontraremos maiores dificuldades em reconhecer que Jesus veio trazer às pessoas de seu tempo, aquilo que chamou de Reino ou Reinado de Deus. O que ele significa? Seria um reino conforme aquele concretizado pelos romanos, que dominavam boa parte do mundo conhecido? Teria vindo Jesus defender um nacionalismo político que salvaria ao menos uma classe ou grupo de pessoas? Jesus queria que Deus reinasse. Quais as consequências disso?

Assim, vislumbrando o Jesus desenhado por Marcos, que prediz por três vezes sua morte, pretendemos descortinar sua proposta de salvação à humanidade, salvação essa de tantas situações que oprimem as pessoas, desumanizando-as. Estamos acostumados a dizer, por exemplo, que “errar é humano”. Com isso, o humano sempre é visto de maneira depreciativa, negativa. Não será este o sentido que iremos lhe conferir. Queremos significar, sim, por humano, a qualidade inerente a todas as pessoas. Será a partir dessa qualidade que os seres humanos se realizarão ou serão felizes como seres humanos. Essa realização humana é o

Reinado de Deus tornando-se real e a salvação acontecendo. Caso seja por outro caminho, talvez a salvação não seja possível ou atingível por pessoas comuns.

Em nossas últimas afirmações (e perguntas) temos muitas informações que precisam ser organizadas. Assim compreenderemos melhor em que ponto se insere a proposta salvífica trazida pelo Jesus de Marcos. Ou, melhor ainda, analisaremos se Marcos quis transmitir uma mensagem salvífica neste contexto histórico-social, a partir da vida e missão de Jesus. Não podemos nos perder no meio de tanta informação e, para tanto, será necessária uma boa sistematização de nossos objetivos e questão central: a tensão entre salvação e humanidade.

Estaremos centrados na humanidade e na compreensão histórico-social de Jesus, situada em seu tempo. Verificaremos em que consistia, para Jesus, a proposta salvífica ao ser humano, narrada e proposta segundo o texto escrito por Marcos. Ou seja, se qualquer um/a pode, justamente por ser humano/a como Jesus, ser salvo/a. Para isso é mister compreender, por exemplo, o que significa “pensar as coisas de Deus”. A salvação consistiria, portanto, em entrar na dinâmica do Reino. É necessário compreender essa dinâmica. Jesus não apenas abre caminho aos homens/mulheres para que entrem no Reino, mas propõe-lhes o seguimento no mesmo caminho que ele até chegar à doação de vida. Veremos se tal leitura, na teologia do evangelho de Marcos, é possível.

Em nossa pesquisa, seremos conduzidos a assimilar em que sentido a salvação é ou pode ser *pela* humanidade. A categoria de Filho do Homem sustentará esta busca (categoria utilizada já por Marcos para falar de Jesus e realizar a expectativa messiânica de seu tempo), no primeiro anúncio da Paixão de seu evangelho (8,31-33). No centro do anúncio de Jesus está o Reino de Deus que se aproxima (cf. Mc 1,15). Por ora, lidamos com a hipótese de que a vinda do Reino é salvação para o ser humano em geral. A Boa Notícia que Jesus veio trazer à humanidade tem elementos novos e, ao mesmo tempo, acessíveis às pessoas. No “desabrochar” do Reino, Jesus é o primeiro a resgatar o ser humano, amando, sobretudo aos mais necessitados. Jesus tira as pessoas de todas as situações adversas (pecado, lei, doenças, espíritos maus, falta de dignidade, exclusão social e religiosa) e aposta no ser humano como capaz de se salvar, para construir o Reino de Deus ainda neste mundo. Para isso, Jesus se encarnou na realidade do seu povo e chegou ao ponto de dar a própria vida por ele. Ao apostar tudo, inclusive a vida, em nome do Reino e da salvação humana, Jesus mostra em que ela consiste: dar a vida, a fim de que Deus reine. Por isso, Jesus quer que os discípulos pensem como Deus, não como os homens; que eles mesmos sejam os primeiros a segui-lo no caminho de doação de vida. Talvez esta seja a maior dificuldade e justamente o sentido da salvação no segundo evangelho canônico.

Para desenvolver e sustentar essa hipótese, vários autores nos acompanharão e fundamentarão algumas das ideias já elencadas. Para depreender o reino dos romanos e o ambiente histórico e social de Jesus e de Marcos, recorreremos a diversos autores que estudaram a história e a sociedade do primeiro século: desde Flávio Josefo (historiador daquele tempo) até autores atuais que se valem também de pesquisas arqueológicas, da cultura e da história da época como Horsley, Crossan e Reed, Míguez, Barbaglio, Koester entre outros. Para fazer a exegese do texto bíblico e a compreensão do evangelho de Marcos, buscaremos autores que trabalhem com seriedade as Escrituras e ajudem-nos a aprofundar o seu sentido: Pikasa, Gnilka, Reimer, Bortolini e Gallardo serão nossas maiores referências. Já para a análise teológica e para chegar a conclusões das perguntas aqui levantadas Schnelle, Calle, Boff, Pagola, Mateos e Camacho, Moltmann e Juan Luis Segundo nos ajudarão muito. Esses e outros autores dar-nos-ão suporte não apenas para partes da pesquisa, mas também na construção de conceitos e ideias importantes necessários à nossa pesquisa, como: o segredo messiânico, a correção à teologia triunfalista presente no segundo evangelho canônico, *Filho do Homem*, salvação, entre outros. Com esses autores, e com nosso objeto delimitado, nosso trabalho será estruturado em três capítulos.

No primeiro capítulo de nossa pesquisa, faremos a contextualização do ambiente histórico e social tanto de Jesus quanto de Marcos. Isso porque não podemos deixar de levar em conta o pano de fundo sobre o qual se estruturam a prática de Jesus e o evangelho escrito. Nesse sentido, nossa pergunta pela salvação será colocada em suspenso, a fim de conhecermos melhor a realidade histórica e social vivida naquele tempo. Para tal, primeiramente, buscaremos localizar a atividade de Jesus, um judeu, que vivia na Palestina do primeiro século, dominada pelos romanos. Dessa forma, veremos que o Império Romano não apenas dominava boa parte do mundo conhecido, mas como influenciava culturalmente (o modo de as pessoas pensarem e se organizarem). Feita essa contextualização geral, veremos quais os grupos e filosofias existiam no judaísmo do tempo de Jesus e como cada uma delas interpretava seu momento presente e pensava superar aquela situação de opressão. Também não poderemos deixar de considerar o modo como o povo mais simples vivia, para poder, finalmente apontar, em linhas gerais, a proposta trazida por Jesus: a do Reinado de Deus. Após isso, daremos um “salto” no tempo, para nos aproximarmos de nosso texto evangélico: a obra de Marcos. Seu texto foi fruto de desafios e necessidades concretas. Ele inaugurou esse gênero literário (o texto enquanto escrito). É necessário saber, também, em que ambiente social o primeiro evangelho canônico escrito surgiu, bem como sua data e o possível redator. Com esse pano de fundo delineado, aproximar-nos-emos do texto de Marcos, destacando seu

modo de narrar a prática de Jesus, ao organizar as tradições recebidas. Veremos ainda outras linhas teológicas do texto, as quais nos ajudarão a acompanhar os anúncios da paixão.

Feito esse panorama geral, estará formado o fundo histórico para a leitura do segundo evangelho canônico. No segundo capítulo daremos o passo exegético. Escolhida nossa perícopé (Mc 8,31-33) é importante deixar o texto falar por si, ao invés de impor-lhe nossas questões e, com isso, fazê-lo dizer coisas que não diz. Os passos que serão dados são os do método histórico-crítico. Partiremos, portanto, do texto grego, o qual será traduzido e comparado com outras traduções. Por meio da crítica textual, veremos se estamos diante, de fato, do texto tido como o original de Marcos. Seguirá a análise literária, a qual se apropriará do texto enquanto literatura. Resgataremos, em seguida, o ambiente histórico de Marcos, a fim de ler nossa perícopé nesse mesmo ambiente. Somente então, de posse de todos esses elementos, analisaremos o conteúdo teológico, fazendo, ao final do caminho, nova tradução do texto grego. Por meio desses passos, pretendemos verificar se, no primeiro anúncio da paixão em Marcos, há a possibilidade de se fazer uma leitura soteriológica. Mas isso já será assunto para o terceiro capítulo.

No capítulo final de nossa pesquisa, o terceiro, retomaremos nossa questão principal: “*Qual o sentido salvífico que a paixão de Jesus assume perante a morte iminente de Jesus no evangelho de Marcos?*”. Isso porque nosso caminho consistirá em formar o ambiente histórico-social de Jesus e do evangelho de Marcos, a fim de poder ler o texto bíblico, dando-lhe “autonomia e voz” no passo exegético. Para responder à nossa questão, complementaremos nossa exegese tomando elementos e expressões que não aparecem no primeiro anúncio da paixão e que estão presentes nos outros dois. Também deixaremos para o terceiro capítulo a tarefa de analisar a expressão “Filho do Homem”, por ser comum aos três anúncios da paixão e ainda a forma utilizada por Jesus para se referir a si próprio (ou, no mínimo, a expressão utilizada por Marcos, para que Jesus fizesse autorreferências). Acreditamos que ela possa nos ajudar a resgatar muito da identidade e missão de Jesus. Somente então estaremos em condições de unir todas as peças de nosso “mosaico”: a de definir o que seja a salvação e dizer como Jesus, o Filho do Homem, salva as pessoas e de que as salva. Nesse último passo, saberemos como acontece a salvação *pela* humanidade. Ou seja, descobriremos o que Jesus produziu nas pessoas (ou para a humanidade) quando assumiu livremente sua paixão e como foi germe de uma *nova humanidade* ou de *humanização*. Nesse ponto de nossa pesquisa vamos poder expor o que Jesus fez e o que os/as seus/suas discípulos/as devem fazer para que a salvação humana seja realidade.

Por meio da pesquisa bibliográfica, nossa metodologia será formada por três passos distintos e complementares. Iniciaremos fazendo análise histórico-social, por entender que este primeiro passo preparará o terreno para a exegese e a análise teológica. O segundo passo, o exegético, será dado seguindo o método histórico-crítico. Desses dois primeiros passos tiraremos as consequências teológicas para atingir nosso escopo: o de verificar qual o sentido salvífico da morte Jesus no evangelho de Marcos. Tendo presente nossa questão central, ora de perto, ora nem tanto, analisaremos como a humanidade, vivida até às últimas consequências, pode salvar os seres humanos de todos os tempos. Contemplar um Jesus humano fará com que nos identifiquemos com ele e ele conosco, de modo que a salvação não será mais vista como algo de “outro mundo”, mas como uma meta alcançável para qualquer pessoa que seja humana como o Filho do Homem. E nisso Jesus mesmo nos ajudará, se o ser humano tiver a fé no Reinado de Deus, que humaniza as pessoas e as faz “subir” para Deus. Ganhará sentido e força o pensamento de Martim Lutero: “Preserva-te (guarda-te) das ideias elevadas e esvoaçantes de querer subir ao céu sem esta escada, a saber: o Senhor Jesus Cristo em sua *qualidade de ser humano*” (grifo nosso).

# 1 O EVANGELISTA MARCOS ATUALIZA A PRÁTICA DE JESUS

Há vários elementos determinantes na forma de cada pessoa pensar. O mesmo acontece com as estruturas da sociedade. O ser humano organizou seu modo de conviver, e a convivência molda as pessoas desta mesma organização. Parece ser um círculo vicioso; mas não é! Não há apenas uma única forma de fazer as relações e o mundo. Caso fôssemos aplicar isso a Jesus, notaríamos que o círculo não se fecha. Isso porque Jesus não se encaixa nos esquemas e modos de pensar de seu tempo. Porém, ele não é um crítico a desmontar, com acidez, aquilo que vê. Ele mesmo propõe novo modo de viver e é o primeiro a viver conforme esta proposta.

Este capítulo pretende lançar as bases para uma aproximação da pessoa e da prática de Jesus, segundo o relato de Marcos. Para tal escopo, analisaremos primeiramente o tempo e o ambiente histórico e social de Jesus: um homem situado em tempo e lugar específicos: um judeu do primeiro século, subjugado pelo Império dos romanos (1.1). Em seguida, acercar-nos-emos dos grupos ou filosofias no judaísmo, do povo na Palestina e do próprio Jesus, explorando como cada um interpretava o momento presente, (1.2). Finalmente, veremos um testemunho da prática de Jesus, o de Marcos: o primeiro evangelho canônico de que dispomos (1.3). Assim, diferenciaremos o reino dos romanos do Reinado de Deus: duas realidades construídas e estruturadas sobre diferentes bases<sup>1</sup> em que o ser humano é entendido de modos diversos e até inversos. Como este capítulo formará o pano de fundo para os próximos dois, deixaremos em suspenso nosso questionamento quanto à salvação, levantado na introdução.

## 1.1 O Reino romano

Após sucessivas tomadas de poder, reino após reino, vemos cada império dominando de forma diferente, a fim de ter o mesmo êxito: exercer o poder sobre o mundo conhecido. Em torno do século III a.C. os romanos expandiram consideravelmente seu reino, que chegaria a se tornar o maior reino de toda a história. A Palestina, mais uma vez, sucumbiu perante a força externa de outro império, após um curto tempo de autonomia. Este é o pano de fundo do

---

<sup>1</sup> Crossan e Reed não apenas contrapõem os modos de pensar, mas afirmam, através de perguntas (e de forma genial), que há formas diferentes de construir reinos. “Antes de começarmos a construir um reino, precisamos saber que tipo de reino queremos fazer. Poder-se-ia pressupor, por um lado, que só existe um tipo, modelo ou cenário possível? Serão os reinos sempre relacionados com poder, glória, força e violência? São baseados nos poucos que controlam a maioria? Serão os reinos agrários dependentes da proteção que dão aos camponeses em troca do que produzem? Seria mera troca de favores? (...) Serão todos os reinos assim, fundados na violência e no poder? Existirá em algum lugar um reino de justiça e não-violência?”. CROSSAN, John Dominic; REED, Jonathan L. *Em busca de Jesus: debaixo das pedras, atrás dos textos*. São Paulo: Paulinas, 2007. p. 95.

Novo Testamento. Iniciaremos nosso trabalho contextualizando o Império Romano (1.1.1), cuja expansão iniciou no século III a.C. Isso nos dará condições de compreender a Palestina do primeiro século (1.1.2), ambiente em que a prática de Jesus se situou.

### 1.1.1 O Império Romano cresce e chega à Palestina

“Até a época de Jesus, os galileus, samaritanos e judeus viveram sob o domínio de um império após o outro durante seiscentos anos, excetuando-se um breve intervalo de menos de um século”<sup>2</sup> (de 142 a 63 a.C.). Durante o período veterotestamentário sucederam-se os impérios assírio, babilônio, persa e helênico. Após este último, os romanos ascenderam ao poder, como império. Durante sua vida, Jesus ficaria, como judeu que era, sob este império.

A expansão do poder de Roma começou por volta do século III a.C.. Na ocasião, Roma começou a dominar o território da Itália e, em seguida, do Mediterrâneo Ocidental. Em 146 a.C. Cartago foi aniquilada e anexada ao território do Império, que crescia cada vez mais. Até a metade do século II a.C. haveria tempo suficiente para que o reino da Macedônia fosse dominado pelos romanos e as cidades de Atenas, Esparta e Corinto fizessem parte desse território. Entre os anos de 94 a 63 a.C. foram travadas várias guerras dos romanos contra os reis do Ponto (Mitrídates) e da Armênia (Tigrano) e, em 64 a.C., Pompeu conseguiu fazer com que o domínio romano fosse implantado na Palestina.<sup>3</sup> Com isto, terminava a relativa autonomia asmoneia, que durara quase oitenta anos, e a Palestina ficaria, desde então, sob o domínio de Roma. Este domínio era exercido de maneira direta ou indireta. “Os acordos de Pompeu no Oriente acrescentaram sete novas províncias ao império romano nos anos que seguiram a 64 a.C.”<sup>4</sup>

Em 31 a.C., “Otaviano voltou-se para a consolidação de seu poder por todo o império. Logo eliminou todo o resto de resistência e assumiu o controle da administração do mundo romano”.<sup>5</sup> O título de *Augustus*, datado de 27 a.C., o faria ser considerado o primeiro imperador romano, terminando, com isso, o chamado período republicano de Roma. O imperador passava a reunir, em sua pessoa, poderes, antes exercidos por diferentes pessoas:

Ele era ao mesmo tempo o poder executivo (cônsul), legislativo (príncipe), judiciário (pretor), religioso (pontífice), popular (tribuno) e militar (imperador). A divinização do imperador garantia o sucesso do projeto imperial de globalização.

<sup>2</sup> HORSLEY, Richard. *Jesus e o império: o reino de Deus e a nova desordem mundial*. São Paulo: Paulus, 2004. p. 22.

<sup>3</sup> Cf. HORSLEY, 2004, p. 23s.

<sup>4</sup> STAMBAUGH, John E.; BALCH, David L. *O Novo Testamento em seu ambiente social*. São Paulo: Paulus, 1996. p. 13.

<sup>5</sup> STAMBAUGH; BALCH, 1996, p. 12.

Era a construção da Casa de César. Sob o ponto de vista político de Roma, o tempo de vida de Jesus coincide com o governo de dois imperadores: Otaviano Augusto (27 a.C. – 14 d.C.) e Tibério (14-37). Nenhum deles pisou o solo oriental e muito menos a Síria ou Palestina. Porém, o longo período de domínio, quase 65 anos, foi um tempo de paz e bem-estar ao mundo político. Augusto, pondo fim às guerras civis, iniciou o tempo da *Pax Romana Augustana*. Desta forma foi cultuado no Oriente como deus, ao lado da deusa Roma, tendo um templo dedicado ao seu culto em Ancira, hoje Ancara.<sup>6</sup>

Para garantir o poder e a ordem, os romanos recorriam a vários “métodos” ou meios. Não raramente utilizavam a violência para garantir a própria segurança. “Não há como compreendermos práticas como a crucificação, chacinas e escravidão, massacres de cidades inteiras e extermínio de povos inteiros, senão como tentativas intencionais de aterrorizar os povos conquistados”.<sup>7</sup> A *Pax Romana*, aludida acima, não era uma situação social de bem-estar, mas ausência de guerras, imposta pela violência e coerção militar. Os impostos e taxas cobrados por eles não eram apenas uma forma de arrecadar mais dinheiro e dominar ainda mais seus súditos, mas também consistiam em humilhação, uma vez que “não eram poucos os que vendiam a si mesmos ou suas famílias como escravos. Para dizer isto noutra linguagem, de agricultores se tornaram camponeses”.<sup>8</sup> Do mesmo modo, o culto ao imperador, tido como um deus pelos romanos, consistia em outra forma de subjugar os demais por meio da força. “Forçar povos derrotados a aceitar ou mesmo idolatrar os estandartes do exército romano era ainda outra forma de humilhação”.<sup>9</sup> Apesar de tanta repressão, as revoltas contra o Império eram, relativamente, em baixo número. O descontentamento popular era evidente, inclusive na Palestina. A submissão ao rei significava que Deus não exercia mais a sua soberania sobre o povo tirado do Egito como escravo! A seguir, analisaremos este contexto social específico.

### 1.1.2 Na Palestina

Voltemos ao tempo em que os romanos passaram a exercer o domínio sobre a Palestina. “Frequentemente, o controle sobre uma sociedade subjugada era exercido através de uma classe governante nativa ou aristocrática dominante que já existiam nela”<sup>10</sup> (neste caso, a forma de governo é indireta). Inicialmente (a partir de 64 a.C.), quando da tomada da Palestina, quem a governava eram os asmoneus (a classe aristocrática sacerdotal). “Em 55

<sup>6</sup> SCHLAEPFER, Carlos Frederico; OROFINO, Francisco Rodrigues; MAZZAROLO, Isidoro. *A Bíblia: introdução historiográfica e literária*. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2011. p. 108s.

<sup>7</sup> HORSLEY, 2004, p. 34.

<sup>8</sup> MÍGUEZ, Néstor O. Contexto sociocultural da Palestina. *Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana/RIBLA*, Petrópolis: Vozes; São Leopoldo: Sinodal, nº 22, p. 25, 1995.

<sup>9</sup> HORSLEY, 2004, p. 37.

<sup>10</sup> HORSLEY, Richard A. *Jesus e a espiral da violência: resistência judaica popular na Palestina Romana*. São Paulo: Paulus, 2010. p. 8.

a.C., indicou-se novo governador pelos romanos, para governar a Judeia com o título de ‘procurador’<sup>11</sup>. Antípater, um marginal convertido à força pelos asmoneus. Seu filho, Herodes (o Grande), em 40 a.C., receberia o título de Rei dos Judeus, com “autoridade para governar os territórios da Idumeia, Judeia, Samaria e Galileia, na condição de cliente de Roma”.<sup>12</sup> Herodes levou três anos para estabelecer o seu reino e dominar a Galileia, exercendo seu domínio entre os anos 37 – 4 a.C..

Herodes reinou como déspota, arrogando-se o direito de nomear a seu bel-prazer os sumos sacerdotes, sem considerar a tradição centenária que queria aquela função nas mãos dos descendentes de Sadoc como cargo hereditário (cf., por exemplo, *Ant* 15,22). Durante seu governo, o senado (*gerousia*), chamado sinédrio ou conselho, presidido pelo sumo sacerdote e composto por representantes da aristocracia sacerdotal, laica e “escrival”, foi humilhado, como mostra uma significativa intervenção: no início do seu reinado “matou Hircano e todos os outros membros do sinédrio” (*Ant* 14,175).<sup>13</sup>

Com isso, Herodes intervinha e controlava a maior instância de governo que havia em Jerusalém: destituiu a aristocracia asmoneia (que o tornara judeu à força) e criou uma que fosse fiel a ele. “Seu reinado foi marcado por inúmeros projetos de construções, financiados com pesados impostos em complemento a amplos recursos próprios. O mais surpreendente de todos foi o templo em Jerusalém”.<sup>14</sup> Além dele, destacam-se entre suas construções: o Herodium (uma fortaleza bem ao sul de Jerusalém), outra fortaleza em Massada (no topo de um monte em pedra), um anfiteatro<sup>15</sup> e um aqueduto (ambos em Cesareia Marítima).<sup>16</sup> Com isto, Herodes alimentava e trazia para a Palestina elementos helênicos, o que desagradava, sobretudo, aos judeus mais piedosos. Além das inúmeras construções, o paranoico e opulento rei “construía as residências com segurança e luxo”.<sup>17</sup> Herodes queria ser lembrado pelas grandes coisas que fazia, e Flávio Josefo, um historiador nascido em torno do ano 37 d.C., anota-o no relativo também às pessoas:

Como Herodes tinha afeição de glória, e esta paixão o dominava totalmente, ele era dado à munificência todas as vezes que esperava que alguém se lembrasse disso no futuro ou que se fizesse um elogio a ele. Certa vez, estava dependendo além de seus recursos e, por isso, se via obrigado a ser duro com seus súditos: gastar muito em

<sup>11</sup> STAMBAUGH; BALCH, 1996, p. 18.

<sup>12</sup> CROSSAN; REED, 2007, p. 98.

<sup>13</sup> BARBAGLIO, Guisepp. *Jesus: hebreu da Galileia*: pesquisa histórica. São Paulo: Paulinas, 2011. p. 146.

<sup>14</sup> BLOMBERG, Craig L. *Jesus e os evangelhos*: uma introdução ao estudo dos 4 evangelhos. São Paulo: Vida Nova, 2009. p. 34.

<sup>15</sup> A mentalidade por trás das construções mostra “como se construía um reino” por um rei: “O teatro delineava, além disso, a rígida estratificação social. Os ricos entravam por portas especiais e ocupavam os melhores lugares, separados dos demais. Esses assentos eram próximos do palco, tinham encosto, e muitos deles, como em Neápolis, ostentavam o nome da família”. CROSSAN; REED, 2007, p. 103.

<sup>16</sup> Cf. BLOMBERG, 2009, p. 34.

<sup>17</sup> CROSSAN; REED, 2007, p. 99.

favor de uns obrigava-o a suprir seu tesouro por meio de funções funestas aplicadas a outros. Ele tinha consciência de ser odiado por seus súditos por causa do mal que lhes causava.<sup>18</sup>

Josefo nos oferece mais um elemento para compreender quem constrói um reino, baseado em critérios humanos: a busca de glória e elogios. Comparado ao período asmoneu, o tempo de Herodes significou uma mudança muito grande. Os tributos e taxas eram os meios, além do comércio feito através do porto, pelos quais o governo sustentava os gastos com as obras e, ainda, repassava as taxas exigidas por Roma. Isto significava que os

camponeses judeus, samaritanos e galileus que haviam anteriormente vivido sob uma única linhagem de governantes, os sumos sacerdotes asmoneus, viram-se subitamente sujeitos a três esferas de autoridade e às suas respectivas exigências econômicas: tributo aos romanos, impostos a Herodes e o dízimo mais oferendas ao Estado-Templo. Herodes (e os seus sucessores) também agiram no sentido de integrar a Palestina à economia imperial global.<sup>19</sup>

Essa integração trazia ônus, especialmente para as classes mais pobres, que eram as mais exploradas tributariamente. Ao fim de um reinado longo (de trinta e três anos), Herodes, que faleceu com 70 anos, ficava “cada vez mais paranoico sobre potenciais golpes súbitos e mandou executar vários de seus filhos e sua esposa mais amada, Mariana, a fim de evitar atentados que pudessem derrubá-lo”.<sup>20</sup> O evangelho de Mateus (2,13-18) conta que Herodes mandou matar as crianças com menos de dois anos quando soube do nascimento de Jesus. O fato não é atestado por outras fontes, mas é verossímil para alguém com esta personalidade.

Em seu testamento, Herodes deixava o seu reino para ser dividido entre seus filhos. Isto foi ratificado pelo imperador romano. Seu filho Filipe (4 a.C. – 34 d.C.) recebeu uma tetrarquia, na qual estavam inseridas muitas cidades de origem grega e síria. O Novo Testamento cita, dentre estas, as cidades de Betsaida e Cesareia de Filipe<sup>21</sup>. Já

nas duas áreas mais influenciadas pela vida de Jesus, Arquelau tornou-se etnarca da Judeia, da Samaria e da Idumeia, enquanto Herodes Antipas tornou-se tetrarca da Galileia e de parte da Transjordânia. O governo de Arquelau era autocrata e despertou o ódio de seus subjugados a ponto de eles enviarem uma delegação a Roma a fim de pedir sua remoção (uma situação que alguns pensam ecoar na parábola de Lc 19,14). Augusto respondeu no ano de 6 d.C., fazendo do território de Arquelau a província imperial da Judeia.<sup>22</sup>

<sup>18</sup> VV.AA. *Flávio Josefo: uma testemunha do tempo dos Apóstolos*. São Paulo: Paulus, 1986. p. 55. (Ant. XVI, 150).

<sup>19</sup> HORSLEY, 2004, p. 38.

<sup>20</sup> BLOMBERG, 2009, p. 35.

<sup>21</sup> Cf. STAMBAUGH; BALCH, 1996, p. 20.

<sup>22</sup> BROWN, Raymond E. *Introdução ao Novo Testamento*. São Paulo: Paulinas, 2012. p. 124.

Com essa alteração, a Judeia, a Samaria e a Idumeia passaram a ser governadas por meio de regime direto, a partir do ano 6 d.C. (o governo de Arquelau não chegou a durar dez anos, portanto). “Começa o período dos prefeitos romanos, que no governo de Cláudio se chamarão procuradores”.<sup>23</sup> Com isso os judeus estavam sujeitos ao tributo, situação que, para eles, equivalia à escravidão. Sete prefeitos governaram a Judeia entre 6 e 41 d.C., merecendo destaque entre eles Pilatos, governante no tempo da crucificação de Jesus. “Fílon descreve Pilatos como sem coração, cruel, inflexível e ambicioso. Essa imagem é confirmada nos relatos de Flávio Josefo”.<sup>24</sup> (Herodes) Antipas, por sua vez, governou até o ano 39 d.C.. Construiu a capital Tiberíades, às margens do mar da Galileia<sup>25</sup> e reconstruiu Séforis. As descobertas arqueológicas recentes indicam que seu reino “era adaptado segundo o modelo de seu pai”.<sup>26</sup> Sua simpatia pela cultura helenista gerava controvérsias. Como consequência do helenismo na Palestina “as pessoas poderiam ou negligenciar a lei judaica, ou seguir a lei de forma mais rigorosa do que antes, ou ainda praticar uma espécie de simbiose entre judaísmo e helenismo”.<sup>27</sup>

Esses foram os elementos que destacamos em relação ao Império Romano, na construção de um reino. Vimos, do ponto de vista dos governantes, como um reino é construído, mantido e administrado. Por se tratar de um reino de submissão dos mais fracos, em que uma minoria se beneficia à custa de exploração, buscamos saber como “funcionou” o Império de Roma e como eram governados os habitantes da Palestina. Analisamos, portanto, a conquista romana “desde cima”, isto é, a partir dos conquistadores.

Nosso breve panorama histórico serve, ainda, para nos situar no tempo de Jesus. Trata-se do contexto político, econômico, religioso e social vivido por Jesus. Ele foi um judeu, que, como o seu povo, estava sob o domínio de Roma. Em segundo lugar, os romanos impunham humilhação (seja através dos impostos ou do culto ao imperador), crise de identidade (helenização, que descaracterizava os judeus enquanto povo) e repressão dos povos dominados até mesmo por meio de violência para chegar à tão famosa *Pax Romana*.

Os códigos de patrocínio efetivamente disfarçavam a natureza profundamente exploratória da economia baseada nos tributos e na escravidão, escondendo a voracidade da classe dirigente e, ao mesmo tempo, naturalizando relações

---

<sup>23</sup> BARBAGLIO, 2011, p. 149.

<sup>24</sup> VOIGT, Emilio. *Contexto e surgimento do Movimento de Jesus: as razões do seguimento*. São Paulo: Loyola, 2014. p. 55.

<sup>25</sup> WRIGHT, Addison G.; MURPHY, Roland E.; FITZMYER, Joseph A. História de Israel. In: *Comentário Bíblico São Jerônimo*. São Paulo: Paulus; Santo André (SP): Academia Cristã, 2011. n 165. p. 1317s.

<sup>26</sup> CROSSAN; REED, 2007, p. 107.

<sup>27</sup> VOIGT, 2014, p. 51.

fundamentalmente desiguais por meio de rotinas de reciprocidade altamente teatrais.<sup>28</sup>

Em terceiro lugar, o próprio Jesus irá contrapor o centro de seu anúncio e missão a esse modelo de reino que acabamos de descrever. Ao ver aquele modo de organizar a sociedade e as relações, Jesus se dará conta de que Deus não estava reinando e era isso que faltava! No próximo item adentraremos mais na sociedade da Palestina do tempo de Jesus, a fim de localizar as possíveis expectativas e condições de vida nos diferentes estratos sociais e como buscavam uma possível superação daquela situação.

## 1.2 Os anos 30: diferentes posturas frente à mesma realidade

Para poucos, as coisas, do modo que estavam, iam bem. Lembrando os tempos áureos da monarquia davídica, os judeus, em sua maioria, esperavam a restauração de Israel. Nela, o Messias, o enviado de Deus, teria papel importante. Ele desempenharia uma função majoritariamente política, visto que “Reino” também tem cunho político (“político e religioso não constituem, especialmente no contexto de Jesus, planos contraditórios”).<sup>29</sup> “Reino” remonta ao auge da história de Israel, cujo maior governante foi Davi (seguido por Salomão). Davi representa, na história do povo de Deus, o rei ideal, e o período de seu reinado lembra a prosperidade. Salomão deu sequência ao governo de seu pai e construiu o Templo. Após esses dois grandes reis, Israel se dividiu (ou melhor, os reinos do Norte e do Sul deixaram de ser governados pelo mesmo rei, que os governava por meio de união pessoal). A isso sucederam os impérios assírios, babilônio, persa, helênico e, agora, eram os romanos que tinham poder sobre a Palestina, impondo opressão antes que libertação aos judeus.

É neste contexto que Jesus atua. Ele “não se preocupa em definir em termos diretos e precisos o que vem a ser o reino de Deus porque, com respeito à soberania de Deus, partilha com seus ouvintes a noção comum”.<sup>30</sup> Nesta mesma linha, Jesus menos ainda se preocupa com o “conceito” de messias: papel que ele assume, mas que não está no centro de seu anúncio. No entanto, para uma melhor compreensão da missão e da vida de Jesus é necessário não apenas considerar o Reino no horizonte dele, mas compreender as possibilidades de definição e compreensão do Reino pelos seus contemporâneos. Primeiramente, notemos que, no tempo de Jesus, não havia uma definição única ou unívoca de Reino. Aqui mostraremos

<sup>28</sup> ELLIOTT, Neil. *A arrogância das nações: a Carta aos Romanos à sombra do Império*. São Paulo: Paulus, 2010. p. 71s.

<sup>29</sup> SEGUNDO, Juan Luis. *O homem de hoje diante de Jesus de Nazaré: Sinóticos e Paulo*. São Paulo: Paulinas, 1985. Tomo II/1. História e atualidade. p. 136.

<sup>30</sup> FABRIS, Rinaldo. *Jesus de Nazaré: história e interpretação*. São Paulo: Loyola, 1988. p. 106.

qual a expectativa que os grupos ou filosofias no tempo de Jesus tinham em relação ao messias. Anotaremos como diferem entre si e, ao mesmo tempo, entenderemos ainda mais o contexto em que Jesus viveu (1.2.1). Analisaremos, depois, as condições gerais de vida do povo (1.2.2), para, enfim, chegar à proposta de Jesus (1.2.3).

### 1.2.1 Os grupos no judaísmo

Em tempos de Império Romano, o judaísmo,<sup>31</sup> em sua maior parte esperava o enviado de Deus (o Ungido) que os libertasse do domínio romano, restaurando a autonomia nacional. No entanto, não havia uma visão uniforme do papel que o messias desempenharia. Isso porque o judaísmo, no tempo de Jesus, estava dividido em várias seitas. Para cada uma delas, correspondia um tipo de messias. E mais do que isso: uma teologia e uma esperança bem concretas. Lembremos que, para os judeus, não havia separação entre política, religião e economia, fato que entrelaçava muito as coisas no tocante ao messias. Vejamos o que cada um destes grupos<sup>32</sup> – a saber: fariseus, saduceus, essênios e zelotes – pensava e esperava.

*Os fariseus.* Termo cujo significado é *separado*, não era utilizado pelo próprio grupo, mas pelos adversários, e “pode significar ‘os que estão separados’ ou ‘separatistas’”.<sup>33</sup> Seja como for, essa separação diz respeito à observância ou cumprimento da Lei, que devia ser observada rigidamente. Por isso, “são conservadores zelosos e também criadores de novas tradições, através da interpretação da Lei”.<sup>34</sup> O zelo acabava por afastá-los do povo, que não conhecia a Lei e, por isso, não a cumpria, vivendo como impuros. Para eles “Deus amava e recompensava os que cumpriam a lei e detestava e castigava os que não a cumpriam. Os fariseus acreditavam numa vida após a morte, na ressurreição dos mortos e em futuro messias

<sup>31</sup> Para compreender: “‘Judaísmo’ implica, portanto, uma dimensão religiosa e moral (com uma doutrina e um ensinamento, com regras e costumes), mas também fronteiras culturais e limites sociais. Em resumo, designa a vida judaica no seu todo, enquanto diz respeito tanto aos indivíduos chamados ‘judeus’ como ao grupo específico e determinado que os institui e define como tais”. PAUL, André. *O Judaísmo Tardio: história política*. São Paulo, SP: Paulinas, 1983. p. 91.

<sup>32</sup> Segundo Barbaglio, Josefo chamava esses grupos de “filosofias”. “Na realidade eram agregações religiosas dentro do judaísmo”. BARBAGLIO, 2011, p. 170. Com base nisso, não imaginemos o judaísmo como um “bloco monolítico”. “O Judaísmo do período de que estamos tratando, era um sistema mais complexo, contendo dentro de si mesmo muitos partidos, grupos e seitas diferentes, cujos nomes e crenças distintas nem sempre ficaram registrados na história. Josefo declara que “os judeus tiveram, por um grande período de tempo, três seitas de filosofia” (uma expressão mais enganosa) - os Fariseus, os Saduceus e os Essênios, aos quais ele acrescenta o partido fundado por Judas e Zadoque, mais tarde chamado de “Zelotes” (cf. Ant. 18.1.1-6, seção 9-23). Indubitavelmente esses partidos foram muito influentes dentro do Judaísmo durante esse período, mas para manter a questão na devida proporção, temos que nos lembrar de que eles eram uma minoria muito pequena na Palestina”. RUSSELL, David S. *Entre o Antigo e o Novo Testamentos: o período interbíblico*. 2. ed. São Paulo: Abba Press, 2007. p. 49.

<sup>33</sup> KOESTER, Helmut. *Introdução ao Novo Testamento: história, cultura e religião no período helenístico*. São Paulo: Paulus, 2005a. v. 1. p. 239.

<sup>34</sup> STORNILO, Ivo. A Palestina no tempo de Jesus. In: *BÍBLIA sagrada*. Edição pastoral. São Paulo: Paulus, 1990. p. 1176.

que Deus ia mandar para libertá-los dos romanos”.<sup>35</sup> Nesse sentido, a observância da Lei apressaria a vinda do messias. Segundo Josefo, os fariseus tinham credibilidade junto ao povo e sua interpretação das coisas divinas eram muito difundidas no meio popular.<sup>36</sup>

*Os saduceus.* “O termo ‘Saduceus’ designa as famílias sacerdotais que os apoiaram e forneceram o sumo sacerdote durante os períodos herodiano e romano”.<sup>37</sup> Justamente por haver este conchavo político, os saduceus tinham uma teologia que estava ligada às coisas “da terra”: não acreditavam em ressurreição, só aceitavam o Pentateuco como livros inspirados, criam que a bênção de Deus vinha em forma de bens ou coisas materiais, “colaboravam com os romanos e faziam o possível para manter o *status quo*”.<sup>38</sup> Flávio Josefo sintetiza tudo isso de maneira brilhante ao afirmar:

A doutrina dos saduceus diz que as almas desaparecem juntamente com os corpos, não se preocupam absolutamente com observar nada mais senão as leis; estar em desacordo com os mestres da sabedoria que professam constitui para eles uma virtude. Essa doutrina só penetrou em poucas pessoas, para dizer a verdade, as primeiras em dignidade. Os saduceus não têm por assim dizer nenhuma ação. Pois, quando chegam aos cargos, apesar do que são e por necessidade, concordam com tudo o que diz o fariseu, para não se tornarem insuportáveis à multidão.<sup>39</sup>

Exerciam grande influência sobre o Templo (desapareceram junto com ele, após sua destruição) e o Sinédrio, instância de governo da Judeia. Obviamente, para eles era conveniente não esperar, nem crer na vinda do messias. “Aceitar um juízo e uma retribuição após a morte seria perder a segurança”.<sup>40</sup>

*Os essênios.* Graças às descobertas dos manuscritos do Mar Morto, esse é o grupo do qual temos uma melhor compreensão. Eles “evoluíram dos círculos dos assideus, cujo protesto contra a helenização do culto em Jerusalém desencadeou a revolta dos Macabeus”<sup>41</sup> por não terem aceitado a nomeação de Simão como sacerdote não descendente de Sadoc (eis a origem do nome do grupo dos saduceus). Eram mais conservadores e escrupulosos do que os fariseus. “Na época de Jesus, vivem em comunidades com estilo de vida bastante severo, caracterizado pelo sacerdócio e hierarquia, legalismo rigoroso, espiritualidade apocalíptica e a pretensão de ser o verdadeiro povo de Deus”.<sup>42</sup> Essas comunidades, em que viviam, ficavam localizadas em acampamentos no deserto. “Sua separação absoluta e rigorosa disciplina

<sup>35</sup> NOLAN, Albert. *Jesus antes do cristianismo*. 7. ed. São Paulo, Paulus, 2010. p. 28.

<sup>36</sup> Cf. VV.AA. *Flávio Josefo*, 1986, p. 45. (Ant. XVIII, 150).

<sup>37</sup> KOESTER, 2005a, p. 231.

<sup>38</sup> NOLAN, 2010, p. 29.

<sup>39</sup> VV.AA. *Flávio Josefo*, 1986, p. 45. (Ant. XVIII, 11-25).

<sup>40</sup> SAULNIER, Christiane; ROLLAND, Bernard. *A Palestina no tempo de Jesus*. São Paulo: Paulus, 2012. p. 77.

<sup>41</sup> KOESTER, 2005a, p. 236.

<sup>42</sup> STORNIOLO, 1990, p. 1177.

precisam ser compreendidas como sua resposta à crença de que o fim do mundo estava próximo”.<sup>43</sup> E para a chegada desse fim iminente esperavam, por sua vez, “várias figuras ‘messiânicas’ (‘ungidas’, isto é, divinamente autorizadas): o profeta escatológico, o rei messiânico da casa de Davi e o sacerdote da casa de Aarão”.<sup>44</sup> Apesar de estarem prontos para a guerra santa, “recusam-se a iniciá-la enquanto Deus não lhes der o sinal”.<sup>45</sup> Josefo destaca como prática da justiça, o fato de colocarem suas coisas em comum, visto que “vivem, pois entre eles e desempenham o papel de servo uns para com os outros”.<sup>46</sup>

*Os zelotes.* Na opressão dos romanos, os zelotes são o ícone do descontentamento e da tentativa de superação daquele momento histórico, utilizando-se, caso precisem, de meios violentos. Flávio Josefo data o surgimento dos zelotes no inverno de 67-68 d.C. e considera-os como salteadores ou bandidos, organizados sob a forma de “seita”, antes deste marco.<sup>47</sup> Eles são caracterizados por um forte sentimento nacionalista e visam à restauração política de Israel. Motivados “pelo zelo fanático pela Lei, pleitearam arduamente a revolta violenta, e até mesmo uma ‘guerra santa messiânica’ contra os romanos”.<sup>48</sup> Entre os anos de 66 a 73 d.C., os zelotes encabeçaram a chamada guerra judaica (e aqui está sua origem), e Massada “se tornou o último bastião de resistência dos revolucionários contra o império romano”.<sup>49</sup> Cercados na fortaleza, os zelotes (em torno de umas 960 pessoas) preferiram o suicídio coletivo a se entregarem aos romanos. Para esse grupo, a dominação romana retardava a vinda do messias e uma revolta apressaria a sua chegada para que o reino acontecesse em Israel.

Os quatro grupos acima tinham uma expectativa em relação ao futuro próximo. À exceção dos saduceus, para quem as coisas estavam bem, os demais esperavam dias melhores. Sem dúvidas, há diferenças entre os grupos, embora se aproximem, ao menos, num ponto. Tal semelhança não reside no fato de haver forte ligação dos grupos com a política. Os quatro grupos têm em comum a relação com o poder. Os saduceus são beneficiados pelos romanos, pela posição que ocupam, e exercem o poder político na administração da Judeia. Já os outros três grupos têm como motor a crítica ao Império Romano, mas visam a governar o país em nome de um nacionalismo que os faça expulsar os romanos da Judeia e tomar posse do poder,

<sup>43</sup> NOLAN, 2010, p. 28.

<sup>44</sup> KOESTER, 2005a, p. 238.

<sup>45</sup> SAULNIER; ROLLAND, 2012, p. 83.

<sup>46</sup> VV.AA. *Flávio Josefo*, 1986, p. 45-46. (Ant. XVIII, 11-25).

<sup>47</sup> Cf. SAULNIER; ROLLAND, 2012, p. 78. Horsley também não concorda com a leitura histórica tradicional, que, segundo ele, é errônea (ao situar os zelotes como já existentes e organizados antes da guerra judaica – 66-73 d.C.). Para ele, o Judas do ano 4 a.C., por exemplo, é provável que tenha pertencido a “uma associação relativamente de professores e outras pessoas que tinham se unido em reação à imposição repentina do domínio romano direto e simultâneo censo com fins tributários”. HORSLEY, 2010, p. 73.

<sup>48</sup> HORSLEY, 2010, p. 133.

<sup>49</sup> KAEFER, José Ademar. *Arqueologia das terras da Bíblia*. São Paulo: Paulus, 2012. p. 58.

por modos diferentes. Foi nessa conjuntura que Jesus anunciou o “Reino de Deus” como uma proposta diferente, especialmente para os que mais sofriam. A seguir, veremos qual a situação social do povo, os interlocutores privilegiados de Jesus.

### 1.2.2 O ambiente histórico-social de Jesus

Como era de se esperar, o povo vivia uma situação bem diversa àquela dos grupos acima referidos. Quando comparadas as cidades com as aldeias da Palestina, percebiam-se as diferenças sociais naquela sociedade. As aldeias, em geral, contavam com uma população de 400 a 600 pessoas, a grande maioria constituída por pobres; já as grandes cidades tinham população entre 10.000 e 60.000 habitantes. Havia também as vilas (menores que as aldeias) e as cidadezinhas campestres (situadas entre as aldeias e as grandes cidades, em termos de população).<sup>50</sup> Via de regra, as cidades grandes eram bastante helenizadas e “detinham o controle administrativo e econômico sobre as aldeias vizinhas e pequenas cidades”.<sup>51</sup>

No Império romano as cidades eram construídas para residência das classes dirigentes. Nelas viviam os governantes, os militares, os arrecadadores de impostos, os funcionários e administradores, os juízes e tabeliães, os grandes proprietários de terras e os responsáveis por armazenar os produtos. A partir das cidades administrava-se o campo e extraíam-se os impostos. A desigualdade do nível de vida entre as cidades e as aldeias era patente.<sup>52</sup>

Nas aldeias viviam as pessoas mais pobres. Como já dito, das aldeias saía o sustento das grandes cidades e também do próprio Império.

A base econômica da Palestina no primeiro século é formada pela agricultura, pecuária (juntamente com a pesca) e artesanato. A agricultura é desenvolvida principalmente na Galileia, região ao norte da Palestina, onde se concentra a grande produção de trigo, cevada (os dois eram a alimentação do pobre), olivais, lentilha, ervilha, romã, tâmara e maçã. Ali estavam grandes proprietários de terras e pequenos agricultores. Na pecuária era comum a criação de gado, ovelhas e cabras, principalmente na Judeia, região ao sul. A pesca era realizada principalmente no Lago de Genesaré, Mar Mediterrâneo e Rio Jordão. Por último, o artesanato desenvolveu-se principalmente nas cidades e aldeias através da cerâmica (vasilhames e artigos de luxo), trabalhos em couro (sapatos e peles curtidas), fiação e tecelagem (aproveitamento de lã de carneiros).<sup>53</sup>

Para sustentar todos os projetos do Império Romano (incluíam-se os de Herodes, o Grande, Antipas, na Galileia, e dos prefeitos, na Judeia), além da aristocracia sacerdotal, que vivia a maior parte em Jerusalém, era necessário o pagamento de altos tributos e taxas. “O

<sup>50</sup> Cf. VOIGT, 2014, p. 57s.

<sup>51</sup> VOIGT, 2014, p. 60.

<sup>52</sup> PAGOLA, José Antonio. *Jesus: aproximação histórica*. Petrópolis: Vozes, 2010. p. 47.

<sup>53</sup> SCHLAEPFER; OROFINO; MAZZAROLO, 2011, p. 129s.

povo labutava sob um fardo duplo de taxaço: dízimos e outras obriga es pagas ao templo e aos sacerdotes e tributos e outras taxas pagas a Roma”.<sup>54</sup> As taxas eram muitas e altas, e quem as pagava eram, sobretudo, os camponeses. O Império Romano e o templo (e sacerdotes), segundo alguns autores, cobravam um total de quatorze taxas e impostos,<sup>55</sup> mecanismo de controle sobre a produ o dos camponeses. Isso agravava as diferenças sociais

entre a grande maioria da popula o camponesa e a pequena elite que vivia nas cidades. O mesmo acontecia na Galileia. São os camponeses das aldeias que sustentam a economia do país; eles trabalham a terra e produzem o necessário para manter a minoria dirigente. Nas cidades não se produz; as elites precisam do trabalho dos camponeses.<sup>56</sup>

A explora o a que os camponeses estavam submetidos tinha por pretexto defender e proteger as terras e administrar o país. Essa situa o gerava insatisfa o entre a popula o mais pobre, pois “para muitas famílias ia embora em tributos e impostos um terço ou a metade do que produziam”.<sup>57</sup> Devido a essa insatisfa o, Herodes e Pilatos, por exemplo, tinham aversão e controlavam agrupamentos de pessoas, que poderiam provocar uma rebelião contra o governo. Isso porque “a angústia nas famílias e comunidades (...) teria sido mais complexa do que a escassez econômica em si, pois as dificuldades econ micas trariam rapidamente como consequência também a desintegra o social”.<sup>58</sup> Horsley refere-se ao banditismo social e às revoltas (não necessariamente violentas) contra a explora o fiscal romana e religiosa.<sup>59</sup>

“Os romanos permitiam o exercício da religião judaica enquanto ela não assumisse nenhuma forma além de meras celebra es c lticas, f  pessoal e reforço   ordem social local”.<sup>60</sup> O juda simo no tempo de Jesus tinha por centro o Templo em Jerusalém e como eixo a separa o entre o puro e o impuro, em que os sacrifícios oferecidos expiavam os pecados. Vivendo a fé nestes moldes, portanto, os judeus não ofereciam perigo   ordem romana,

<sup>54</sup> HORSLEY, 2010, p. 12.

<sup>55</sup> A saber: *Tributum soli*; *Tributum capitis*; Coroa de ouro; Imposto sobre o sal; Imposto na compra e venda; Imposto de registro; imposto para exercer a profissão; Imposto sobre uso de bens de utilidade pública; pedágios ou alfândega; Trabalho forçado – corveia; Despesa especial para o exército; Imposto para a manuten o do templo; Imposto do D zimo, para a manuten o dos sacerdotes; Imposto das Prim cias, para a manuten o do culto. Cf. SCHLAEPFER; OROFINO; MAZZAROLO, 2011, p. 131s.

<sup>56</sup> PAGOLA, 2010, p. 43.

<sup>57</sup> PAGOLA, 2010, p. 45.

<sup>58</sup> HORSLEY, 2004, p. 67.

<sup>59</sup> “O bandido social simplesmente, digamos, ‘faz justiça’. ‘Ele não procura estabelecer uma sociedade de liberdade e igualdade’. Até mesmo em situa es em que são chamados como líderes de grandes revoltas de camponeses e chefiam ataques mais s rios contra o governo, geralmente não são revolucionários; não têm ‘programa algum exceto acabar com a máquina da opressão’. Muito raramente, o banditismo social leva a uma rebelião popular mais s ria”. HORSLEY, 2010, p. 35.

<sup>60</sup> HORSLEY, 2010, p. 41.

embora sempre as grandes festas em Jerusalém representassem um perigo em potencial.<sup>61</sup> Como o Templo ocupava o lugar central, também recebia destaque o sacerdote e seu papel de mediador no oferecimento do sacrifício.

O israelita que quer oferecer um sacrifício começa, entrando no Templo, por comprar o animal ou os animais que quer oferecer, bem como a farinha e o óleo necessários para praticamente todas as ofertas. Depois penetra no segundo recinto e vai ao pátio de Israel. Apresenta-se a um sacerdote, reconhecível pelo seu traje especial (vestes de linho branco). Este o conduz então, através do pátio dos sacerdotes, que, nesta circunstância, um leigo pode atravessar, até ao pé do altar.<sup>62</sup>

Este modo de ser do judaísmo excluía, evidentemente, os mais pobres, pois além de necessitarem do dinheiro para ir a Jerusalém, precisariam de mais dinheiro para comprar a oferenda que dariam em sacrifício. Uma alternativa, que não substituía o templo no judaísmo era a sinagoga. A fim de ler as Escrituras e manter a familiaridade com a Lei, o judaísmo pós-exílico criou as sinagogas: era o lugar onde judeus se encontravam. Ela era lugar de oração e, ainda, o lugar que “servia de espaço na aldeia para atividades comunitárias”.<sup>63</sup> “Havia sinagogas em praticamente todos os povoados”.<sup>64</sup> Isto garantia para a maioria dos judeus o acesso, ao menos no sábado, ao estudo das Escrituras. “O objeto principal destas reuniões de sábado não era a celebração do culto religioso em sentido estrito, mas o ensinamento religioso, isto é, a instrução na Torá” (tradução nossa).<sup>65</sup> Por ser lugar de ensino, da sinagoga provinham também as ideologias que chegavam ao povo. Nela, via de regra, por estar bem longe de ler e entender a Lei era onde o povo “aprendia”. Os escribas e fariseus eram os responsáveis por este ensino. Assim, os fariseus exerciam forte poder ideológico perante o povo: “buscam uma interpretação fiel e criativa a respeito de situações das que a Lei não fala”.<sup>66</sup> Resultado disso foi uma inflação de mandamentos (613 no total) e mais uma forma de distanciar o povo de Deus (pois era incapaz de conhecer tudo isso e praticar a Lei – havia assim, uma “falsa experiência de Deus” no judaísmo). Como vimos, os essênios separaram-se do povo mais do que os fariseus e não eram uma alternativa acessível às massas.

<sup>61</sup> “O motivo fica claro quando colocamos a celebração da liberdade em justaposição à opressão estrutural da situação imperial. Como os judeus já não tinham sua liberdade (a essência humana estava ‘sem realidade’), devido à situação imperial, sobrava somente a celebração da libertação na fantasia religiosa (‘a realização fantástica da essência humana’)”. HORSLEY, 2010, p. 32.

<sup>62</sup> SAULNIER; ROLLAND, 2012, p. 42.

<sup>63</sup> STAMBAUGH; BALCH, 1996, p. 76.

<sup>64</sup> VOIGT, Emilio. *Jesus de Nazaré: manual de estudos*. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2008. p. 19.

<sup>65</sup> *El objeto principal de estas reuniones del sábado no era la celebración del culto religioso en sentido estricto, sino la enseñanza religiosa, es decir, la instrucción en la Torá*. SCHÜERER, Emil. *Historia del pueblo Judío en tiempos de Jesús: 175 a.C. – 135 d.C.* Madrid: Ediciones Cristiandad, 1985. Tomo II. p. 551.

<sup>66</sup> GALLARDO, Carlos Bravo. *Jesus, homem em conflito: o relato de Marcos na América Latina*. São Paulo: Paulinas, 1997. p. 67.

Ao mesmo tempo, “os fariseus, os saduceus e a comunidade de Qumran eram todos produtos da e respostas à crise para a qual a sociedade judaica fora empurrada durante sua sujeição a impérios dominantes”.<sup>67</sup> Talvez os saduceus tenham se “livrado” dessa crise, mas impuseram outra tão grave quanto aquela de que fugiam, durante o período romano na Palestina. Chegamos, então, ao questionamento: Qual a alternativa para um mundo e uma sociedade cujos fundamentos estão corrompidos há muito tempo? Bastaria outra forma de fazer política? Qual deveria ser o centro das coisas e do homem para que outro ordenamento fosse estabelecido? A seguir, veremos como Jesus via esses desafios e qual sua proposta.

### 1.2.3 A proposta de Jesus

Jesus não se insere, nem se encaixa em qualquer dos grupos ou filosofias de seu tempo. Não será separado, antes estará inserido no meio de seu povo; não estará ligado ao templo ou fará apologia ao uso da violência para inaugurar um tempo novo; e, muito menos, se preocupará com o dinheiro ou o poder ou privilégios. Claramente, não vai identificar-se com o messias esperado pelos judeus de seu tempo. No cerne de tudo, para Jesus, está o *reinado de Deus*.<sup>68</sup> Suas palavras e opções denotarão como esse reinado já acontece no tempo presente: eis sua Boa Notícia! “Completo-se o tempo, e o Reino de Deus está próximo. Converti-vos e crede na Boa-Nova” (Mc 1,15).<sup>69</sup> Estas são as primeiras palavras de Jesus no evangelho de Marcos. Elas delineiam não apenas o programa de Jesus para este evangelista, mas a chave para o acesso à sua pessoa e prática. “‘Cumpriu-se o tempo’ faz alusão a esse longo prazo em que Israel esteve esperando a visita de Deus em seu auxílio”.<sup>70</sup> Jesus inaugura um tempo novo, o qual não está centrado em sua pessoa, mas em seu anúncio e prática novos.

A novidade trazida por Jesus tem em seu centro a soberania de Deus. Ou seja, a Boa Notícia de Jesus é que Deus já está reinando, desde que as pessoas se abram a Ele! Os contemporâneos de Jesus tinham este horizonte compreensivo comum: o do reinado de Deus, embora nem sempre sob o mesmo prisma, como vimos. Em todo o caso, falar de reinado de Deus não era um tema que causasse estranheza nas pessoas. Apesar desse ponto comum no

<sup>67</sup> HORSLEY, 2010, p. 14.

<sup>68</sup> Em nosso texto, optaremos pela expressão reinado de Deus. Isso porque “a palavra ‘reino’ evoca facilmente um lugar geográfico determinado, e por isso outros preferem a palavra ‘reinado’ que parece falar antes de um estado de coisas, sem limites espaciais”. FAUS, José Ignacio Gonzales. *Acesso a Jesus: ensaio de teologia narrativa*. São Paulo: Loyola, 1981. p. 42. Apesar de nossa opção ser essa, em todas as citações literais conservaremos a escolha de cada autor, lembrando que a maioria usa “reino”.

<sup>69</sup> BÍBLIA Sagrada. Tradução da CNBB. 3 ed. rev. atu. Brasília: Edições CNBB, 2006. Todas as citações bíblicas de nosso texto, salvo haja outra indicação, serão desta tradução da Bíblia. Quando não vier indicado o livro bíblico, necessariamente estaremos citando o Evangelho de Marcos.

<sup>70</sup> SEGUNDO, Juan Luis. *A história perdida e recuperada de Jesus de Nazaré: dos sinóticos a Paulo*. São Paulo: Paulus, 1997. p. 147.

horizonte compreensivo, definir como Jesus entendia o reinado de Deus não é tarefa tão simples. Assim como para um essênio e um saduceu o reinado de Deus tinha diferentes conotações, para as pessoas em geral também poderia ter. Mais que enquadrar o reinado de Deus em um conceito, ele é uma prática ou modo de vida. Em uma possível definição:

Significava para os ouvintes de Jesus a realização de uma esperança, no final do mundo, de superação de todas as alienações humanas, da destruição de todo o mal, seja físico, seja moral, do pecado, da divisão, da dor e da morte. Reino de Deus seria a manifestação da soberania e senhorio de Deus sobre esse mundo sinistro, dominado por forças satânicas em luta contra as forças do bem, o termo para dizer: Deus é o sentido último deste mundo; Ele intervirá em breve e sanará em seus fundamentos toda a criação, instaurando o novo céu e a nova terra.<sup>71</sup>

A esperança do povo era a de que Deus não deixaria que as coisas ficassem como estavam. Essa esperança não é lançada para a outra vida, mas Jesus a realiza no presente. Ele anuncia, com sua palavra e ação, o fim de um mundo ou de um modo de organizar os reinos humanos. É necessário que, a partir de agora, Deus reine! Essa é a Boa-Notícia de Jesus e, talvez, a maior novidade trazida por ele. Agora, o reinado de Deus faz-se próximo. “Reino de Deus não quer ser um outro mundo, mas o velho mundo transformado em novo”.<sup>72</sup> Por isso mesmo, Jesus empenha todas as suas energias e força em tornar esse reinado uma realidade na vida das pessoas. “Tudo aquilo que ele diz e faz está a serviço do reino de Deus”.<sup>73</sup>

Reinado é uma expressão que abarca o ser humano inteiro e abrange todas as esferas da vida humana: “o Reino inclui claramente a substância social, econômica e política das relações humanas assim como Deus as quer”.<sup>74</sup> Isso, traz uma revolução na vida cotidiana das pessoas. E o papel assumido por Deus nesta dinâmica é primordial, uma vez que o reinado é d’Ele! Conforme a citação acima de Mc 1,15, para Deus poder reinar é necessária a *metanoia* – a conversão, a mudança de mentalidade. Jesus além de propor esta mudança, apresenta aquele que reina de uma forma diferente da habitual: não se trata de um rei nos moldes humanos (nem mesmo retomando Davi, como modelo), mas *Deus* é quem reinará! Deus é o fundamento da nova realidade querida e vivida por Jesus. Não se trata, no entanto, de um deus distante ou justiceiro; mas Deus, chamado de Pai (*Abbá*), que reinará. “O reino é proximidade libertadora de Deus para os homens, que deriva da proximidade com que se experimentou Deus no *Abbá* e que foi descoberta, ao mesmo tempo, como *única e a ser compartilhada*”.<sup>75</sup>

<sup>71</sup> BOFF, Leonardo. *Jesus Cristo libertador: ensaio de cristologia crítica para o nosso tempo*. 21 ed. Petrópolis: Vozes, 2012a. p. 52.

<sup>72</sup> BOFF, 2012a, p. 53.

<sup>73</sup> PAGOLA, 2010, p. 115.

<sup>74</sup> HORSLEY, 2010, p. 151.

<sup>75</sup> FAUS, 1981, p. 40.

O reinado de Deus é expressão da vontade divina: nele, o Deus de Jesus”, é pai de todos os seres humanos e sobre todos eles reina! Não mais um reinado como o de Tibério ou de Herodes, mas um reinado em que não haverá exclusões e morte. A vida e a práxis de Jesus eram “a de que Deus estava trazendo um fim para os poderes demoníacos e políticos que dominavam sua sociedade, de modo que seria possível renovar a vida pessoal e social”.<sup>76</sup>

No próximo item detalharemos mais a vida e a práxis de Jesus, segundo a narrativa marcana. Certo é que Jesus pregava e fazia acontecer outro tipo de viver entre as pessoas como forma de superação dos reinados humanos. Neles a desumanização é preço a ser pago para que uns poucos reinem e sejam felizes neste mundo. Entrar no reinado de Deus “é ‘sair’ do império que os ‘chefes das nações’ e os poderosos do dinheiro procuram impor”.<sup>77</sup>

Tudo isso Jesus anuncia e realiza de modo a ser caracterizado como humano ou humanizador. Não impõe a força ou a coerção para atingir o fim, isto é, o reinado de Deus. Jesus traz a proposta de salvação que Deus tem para a humanidade e propõe novo modo de viver. Por isso mesmo: “tudo o que é autenticamente humano aparece em Jesus: ira e alegria, bondade e dureza, a amizade, a tristeza e a tentação”.<sup>78</sup> Em oposição a uma teologia que poderia legitimar um Jesus tão divino e onisciente, Faus nos adverte que

a vida de Jesus não foi uma espécie de “consciência de ser Deus na terra” desde sua mais tenra infância, e de estar na terra para morrer por nós e dessa maneira remir-nos porque assim havia determinado o Pai. Em consonância com isso, essa vida também não foi vivida como um simples “compasso de espera” até que chegasse o momento de morrer, um compasso de espera que seria aproveitado para dar-nos uma série de exemplos e de ensinamentos e confirmar com uma série de milagres que aqueles ensinamentos eram divinos.<sup>79</sup>

Não abordaremos aqui a autoconsciência de Jesus quanto à clareza que tinha em ser Deus. No tocante a isso, basta confirmar que “a verdadeira e real humanidade de Jesus, como sendo a própria divindade presente e não apenas como instrumento dela”.<sup>80</sup> Com isso, concordamos que a verdadeira divindade de Jesus consistiu em ser plenamente humano (o que aprofundaremos no terceiro capítulo). No entanto, cabe lembrar que “Jesus veio para ser e viver o Cristo e não para pregar o Cristo, ou anunciar-se a si mesmo”.<sup>81</sup> Ou seja, para Jesus a questão primordial não era tornar-se conhecido e adorado por ser Deus ou messias, mas tornar o reinado de Deus realidade, para que as pessoas se realizassem humanamente. Ao indicar o

<sup>76</sup> HORSLEY, 2010, p. 140.

<sup>77</sup> PAGOLA, 2010, p. 136.

<sup>78</sup> BOFF, 2012a, p. 88.

<sup>79</sup> FAUS, 1981, p. 34.

<sup>80</sup> BOFF, Leonardo. *Paixão de Cristo, paixão do mundo: os fatos, as interpretações e o significado ontem e hoje*. 7 ed. Petrópolis: Vozes, 2012b. p. 95-96.

<sup>81</sup> BOFF, 2012a, p. 96.

caminho pelo qual o ser humano pode se realizar, ele é o primeiro a viver aquilo em que acredita, “contagiando” as pessoas com sua prática e um novo modo de ver o mundo, as relações e as pessoas, ingressando numa nova dinâmica de viver, em que Deus reina. Em contraposição ao modo humano de construir a sociedade (ou seus reinos), Jesus sinaliza que

a boa notícia de Deus não pode provir do esplêndido palácio de Antipas em Tiberíades; nem das suntuosas vilas de Séforis nem do luxuoso bairro residencial das elites sacerdotais de Jerusalém. A semente do reino só pode encontrar terra boa entre os pobres da Galileia.<sup>82</sup>

Ao buscar os esquecidos pela sociedade injusta e desumanizante, Jesus não só lhes dá uma chance, mas começa um novo modo de viver, o qual é germe do reinado de Deus. Seria preciso começar praticamente do zero, e, para isso, contar com pessoas que não fossem corrompidas pelo poder. Talvez por isso mesmo, tenha evitado as grandes cidades como Séforis ou Tiberíades, que os evangelhos não mencionam. Também escolheu discípulos. “Seu objetivo é ajudá-los a intuir como é e como age Deus, e como será o mundo e a vida se todos agirem como ele. É isso que ele quer comunicar com sua palavra e com sua vida”.<sup>83</sup>

Vimos, destarte, que à situação de opressão imposta pelos romanos, o judaísmo ensaiava diversas respostas. As filosofias ou seitas que existiam na época de Jesus pensavam que bastaria mudar a forma de “aceitar” o Império dos romanos. Mas todas elas coincidiam na “crença da validade das instituições e no privilégio de Israel; mas de uma maneira ou outra, todos, salvo os saduceus, propunham uma reforma que renovasse as instituições” (tradução nossa).<sup>84</sup> Jesus, ao invés de propor uma mudança a partir de cima, começa pelo povo mais simples, explorado e sofrido, proclamando e “praticando” o Reinado de Deus. Quatro evangelhos registraram essa prática. Deter-nos-emos no modo de Marcos, narrá-la.

### **1.3 Um testemunho da prática de Jesus: o evangelho de Marcos**

Até aqui vimos que os romanos dominavam boa parte do mundo conhecido, incluindo a Palestina. Em seguida, apresentamos as filosofias existentes no tempo de Jesus, o modo de vida do povo mais simples e como Jesus fez ecoar a Boa-Nova naquele ambiente. Para retomar a prática de Jesus, não há como prescindir dos evangelhos canônicos. Já destacamos alguns elementos que julgamos importantes na reconstrução desta prática, em

---

<sup>82</sup> PAGOLA, 2010, p. 114.

<sup>83</sup> PAGOLA, 2010, p. 115.

<sup>84</sup> *La creencia en la validez de las instituciones y en el privilegio de Israel; pero, una o de otra, todos, salvo los saduceos, propugnaban una reforma que renovase las instituciones.* MATEOS, Juan; CAMACHO, Fernando. *El horizonte humano: la propuesta de Jesús*. 3. ed. Cordoba: Ediciones el Almendro, 1990. p. 55.

termos gerais<sup>85</sup>. A partir deste ponto, buscaremos compreender como Marcos narra em seu evangelho a prática de Jesus. Iniciaremos vendo como surgiu o gênero literário evangelho, bem como a relação entre os chamados evangelhos sinóticos (1.3.1). Depois, faremos uma aproximação ainda maior ao evangelho de Marcos, considerando-o em seu ambiente histórico-social, a fim de sabermos quais são seus destinatários, autor e data (1.3.2). Por fim, buscaremos pela teologia desse evangelho, analisando como Marcos organizou seu material ao longo da obra (1.3.3) e outros pontos importantes de sua teologia (1.3.4).

### 1.3.1 O surgimento de um gênero literário em meio a novos desafios: o evangelho

Os textos mais antigos do Novo Testamento são as cartas paulinas, tidas como autênticas.<sup>86</sup> Ao escrevê-las, o apóstolo estava muito próximo cronologicamente de Jesus. Embora Paulo não tenha conhecido pessoalmente seu Mestre, não sente necessidade de escrever sobre a identidade, a pessoa ou prática de Jesus, até porque muitos cristãos ou conheceram ou tiveram acesso a pessoas que viram Jesus. Assim, por meio de hinos, profissões de fé e exortações, Paulo mantinha viva e atual a mensagem de Jesus.

No final dos anos 60 surge um novo gênero literário: o evangelho.<sup>87</sup> Seu surgimento, inaugurado por Marcos, é, na verdade, fruto tanto de problemas internos do cristianismo nascente quanto de influências externas a ele mesmo.<sup>88</sup> Com esse panorama de crise como pano de fundo, cada evangelho traz uma imagem de Jesus a dar resposta a desafios concretos em contextos vitais diversos aos do tempo do Nazareno. Desse modo, ao nos aproximarmos de qualquer dos evangelhos, devemos estar conscientes de que por detrás do escrito, há a

<sup>85</sup> Nesse sentido, cabe, ainda, diferenciar: “o Jesus real”, que foi o homem concreto, que viveu na Galileia, na primeira metade do século I; “o Jesus histórico”, que “é um Jesus reconstruído intelectualmente, com toda a probabilidade muito próximo ao Jesus real, mas não necessariamente identificável com ele”; o Jesus teológico, dos quatro primeiros Concílios, e; o Jesus da fé, que é o Jesus crido, que orienta a vida das pessoas e é referência ética para elas. Cf. SCHIAVO, Luigi. *Anjos e messias: messianismos judaicos e origem da cristologia*. São Paulo: Paulinas, 2006. p. 13-15. “O Jesus” apresentado acima é o da pesquisa que busca pelo Jesus Histórico.

<sup>86</sup> A saber: Romanos, 1 e 2 Coríntios, Gálatas, Filipenses, 1 Tessalonicenses e Filemon. Cf. BORTOLINI, José. *Introdução a Paulo e suas cartas*. São Paulo: Paulus, 2007. 3. ed. p. 80.

<sup>87</sup> Evangelho, do grego, εὐαγγέλιον, significa Boa-Nova ou Boa-Notícia. No tempo em que os evangelhos foram escritos esse termo já era utilizado entre os romanos para anunciar, por meio de uma inscrição, o nascimento do rei, o qual se situa na “data em que começaram as boas notícias (*euangelia*), pois aquele nascimento abriu uma nova era de paz e prosperidade para os povos. Essa inscrição descreve a Augusto como o *sôter* ou salvador, portador de fortuna (*tykhê*), fundamento de paz e presença de Deus para os habitantes do seu império” (tradução nossa). Texto original: *fecha en la que comenzaron las buenas noticias (euangelia), pues aquel nacimiento abrió una nueva era de paz y prosperidad para los pueblos. Esa inscripción describe a Augusto como sôter o salvador, portador de fortuna (tykhê), fundamento de paz y presencia de Dios para los habitantes de su imperio*. PIKASA, Xabier. *Evangelio de Marcos: La buena noticia de Jesús*. Navarra: Verbo Divino, 2012. p. 36.

<sup>88</sup> Cf. SCHNELLE, Udo. *Teologia do Novo Testamento*. São Paulo: Paulus; Santo André (SP): Academia Cristã, 2010. p. 467. Schnelle situa “esse desenvolvimento natural e inevitável devido ao prolongamento do tempo era reforçado pela morte das figuras fundadoras, pela perseguição dos cristãos em Roma, pela perda do Templo e da comunidade primitiva, bem como pela propaganda político-religiosa dos flavianos” (p. 480).

intencionalidade do autor e um contexto concreto que forjou o texto bíblico. Por exemplo: ao nos abeirarmos do texto de Marcos e no intuito de conhecer melhor Jesus, chegaremos com mais certeza ao “Jesus de Marcos” do que do “Jesus real”.

Apesar de todos os escritos do Novo Testamento serem já *interpretações* de Jesus procedentes de uma fé nele e de não termos nenhum documento neutral ou “histórico”, no sentido estrito que hoje damos a esse termo, é evidente que os documentos que mais se aproximam de tais características são os três evangelhos chamados sinóticos: o de Marcos, o de Mateus e o de Lucas.<sup>89</sup>

Dos quatro evangelhos canônicos, Marcos foi o primeiro a ser editado. Muitos estudiosos admitem que, quando Marcos escreveu seu evangelho, já existiam muitas coisas escritas, mas de maneira independente, como se fossem “peças”. Ao redigir o evangelho, “cada uma das peças recebeu do resto da obra uma nova dimensão: passou a fazer parte de um todo”.<sup>90</sup> Por isso, Schnelle situa o evangelho de Marcos num “processo que começou antes dele”,<sup>91</sup> por ele se servir de fontes existentes antes de seu próprio texto. Abaixo dataremos o evangelho de Marcos como redigido em torno do ano 70. Já os outros dois evangelhos foram escritos depois (Mateus pelos anos 90, e Lucas um pouco depois disso). Dos sinóticos, pois,

Marcos seria o mais antigo. Com ele, Mateus tem 600 versículos em comum e Lucas tem 350. Por sua vez, Mateus e Lucas têm 235 versículos em comum, ausentes em Marcos. Isto mostra que Mateus e Lucas se basearam em Marcos e numa outra fonte, comum aos dois.<sup>92</sup>

Esta é a chamada Fonte Q<sup>93</sup> – em alemão *Quelle*: Fonte. Ou seja: Mateus e Lucas tiveram basicamente três fontes: Marcos, Q e material próprio.<sup>94</sup> Associando os diferentes momentos em que os evangelhos foram escritos com a criatividade autoral de cada redator (e os desafios concretos de cada comunidade a que se endereça) temos as peculiaridades de cada escrito. Isso explica, por exemplo, as diferenças ou os detalhes de cada evangelho ao narrar algo que teria por base o mesmo fato ou discurso. Isto é, “os evangelhos caracterizam-se por fatores que criam sentido, por fios vermelhos e que determinam o curso da narração”.<sup>95</sup> Mesmo sendo um arranjo literário, com intenção determinada pelo próprio autor (ao qual o fio

<sup>89</sup> SEGUNDO, 1985, p. 67.

<sup>90</sup> INICIAÇÃO à Bíblia. São Paulo: Paulinas, 1982. v. 3. 2ª parte. p. 59.

<sup>91</sup> SCHNELLE, 2010, p. 479.

<sup>92</sup> INTRODUÇÃO geral aos evangelhos. São Leopoldo: Cebi, 1998. p. 39.

<sup>93</sup> A Fonte Q ou Fonte dos Ditos “contém quase exclusivamente *palavras de Jesus*, por exemplo palavras de sabedoria, palavras proféticas e apocalípticas, palavras sobre a Lei e regras comunitárias, assim como parábolas”. “A principal preocupação do anúncio era o chamado para o seguimento de Jesus em face do Reino iminente de Deus”. THEISSEN, Gerd; MERZ, Annette. *O Jesus histórico: um manual*. 3. ed. São Paulo: Loyola, 2015. p. 48s.

<sup>94</sup> Os materiais próprios de cada evangelista explicam o fato de haver perícopes encontradas apenas em um desses dois evangelhos. Já as passagens presentes em Mateus e Lucas e ausentes em Marcos provêm da Fonte Q.

<sup>95</sup> SCHNELLE, 2010, p. 487.

condutor lhe é característico e peculiar, quando comparado com os demais textos, como nos chegaram) “o material de tradição oferecido por Marcos remonta a um tempo distante e apresenta importantes fontes para a reconstrução do ensino e da vida de Jesus”.<sup>96</sup>

Não temos a pretensão de chegar ao Jesus histórico valendo-nos apenas do evangelho de Marcos. Nem mesmo de apenas destacar elementos que levariam ao original de Jesus. Queremos, tendo já contextualizado Jesus em seu ambiente, localizar elementos importantes de sua prática, no evangelho de Marcos. Avançaremos certos de que “todos os evangelistas estão convencidos de que, com suas histórias de vida de Cristo, estão reproduzindo algo de verdadeiro do que aconteceu (especialmente claro em Lc 1,1-4). Entretanto, é bem variada a maneira como o reproduzem”.<sup>97</sup> Aproximemo-nos do contexto histórico de Marcos.

### 1.3.2 O ambiente histórico-social das comunidades de Marcos

Em cada evangelho está no pano de fundo o contexto histórico-social a que se endereça. Embora narre, grosso modo, fatos da vida de Jesus, o evangelista concretamente pensa em desafios postos aos cristãos da comunidade para a qual escreve. Considerando esse aspecto redacional, deixar-nos-emos guiar por Marcos, para, através dele, chegar a Jesus, certos de “que o ensinamento cristológico do Evangelho de Marcos é revelação verdadeira mas parcial da identidade de Jesus Cristo”<sup>98</sup> em relação à doutrina cristológica que se formou posteriormente. Vejamos o contexto histórico em que surge esse evangelho, a fim de descobrirmos qual a Boa-Nova de Jesus para aquele tempo.

*Autoria.* Conforme dissemos, Marcos foi o primeiro evangelho canônico ao qual temos acesso. No entanto, “o evangelho não contém o nome de seu autor, nem aparece em lugar algum o eu literário do compositor” (tradução nossa).<sup>99</sup> Somente após algumas décadas da redação do evangelho é que surgirá uma tradição a atribuir a autoria do evangelho a alguém. No início do século II, Pápias, bispo de Hierápolis, relata o testemunho de um “ancião” chamado João, o qual atribuiria a Marcos a autoria do segundo evangelho canônico.<sup>100</sup> Isso ocorreu num período em que a “tradição cristã tendia a atribuir a autoria dos

<sup>96</sup> THEISSEN; MERZ, 2015, p. 48.

<sup>97</sup> SCHNACKENBURG, Rudolf. *Jesus Cristo nos quatro evangelhos*. São Leopoldo: Unisinos, 2001. p. 332.

<sup>98</sup> MALONEY, Elliott C. *Mensagem urgente de Jesus para hoje: o Reino de Deus no Evangelho de Marcos*. São Paulo: Paulinas, 2008. p. 37.

<sup>99</sup> *El evangelio no contiene el nombre de su autor ni aparece en lugar alguno el yo literario del compositor*. GNILKA, Joachim. *El evangelio según San Marcos I (Mc 1,1 – 8,26)*. Salamanca: Sígueme, 1986. p. 38.

<sup>100</sup> Para não nos tornarmos repetitivos, ao nos referirmos a esse evangelho, sempre que dissermos “primeiro evangelho escrito”, “segundo evangelho canônico”, “evangelho de Marcos” ou “texto marcano” estaremos nos referindo ao mesmo texto bíblico. “Marcos” também não se limita a uma pessoa específica (o homem Marcos, discípulo de Pedro) que teria escrito o evangelho, mas ao redator final do evangelho.

evangelhos aos Apóstolos” (tradução nossa).<sup>101</sup> Embora Marcos não tenha sido discípulo de Jesus, “trata-se de assegurar a autoridade e o prestígio do evangelho mais antigo ligando-o indiretamente ao apóstolo Pedro” (tradução nossa).<sup>102</sup> Esta tese ainda ajuda a perceber que o testemunho pessoal de Pedro seria uma das fontes do texto marcano,<sup>103</sup> pois Marcos foi discípulo de Pedro. Mas, quem foi Marcos? Aceitaremos a tese, nem sempre unânime<sup>104</sup> de que Marcos é o mesmo João Marcos, que aparece considerável número de vezes no Novo Testamento. Esse João Marcos seria

um jovem judeu convertido de Jerusalém, filho de Maria, em cuja casa costumava reunir-se um grupo de cristãos da cidade (At 12,12). Ele acompanhou Barnabé e Saulo a Antioquia (At 12,25) e de lá os seguiu em missão (At 13,5), mas por pouco tempo (At 13,13). Continuou a missão junto com Barnabé (At 15,37.39) e depois voltou a trabalhar com Paulo (Cl 4,10; 2Tm 4,11; Fm 24) e, por fim, com o apóstolo Pedro, em Roma (1Pd 5,13).<sup>105</sup>

Em todo o caso, por mais aproximações que possam ser feitas, não seria injusto dizer que todas, ou a grande maioria delas, são especulações com as quais dificilmente se chegará a alguma conclusão segura. Atribuir o primeiro evangelho escrito a Marcos foi a forma encontrada para dar ao texto autoridade apostólica, favorecendo sua recepção entre os cristãos. Segundo Reimer, e sua hipótese tem alta plausibilidade de ser veraz, o peso das fontes utilizadas para redigir o evangelho de Marcos está “mais nas tradições escritas e orais que circulavam pela(s) comunidade(s) do que na memória de uma única possível testemunha ocular, o que, no caso, João Marcos nem sequer seria”.<sup>106</sup> Aquele que chamamos *autor*, na verdade, seria o *redator final do evangelho*, o qual organizou o material de que dispunha de modo que este material revelasse uma teologia (mensagem acerca da pessoa de Jesus) aos seus leitores. Dificilmente este redator seria “o Marcos” a que nos referimos acima.

*Data.* Para datar a redação final do evangelho de Marcos o capítulo 13 sempre foi de suma importância. A Guerra Judaica já havia começado e suas consequências são sentidas nas entrelinhas do texto marcano: “Jerusalém e suas construções e instituições ainda não estão destruídas, ou pelo menos não completamente. Encontravam-se, sim, sob a ameaça da ruína

<sup>101</sup> *En una época en que la tradición cristiana tendía a atribuir la autoría de los evangelios a los Apóstoles.* TAYLOR, Vincent. *Evangelio según San Marcos*. Madrid: Ediciones Cristiandad, 1980. p. 50.

<sup>102</sup> *Se trata de asegurar la autoridad y el prestigio del evangelio más antiguo ligándolo indirectamente al apóstol Pedro.* GNILKA, 1986, p. 39.

<sup>103</sup> Cf. TAYLOR, 1980, p. 120. Pedro teria sido uma das fontes de Marcos, especialmente nos trechos: 1,21-29; 4,35 – 5,43; 6,30-56; 7,24-37; 8,27 – 9,29 e ainda no relato da Paixão. Atualmente essa tese é muito contestada, sobretudo no concernente ao relato da Paixão.

<sup>104</sup> Cf. BROWN, 2004, p. 244-247.

<sup>105</sup> MOSCONI, Luis. *Boa Notícia de Jesus Cristo segundo Marcos para ser discípulos hoje*. São Paulo: Loyola, 2012. 16 ed. rev. p. 35.

<sup>106</sup> REIMER, Ivoni Richter. *Compaixão, cruz e esperança: teologia de Marcos*. São Paulo: Paulinas, 2012. p. 41-42.

que estava às portas; os exércitos romanos já haviam reocupado a maior parte do território...”.<sup>107</sup> Aproximando o texto marcano do capítulo 13 com este contexto há a forte plausibilidade histórica de o segundo evangelho canônico ter sido escrito em torno dos anos 70. Assim, considerando os elementos indicados por Schnelle para sublinhar a necessidade de escrita dos evangelhos<sup>108</sup> e assumindo a tese de Reimer achamos ser mais verossímil datar a redação do evangelho de Marcos no final dos anos 60, mesmo que alcance o início dos anos 70, no máximo (contrariando aqui a tese desta autora, mas em concordância com outros).<sup>109</sup>

*Local de composição e destinatários.* A data de composição do evangelho marcano foi em um período no qual os cristãos passavam pela dificuldade de reconhecer a humanidade de Jesus, priorizando um Jesus divinizado, situado numa religião triunfalista (na prática).

Por causa dos latinismos e da relação desse escrito com Pedro, a tradição sustentava que Marcos fora escrito em Roma, mas isso é muito improvável. Nesse período inicial, a autoridade de Pedro provavelmente predominava mais na Síria do que em Roma, e latinismos podiam ocorrer onde quer que uma guarnição romana estivesse estacionada e uma administração romana provincial fosse instalada. (...) Se a catástrofe da Guerra Judaica foi um catalisador para a composição de Marcos, o reino sírio-palestino seria de qualquer modo o preferido.<sup>110</sup>

Estamos diante de duas hipóteses de destinatários do evangelho de Marcos: primeiro Roma, cuja probabilidade é baixa, e, depois, as comunidades da Síria com a cidade de Pella, a sudeste da Galileia, estão cogitadas dentre os possíveis destinatários, elemento a ser agregado “dentro da hipótese maior que considera a região siro-palestinense como lugar da ‘editoração’ final do Evangelho de Marcos”.<sup>111</sup> Sob os aspectos histórico e político, Lopes e Mesters nos auxiliam a entrar neste conturbado ambiente em que o evangelho foi escrito:

A atraente narrativa de Marcos foi escrita dentro de um contexto de perseguição e de medo, vivenciado pelas comunidades cristãs. No ano 64 d.C., Nero desencadeia uma perseguição aos cristãos de Roma, causando a morte de muitos discípulos e discípulas de Jesus. Em 66 d.C., Tibério Alexandre, prefeito do Egito, manda massacrar milhares de judeus por terem se rebelado contra Roma. No verão deste mesmo ano, Géssio Floro manda crucificar judeus em Jerusalém, por terem se rebelado contra o saque que ele havia realizado no tesouro do templo. Estoura a guerra dos judeus contra Roma, que só termina com o cerco de Massada, em 73 d.C. Muitos cristãos eram judeus e entraram em conflito, questionando-se se deveriam ou não embarcar nessa guerra. A ameaça da perseguição se generaliza. Diante dela, houve cristãos que negaram ou traíram sua fê, muitos se dispersaram. (...) No tempo de Marcos, muitas comunidades que viviam na Palestina foram para a Síria, para a

<sup>107</sup> REIMER, 2012, p. 186.

<sup>108</sup> Cf. SCHNELLE, 2010, p. 480. Entendemos que a morte das figuras fundadoras deve ser considerada como influência à redação dos evangelhos conforme já aceitamos deste autor, mas não direta e exclusivamente a morte de Pedro enquanto fonte oral ao evangelho.

<sup>109</sup> Cf. BROWN, 2004, p. 252, por exemplo.

<sup>110</sup> KOESTER, Helmut. *Introdução ao Novo Testamento: história e literatura do cristianismo primitivo*. São Paulo: Paulus, 2005b. v. 2. p. 182.

<sup>111</sup> REIMER, 2012, p. 44.

Transjordânia e até mesmo para lugares mais distantes como Ásia Menor, Grécia e Macedônia. O medo e a insegurança econômica tornavam a vida mais difícil nestas novas situações. A memória de Jesus, as celebrações, a vivência comunitária da fé eram a luz que ajudava as comunidades a encontrar novos caminhos. É neste contexto que a Boa-Nova de Jesus Cristo, segundo Marcos, foi escrita.<sup>112</sup>

Perseguição, hostilidade, cruz (literalmente)<sup>113</sup> e guerra estavam no horizonte dos cristãos a quem Marcos escreve o seu evangelho. O fato de muitos destes cristãos estarem vacilando na fé e em seu testemunho aumentava a necessidade de retomar a vida e a cruz de Jesus como proposta concreta de seguimento àquele que era o mestre das comunidades. Portanto, a fé era sacudida: onde estava o poder do messias, o enviado de Deus diante de toda aquela situação adversa? Talvez fosse esse o questionamento dos cristãos naquele contexto. Sob o aspecto étnico-cultural, estas mesmas comunidades eram formadas

em grande parte por étnico-cristãos (7,27; 10,12; 13,10) em vista dos quais explicam-se costumes (7,3-4) e termos aramaicos (15,42) pela presença de judeu-cristãos, a comunidade está aberta à missão, como as numerosas referências ao querigma e à catequese deixam entrever (1,21-28; 7,24-30; 14,9), com uma evangelização difundida por toda parte, de casa em casa (6,6b-7.10).<sup>114</sup>

Esta reconstrução do contexto histórico do evangelho ajuda-nos a situar espacial e temporalmente o evangelho de Marcos desde suas origens. Por se tratar de textos intencionais e direcionados para uma realidade concreta urge sempre compreender os textos bíblicos em seu ambiente vital. Com estes elementos esperamos poder compreender melhor o relato de Marcos e o ponto de vista do qual ele escreve e a situação para a qual se destina. Com estas informações de tempo e lugar redacionais do evangelho de Marcos, faremos a seguir um breve sobrevoo no texto, a fim de compreender melhor o Jesus de Marcos.

### 1.3.3 A prática de Jesus organizada no evangelho de Marcos

Como vimos, num ambiente em que o reino de Herodes se impunha com força e soberania humanas, Jesus anuncia e propõe outro reinado ou realidade em que as coisas, as relações e o mundo possam se estruturar. É o Reinado de seu Pai, *Abbá* (entendendo Deus desta forma). Ou seja, Deus não é ou está distante e não seria mais necessário esperar, pois seu reino já havia chegado (cf. 1,15). Passados alguns anos (entre 30 e 40, no total) da morte e ressurreição de Jesus, sua história e vida são resgatadas, por Marcos, para dar sentido e

<sup>112</sup> LOPES, Mercedes. MESTERS, Carlos. Comunidade que partilha – Perspectiva econômica e ecológica do evangelho de Marcos. Petrópolis: Vozes. *Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana/RIBLA*, nº 59, 2008/1. p. 21.

<sup>113</sup> Por não ter havido ainda a Reforma Judaica não se fazia a distinção entre judeus e cristãos.

<sup>114</sup> MARCONCINI, Benito. *Os evangelhos sinóticos: formação, redação, teologia*. 3. ed. São Paulo: Paulinas, 2007. p. 94.

incentivar as comunidades da Palestina e da Síria a seguirem o Mestre, num ambiente hostil ao testemunho da fé no messias. Para melhor veicular sua mensagem, o evangelista, numa composição criativa, organizou seu material de maneira didática. Isto é perceptível não apenas nas perícopes, escolhidas por quem redige o texto, mas também na disposição do material e das conexões internas contidas no texto como um todo, ou seja, sua estrutura literária.

Quanto à estrutura do evangelho de Marcos, há várias propostas dos mais diversos autores. A maioria não coincide exatamente, embora, em linhas gerais, os autores concordem quanto às partes em que o evangelho se divida. Taylor segue o esquema geográfico para estruturar o evangelho.<sup>115</sup> Gnilka adota uma divisão que parece não oferecer um fio condutor que ligue as partes do evangelho entre si, embora siga quase que totalmente ao esquema geográfico.<sup>116</sup> Já Blomberg divide o evangelho em dois grandes blocos, além da introdução, subdividindo cada um em três seções.<sup>117</sup> Vê-se, de acordo com a maioria dos comentários, que Marcos organizou seu evangelho em duas grandes partes, após fazer uma breve introdução (1,1-13). Soares et al. seguem um esquema semelhante para estruturar o evangelho, nomeando de modo diferente dos demais cada parte e seções, sem ficar restrito à geografia.<sup>118</sup> Já Reimer apresenta novidades tanto nos títulos que dá a cada parte e seção do evangelho de Marcos,

<sup>115</sup> TAYLOR, 1980, p. 123-127: “I) Introdução (1,1-13); II) Começo do ministério na Galileia (1,14 – 3,6); III) Culminância do ministério na Galileia (3,7 – 6,13); IV) Ministério fora da Galileia (6,14 – 8,26); V) Cesareia de Filipe. Viagem a Jerusalém (8,27 – 10,52); VI) Ministério em Jerusalém (11,1 – 13,37) VII) A paixão e a ressurreição (14,1 – 16,8 [9-20])” (tradução nossa). I) *Introducción (1,1-13)*; II) *Comienzo del ministerio en Galilea (1,14 – 3,6)*; III) *Culminación del ministerio en Galilea (3,7 – 6,13)*; IV) *Ministerio fuera de Galilea (6,14 – 8,26)*; V) *Cesarea de Filipo. Viaje a Jerusalén (8,27 – 10,52)*; VI) *Ministerio en Jerusalén (11,1 – 13,37)*; VII) *La pasión y la resurrección (14,1 – 16,8 [9-20])*.

<sup>116</sup> GNILKA, 1986, p. 38: “O começo (1,1-15); 1. Jesus atua soberanamente diante de todo o povo (1,16 – 3,12); 2. Doutrina e milagres de Jesus (3,13 – 6,6a); 3. Vai de uma parte a outra (6,6b – 8,26); 4. Convite ao seguimento da cruz (8,27 – 10,45); 5. A atuação de Jesus em Jerusalém (10,46 – 13,37); 6. Paixão e vitória (14,1 – 16,8)”. *El comienzo (1,1-15)*; 1. *Jesús actúa soberanamente ante todo el pueblo (1,16 – 3,12)*; 2. *Doctrina y milagros de Jesús (3,13 – 6,6a)*; 3. *Va de una parte para otra (6,6b – 8,16)*; 4. *Invitación al seguimiento de la cruz (8,27 – 10,45)*; 5. *La actuación de Jesús en Jerusalén (10,46 – 13,37)*; 6. *Pasión y victoria (14,1 – 16,8)*.

<sup>117</sup> BLOMBERG, 2009, p. 153-154: “I. Introdução: o início do evangelho (1,1-13); II. O ministério de Cristo (1,14 – 8,30) [A. A autoridade de Jesus e a cegueira dos fariseus (1,14 – 3,6); B. As parábolas e os sinais de Jesus, a cegueira do mundo (3,7 – 6,6a); C. O ministério de Jesus aos gentios e a cegueira dos discípulos (6,6b – 8,30)]; III. A paixão de Cristo (8,31 – 16,8) [A. Predições da morte e significado do discipulado (8,31 – 10,52); B. Jesus e o templo (11,1 – 13,37); C. O clímax da vida de Jesus (14,1 – 16,8)]”.

<sup>118</sup> SOARES, Sebastião Armando Gameleira; CORREIA JUNIOR, João Luiz; OLIVA, José Raimundo. *Marcos*. São Paulo: Fonte Editorial, 2012. p. 20-31: “I) A casa – a nova prática das mãos (1 – 8); II) O caminho – a nova prática dos pés (8 - 16)”. Cada uma das unidades, seguindo um pouco o esquema dos outros autores, fica dividida em três seções, ficando assim o esquema geral da obra – cf. sumário, p. 9-12: “O prólogo: O evangelho, práxis da nova criação (1,1-13); PRIMEIRA PARTE: Seção I: Jesus em conflito com o sistema de opressão (1,14 – 3,6); Seção II: A casa de Jesus se forma da multidão dos povos (3,7 – 6,6a); Seção III: A partilha do pão no centro da missão de Jesus (6,6b – 8,26); SEGUNDA PARTE: Seção I: Na caminhada para Jerusalém, Jesus abre os olhos do discipulado (8,27 – 10,52); Seção II: O ministério em Jerusalém (11,1 – 13,37); Seção III: A consumação do destino de Jesus: paixão e ressurreição (14,1 – 16,8).

quanto ao marcar em que ponto inicia a segunda parte do evangelho.<sup>119</sup> Analisando as propostas destes cinco autores, elaboramos a que nos guiará daqui por diante:<sup>120</sup>

	1,1-13	Prólogo
1ª Parte	1,14 – 3,6	Jesus traz o Reino: proclama, ensina, cura, confronta
	3,7 – 6,6a	A nova família de Jesus, em que Deus reina
	6,6b – 8,21	A partilha do pão no centro do Reinado de Deus
2ª Parte	8,22 – 10,52	O ensinamento aos discípulos: é preciso abrir os olhos
	11,1 – 13,37	O choque de mentalidades diferentes: Reino x não-reino
	14,1 – 15,47	Narrativa da paixão e ressurreição de Jesus
	16,1-8	A conclusão aberta

Com base nesta estruturação, que acreditamos tenha sido feita pelo redator do evangelho (embora não tenha talvez sequer pensado em títulos parecidos com os que atribuímos), faremos nossa análise das linhas teológicas do segundo evangelho canônico, partindo de sua estrutura literária. Após termos visto o contexto histórico-social das comunidades para as quais Marcos escreve, neste item veremos quais linhas teológicas estão postas neste evangelho. Isto significa captar, em relação ao texto escrito, o esboço de “uma imagem do mundo em seu entorno e de sua própria posição nele, e essa imagem leva a uma autodefinição e oferece orientação”.<sup>121</sup> Veremos, pois o que o “Jesus de Marcos” diz às comunidades concretas a quem o evangelista escreve.

<sup>119</sup> REIMER, 2012, p. 65-69. “Preparação do Ministério de Jesus (1,1-13); PRIMEIRA PARTE: o ministério de Jesus na Galileia (1,14 – 8,21). [Primeira prioridade: proclamar, ensinar, curar, confrontar: 1,14 – 3,6; Segunda prioridade: adesão e rejeição a Jesus: 3,7 – 6,6a; Terceira prioridade: atravessar e vencer o mar: 3,6b – 8,21]. SEGUNDA PARTE: Jesus a caminho e em Jerusalém (8,22 – 16,8). [A jornada para Jerusalém: “abertura dos olhos”: 8,22 – 10,52; O ministério de Jesus em Jerusalém: 11,1 – 13,37; Narrativa da Paixão e ressurreição de Jesus: 14,1 – 16,8]. Acréscimo conclusivo posterior: 16,9-20.

<sup>120</sup> Optamos por estruturar assim o evangelho por perceber que, na primeira parte do evangelho, cada seção termina com uma incompreensão sofrida por Jesus (3,1-6; 6,1-6a; 8,14-21). Notamos, ainda, que a primeira seção da segunda parte do evangelho começa e termina com uma cura simbólica de um cego (8,22-26; 10,46-52), que é símbolo dos próprios discípulos, a quem Jesus ensina ao longo da mesma. Devido ao Reinado de Deus estar em evidência ao longo de toda a atividade de Jesus, não apenas em Marcos, mas nos quatro evangelhos, compreendemos que ele deva estar evidente também em qualquer forma de estruturar o texto, mesmo que ela seja apenas uma interpretação. Sabemos que os títulos que pusermos em cada seção são, antes de qualquer coisa, interpretações que fazemos a partir de nossa leitura do evangelho. Por isso, também, escolhemos não dar título a cada parte do evangelho. O conteúdo de cada uma delas ficará evidente em nossa análise.

<sup>121</sup> SCHNELLE, 2010, p. 481.

### 1.3.3.1 O prólogo (1,1-13)

“Início do Evangelho de Jesus Cristo, Filho de Deus” (1,1). Este é o título do evangelho de Marcos. De maneira muito simples, o evangelista enuncia “o conteúdo de todo o livro: Jesus é o Messias e o Filho de Deus e, por isso, ele mesmo é o Evangelho, a Boa-Nova”.<sup>122</sup> De fato, o evangelho, ao longo dos seus 16 capítulos, terá por meta deixar claro quem é Jesus. De maneira didática, irá, através da narrativa, expor isso: a prática de Jesus em sua atividade messiânica, da qual o texto escrito é somente o início. De fato, no fim do texto (que, na verdade não o conclui, mas abre a narrativa a/o leitor/a), o autor irá remeter novamente para o começo, para a Galileia, onde verão o Ressuscitado. O prólogo em si (v. 2-13), apresentará três facetas de Jesus: o *messias*, de quem João prepara o caminho (1,2-8), o *Filho de Deus* (1,9-11) e o *homem tentado* (1,12-13).<sup>123</sup>

### 1.3.3.2 Primeira Parte (1,14 – 8,21)

Cada uma das partes do evangelho está dividida em três seções. De modo geral, a maioria dos estudiosos concorda que Marcos pretende nesta primeira parte responder à pergunta: “Quem é Jesus?”. Paralelo a este objetivo, o autor conclui cada uma das seções com uma incompreensão de Jesus em relação aos seus interlocutores: os fariseus e herodianos (3,1-6), seus conterrâneos (6,1-6a) e seus discípulos (8,14-21). Não bastasse Jesus ser apresentado como um incompreendido ao longo da primeira parte, muitas perguntas se fazem a respeito dele e de sua identidade. Marcos trata de acenar respostas a esta pergunta não por meio de conceitos ou títulos, mas por meio da prática de Jesus. E quanto mais elementos acerca da identidade de Jesus são fornecidos, mais dúvidas surgem! A primeira parte do evangelho também é marcada pelo grande número de milagres feitos por Jesus. Ele serve as pessoas desde o início da narrativa fazendo irromper, por meio da diaconia, a força do Reinado de Deus. No início do evangelho tudo parece dar certo, mas começa a haver um “decrecendo” de milagres (em número). Na segunda parte do evangelho encontraremos apenas três curas (8,22-26; 9,14-29; 10,46-52) e estas têm aspecto didático: ensinar aos discípulos ou ser símbolo deles. “Significativamente, o evangelho não começa ‘fazendo’, mas dizendo, em forma de anúncio, através da palavra. Antes de ser ‘homem de ação externa’, Jesus é homem

<sup>122</sup> BÍBLIA. Novo Testamento. Português. SILVA, Cássio Murilo Dias da; RABUSKE, Irineu J. *Evangelhos e Atos dos Apóstolos*: Novíssima tradução dos originais. São Paulo, SP: Loyola, 2011. Cf. nota ao versículo.

<sup>123</sup> Cf. GALLARDO, 1997, p. 79-81.

de palavra, alguém que ‘anuncia’, é um proclamador” (tradução nossa).<sup>124</sup> Entretanto, por ser um evangelho que destaca a prática de Jesus, poucos discursos são narrados. Depois deste breve sumário (1,15), a prática de Jesus é colocada em primeiro plano, e poucos discursos são narrados (cf. 4,1-34, por exemplo). Mas isto não significa que Jesus não ensine: seu ensino reside “não só no que ele diz, mas também no que ele faz”.<sup>125</sup> Eis o ensinamento novo, “dado com autoridade” (1,27) que o nosso autor faz questão de sublinhar desde o início da narrativa: uma prática humana e humanizadora.

Resumidamente: a primeira seção enfatiza a prática inovadora de Jesus que faz irromper o Reinado de Deus. Ele cura os doentes e enfrenta as lideranças judaicas, no intuito de denunciar uma religião (judaísmo) que coloca o legalismo acima do ser humano e, no qual, Deus não reina. Na segunda seção, Jesus começa a formar a “nova família”, em que os laços não são os de sangue, mas a prática da vontade de Deus (3,30-35). Para isso, chama discípulos (3,13-19), cria intimidade com eles (cf. 4,10), apesar de nem sempre ser compreendido. Já a terceira seção tem por centro o pão.<sup>126</sup> Partilhar é superar a mentalidade humana do comprar e contribuir para que Deus reine!

### 1.3.3.3 Segunda parte (8,22 – 15,47)

Também dividida em três seções, a segunda parte do evangelho vai passar para o primeiro plano a Paixão que Jesus sofrerá em Jerusalém. Na primeira seção desta parte (8,22 – 10,52), o ensinamento de Jesus será cadenciado pelos três anúncios da Paixão. Estes sempre terão uma reação negativa dos discípulos, e Marcos nos mostrará que a base do ensinamento de Jesus será a entrega de sua vida. “Jesus quer que seus discípulos se convertam em seguidores, no sentido mais estrito do termo, assumindo seu caminho de Filho do Homem e entregando de fato sua vida pelo Reino” (tradução nossa).<sup>127</sup> É isso, em síntese que ele ensina, mas não só. Após a entrada em Jerusalém (11,1-10), o cenário vai se montando para o desfecho da vida de Jesus enquanto opção pelo Reino. Jesus “não subiu para enfrentar as autoridades romanas de Jerusalém, mas para proclamar sua mensagem na cidade do templo, perante os sacerdotes de seu povo. Não quis combater contra o Império, ou sequer reformá-lo,

<sup>124</sup> *Significativamente, el evangelio no se empieza ‘haciendo’, sino diciendo, en forma de anuncio, a través de la palabra. Antes que ‘hombre de acción externa’, Jesús es hombre de palabra, alguien que ‘anuncia’, es un proclamador.* PIKASA, 2012, p. 234.

<sup>125</sup> MALONEY, 2008, p. 48.

<sup>126</sup> “Menciona-se pão 17 vezes; pedaços, 4 vezes; migalhas, em 7,28, e ainda fermento, em 8,15”. SOARES; CORREIA JUNIOR; OLIVA, 2012, p. 208.

<sup>127</sup> *Jesús quiere que sus discípulos se conviertan en seguidores, en el sentido más estricto del término, asumiendo su camino de Hijo del Hombre, y entregando de hecho su vida por el Reino.* PIKASA, 2012, p. 588.

mas apresentar seu projeto na capital das promessas de Deus” (tradução nossa).<sup>128</sup> A maioria das controvérsias de Jesus são contra os que detêm algum poder no judaísmo e será a religião que exercerá papel importante (mas não único) em sua condenação. Para ser justo: “a condenação à morte de Jesus foi fruto de um mal-entendido interessado por parte das autoridades (tanto judaicas quanto romanas)”.<sup>129</sup> Sob o signo de Filho do Homem Jesus assume sua missão e, na fraqueza humana, dá tudo o que tem: sua própria vida, na qual Deus, seu *Abbá* (Pai) sempre reinou! Deus, que duas vezes havia falado no evangelho (1,11; 9,7), cala-se durante todo o tempo em que Jesus permanece na cruz até a morte. Isto porque a última palavra de Deus será a ressurreição, a vida nova para quem não buscou salvar a própria vida (cf. 8,35). A morte de Jesus na cruz é o último ensinamento de Jesus aos seus poucos discípulos (apenas algumas mulheres, cf. 15,40-41), que foram até o fim com ele.

#### 1.3.3.4 A conclusão aberta (16,1-8)

Todo o texto escrito por Marcos é o início (cf. 1,1) da Boa-Nova. E apenas início. O final do evangelho, hoje tido como autêntico (16,1-8) é aberto e remete justamente para o início da narrativa.

Falou-se de um final aberto do evangelho e isto foi entendido como convite à releitura. Isto é correto se se entende por releitura o convite a traduzi-lo no “mundo da ação”, como disposição de levar a cabo aquele exigido seguimento de Jesus no seu caminho da Galileia até Jerusalém, descrito no evangelho (tradução nossa).<sup>130</sup>

Ou seja, até mesmo a leitura do evangelho, feita pelos cristãos do tempo em que o evangelho é escrito, deve direcionar à prática. Se o ensinamento de Jesus era sua prática, agora a prática dos discípulos de Jesus é continuação do seu ensinamento. Seguir Jesus nas Galileias é mantê-lo vivo! O final canônico (16,9-20) consideramos inspirado, mas não sob mesma autoria do restante do texto. Por isso, não será analisado.

Estes são apenas alguns dos acentos que Marcos faz ao longo de sua obra, mostrando ao seu leitor como a prática de Jesus é realização do reinado de Deus. Sua ação termina, humanamente, em fracasso, na cruz. O túmulo vazio coloca os discípulos/as e os/as leitores/as

<sup>128</sup> *No ha subido para enfrentarse con las autoridades romanas de Jerusalén, sino a proclamar su mensaje en la ciudad del templo, ante los sacerdotes de su pueblo. No ha querido combatir contra el Imperio, ni siquiera reformarlo, sino presentar su proyecto en la capital de las promesas de Dios.* PIKASA, 2012, p. 769.

<sup>129</sup> SEGUNDO, 1997, p. 107.

<sup>130</sup> *Se ha hablado de un final abierto del evangelio y se ha entendido éste como invitación a la relectura. Esto es correcto si se entiende por relectura la invitación a traducirlo en el ‘mundo de la acción’, como disposición a llevar a cabo aquel exigido seguimento de Jesús en su camino de Galilea hasta Jerusalén, descrito en el evangelio.* GNILKA, Joachim. *El evangelio según San Marcos II* (Mc 8,27 – 16,20). 4. ed. Salamanca: Sígueme, 2001. p. 404.

em primeiro plano, a fim de que, superando seus medos, continuem na Galileia aquilo que Jesus começou. Evidente que a obra de Marcos não se limita a narrar fatos. Nela subjaz uma teologia, que lida num contexto concreto (conforme já delimitamos), transmitirá um efeito em seus leitores. No próximo subitem destacaremos outros elementos teológicos deste evangelho, a fim de compreendê-lo mais.

### 1.3.4 Outros aspectos teológicos do evangelho de Marcos

Além da própria estrutura há outras linhas teológicas fortes, presentes no texto marcano. A teologia revela-se, sobretudo nos aspectos redacionais próprios ao evangelista. Aqui veremos o sentido do chamado *Segredo Messiânico* (1.3.4.1) e o desenvolvimento da teologia anti-triunfalista de Marcos (1.3.4.2). Após isso, daremos destaque às incompreensões sofridas por Jesus ao longo do evangelho e como elas levaram-no à morte como consequência de sua opção pelo Reinado de Deus (1.3.4.3). Finalmente, veremos a primeira sistematização acerca da identidade de Jesus no segundo evangelho canônico (1.3.4.4): quais elementos teológicos estão presentes e sintetizados em duas pequenas perícopes agrupadas: 8,27-33.

#### 1.3.4.1 O segredo messiânico

Um elemento teológico marcano é o chamado *Segredo Messiânico*. “Em 1901 W. Wrede expôs que o segredo messiânico é uma construção redacional de Marcos, e pertence à história do dogma, não à vida de Jesus” (tradução nossa).<sup>131</sup> Esta descoberta parte da pergunta de por que Jesus sempre pedia silêncio após realizar milagres. Esses pedidos de silêncio são para os demônios, que sabem quem Jesus é (1,23-25.34; 3,11-12;), para pessoas curadas por ele (1,43-45; 5,43; 7,36; cf. 8,26), para os discípulos após a confissão de Pedro (8,30) e a transfiguração (9,9) e na intenção que Jesus tinha em permanecer oculto (7,24; 9,30). Podem ser consideradas, sob este mesmo contexto, as instruções ocultas de Jesus aos discípulos (4,34; 7,17-23; 9,28; 8,31; 9,30; 10,32-34; 13,3).<sup>132</sup>

A intenção do segredo messiânico deve ser entendida no mesmo sentido da proposta do evangelho de Marcos desvelar aos poucos a identidade de Jesus, especialmente na primeira

<sup>131</sup> *As long ago as 1901 W Wrede showed that messianic secret is a redactional construction of Mark, and belongs to the history of dogma , not to the life of Jesus.* SCHWEIZER, Eduard. The question of the Messianic Secret in Mark. In: TUCKETT, Christopher (ed.). *The Messianic secret*. Philadelphia: Fortress Press; London: SPCK, 1983. p. 65.

<sup>132</sup> Cf. DUNN, James D. G. The Messianic secret in Mark. In: TUCKETT, Christopher (ed.). *The Messianic secret*. Philadelphia: Fortress Press; London: SPCK, 1983. p. 116.

parte do texto. Associa-se a isto a incompreensão dos discípulos.<sup>133</sup> Certo é que Marcos desde o início do evangelho sabe quem é Jesus e pretende descortinar isso a/o seu/sua leitor/a, que, talvez, ainda não tenha compreendido sua missão e o fracasso da cruz. Já

a ideia de que a vida de Jesus tenha transcorrido de forma não-messiânica e de que ele não tenha reivindicado ser o Messias é uma afirmação que não pode ser provada. Marcos, pelo menos, atesta a reivindicação de Jesus da dignidade de Messias do sentido de Filho do Homem, vindo com poder.<sup>134</sup>

Assim, se evidencia que, mesmo por meio do artifício criado pelo evangelho, Jesus tinha presente cumprir alguma expectativa através de sua missão, a qual iniciou com o anúncio do Reino de Deus. Sobre o papel do Filho do Homem, faremos um aprofundamento no momento oportuno. Do segredo messiânico, deve-se ainda dizer que a identidade de Jesus se revela e atinge sua totalidade à luz da ressurreição.

Toda a sua obra terá que ser anunciada logo após a sua ressurreição, que na realidade é o tempo em que a(s) comunidade(s) vivia(m), quando o Evangelho foi composto. Este tempo, porém, também ainda é tempo de medo e silêncio diante da catástrofe da morte de Jesus e da Grande Guerra no tempo da(s) comunidade(s) (16,8).<sup>135</sup>

Os dois tempos (o de Jesus e o da redação do evangelho) se aproximam e se parecem sob alguns aspectos. Por isso, o evangelho de Marcos é caracterizado como o evangelho do discipulado, pois o/a discípulo/a se descobre a partir de Jesus e deve identificar o destino do mestre com o seu. Jesus será verdadeiramente conhecido no caminho e a partir da cruz. Tudo ganhará sentido à luz da ressurreição. A seguir, veremos que o segredo messiânico pode ainda inibir a tendência ao triunfalismo talvez existente nas comunidades às quais Marcos escreve.

### 1.3.4.2 Uma teologia anti-triunfalista

Como vimos, a identidade de Jesus, para Marcos, é entendida em sua plenitude somente depois da ressurreição. O segredo messiânico encontra seu sentido nesta perspectiva. Além disso, o evangelista sublinha, sob este artifício literário, que no horizonte do discipulado não há lugar para o triunfalismo. Ser discípulo de Jesus consiste no reconhecimento de que “Jesus é, por essência, o crucificado que nos convida a segui-lo no caminho que ele palmilhou”.<sup>136</sup> Mesmo estando sempre muito próximo do sucesso pelos milagres que fazia e

<sup>133</sup> Cf. SCHNACKENBURG, 2001, p. 80.

<sup>134</sup> SCHNACKENBURG, 2001, p. 87.

<sup>135</sup> REIMER, 2012, p. 59-60.

<sup>136</sup> ALEGRE, Xavier. *Marcos ou a correção de uma ideologia triunfalista: chave de leitura de um beligerante e comprometido*. Belo Horizonte: CEBI, 1988. p. 23.

do entusiasmo das multidões que o seguiam, Jesus não se ilude com um caminho de “sucesso humano”, que se evidenciaria nos aplausos e no popularismo. Assim, toda a teologia que Marcos desenvolve mostra que Jesus tinha tudo para “dar certo”. O sucesso era eminente para quem lê o seu primeiro capítulo.<sup>137</sup> No entanto, Marcos mostra que a prática de Jesus suscita controvérsias (cf. 2,1 – 3,6), as quais culminam com a decisão de matá-lo (cf. 3,6).

Como já dissemos, quando Marcos escreve o evangelho, já havia tradições escritas. O que o evangelista fará será dar-lhe um sentido teológico para comunidades tentadas a crer num Jesus que, por possuir o poder de curar (1,29-31; 3,1-6; 5,21-43, p. ex.), expulsar demônios (1,21-28; 5,1-20, p. ex.) perdoar pecados (2,1-12), apaziguar o mar e o vento (4,36-41) tinha sérias tendências ao sucesso (a modo humano). Marcos situa “os milagres de Jesus dentro das coordenadas da ‘vida’ real de Jesus, uma vida que o conduziu à cruz”.<sup>138</sup> É nesta perspectiva que se entende mais ainda o segredo messiânico: a ordem de calar perante as maravilhas e milagres que poderiam tirar os/as discípulos/as do verdadeiro “destino” de quem se propõe a fazer com que Deus reine, num contexto social, regido por uma mentalidade que não o quer.

*O Segredo Messiânico* só termina diante do fracasso e da cruz (14,62; 15,39). Só quem for com ele até a cruz, até o fracasso total, pode entender quem é Jesus. Quem apenas permanece nos milagres e nas maravilhas, ainda não entendeu Jesus. Até mesmo depois da ressurreição é preciso calar. Nada de triunfalismos cabem neste anúncio (Mc 16,1-8).<sup>139</sup>

A tendência ao triunfalismo é perceptível, ainda nas incompreensões por que Jesus passou nos registros do segundo evangelho canônico. Por estarem propensos ao sucesso, seus familiares não o compreenderam (cf. 3,21.30-35), seus discípulos, idem<sup>140</sup> e as discípulas tampouco!<sup>141</sup> O modelo colocado por Marcos está no final de seu evangelho, quando o

<sup>137</sup> Por exemplo, após o primeiro dia de atividade, operando milagres, Marcos já registra que “a cidade inteira se ajuntou à porta da casa” (1,33). A multidão vai crescendo e sempre vai à procura de Jesus (cf. 1,45; 3,20; 4,1; 6,31.34.44; entre outras).

<sup>138</sup> ALEGRE, 1988, p. 28.

<sup>139</sup> *Uma antropologia em Marcos*. Disponível em: <[http://www.estef.edu.br/pessoais/arquivos/ESTEF\\_PESSOAL\\_26\\_10\\_2005\\_20\\_33\\_52\\_Antrop.%20Mc.htm](http://www.estef.edu.br/pessoais/arquivos/ESTEF_PESSOAL_26_10_2005_20_33_52_Antrop.%20Mc.htm)>. Acesso em: 19 abr. 2016.

<sup>140</sup> A seção de ensinamento aos discípulos (8,22 – 10,52) traz inúmeros casos em que isso ocorre. Essa seção é “emoldurada” por duas curas de cegos (8,22-26; 10,46-52). O primeiro cego, de Betsaida, é retirado do povoado por Jesus e é curado em duas etapas (todas as outras curas são feitas de uma vez só). Ele é símbolo dos discípulos que, diante de Jesus, estão como que cegos e precisam se retirar com ele da multidão para verem quem ele é. Já o segundo cego tem nome, professa sua fé em Jesus, Filho de Davi, ainda que forma imperfeita. Importa que, depois de ter largado o manto e ser curado, ele segue a Jesus pelo caminho (“lugar” em que ele ensinava). Fora esta seção, poderíamos dar muitos exemplos de incompreensão (4,13.41; 5,31; 6,36-37.49; 7,18; 8,4.14-21), além de terem dormido no Getsêmani, da traição de Judas, as negações de Pedro e da debandada da maioria no momento da Paixão.

<sup>141</sup> As discípulas de Jesus procuram-no entre os mortos e ficam paralisadas no final do evangelho pelo medo (16,1-8).

centurião romano (um pagão) irá proclamar, cessado o motivo do segredo messiânico, que Jesus era o Filho de Deus (título que já estava no título do livro – 1,1). “Ao pé da cruz, pode-se confessar, com toda liberdade, que Jesus é o Messias, o Filho de Deus, pois, neste lugar, os títulos não dão margem a equívocos triunfalistas”.<sup>142</sup> Resgatando o contexto histórico das comunidades de Marcos, é visível que “os cristãos dos anos 70 têm dificuldades de entender quem é Jesus. Estas dificuldades se refletem no seguimento a Jesus”.<sup>143</sup> Por isso Marcos coloca o motivo desta incompreensão sob a figura de muitas pessoas importantes do cristianismo primitivo e aponta que a compreensão plena de quem é Jesus só se dará depois de sua morte e “fracasso”.

Marcos quer abalar a auto-segurança de sua comunidade. Por isso, pega a figura de algumas pessoas tão importantes e significativas para sua comunidade, como são os doze, e simboliza nelas o que pode acontecer a qualquer cristão, por mais batizado que esteja e ocupe o lugar que ocupar dentro da comunidade, se não tomar consciência de qual seja a autêntica interpretação da pessoa de Jesus e se não estiver disposta a segui-lo no caminho da cruz. Se os discípulos, testemunhas privilegiadas e escolhidas pessoalmente por Jesus, fracassaram tantas vezes, isto pode ocorrer muito mais com qualquer membro da comunidade cristã, se não estiver ao lado dos pobres (cf. 10,21-27) e não aceitar a lógica do Reino (cf. 3,4) que o levará, como levou Jesus, (cf. 3,6) ao conflito com determinados poderes civis ou religiosos e, conforme o caso, o levará até à morte.<sup>144</sup>

Assim como Jesus, cada discípulo/a seu não deve pôr a confiança em si mesmo/a, mas em Deus, no *Abbá*, que quer reinar. Num contexto de perseguições talvez fosse melhor ou mais fácil dar no pé, ao invés de conformar a própria vida à do mestre. A incompreensão do discipulado não apenas ameaçava o seguimento a Jesus nas comunidades de Marcos, mas também ameaçava acabar com o sentido de sua prática e o significado de sua vida enquanto messias. Seguir Jesus e buscar sucesso ou glória não combinam! No próximo subitem veremos um pouco mais como a incompreensão e a mentalidade de quem ainda não entrou na dinâmica do Reino eram ameaças a tudo em que Jesus acreditava e praticava.

### 1.3.4.3 O Reinado de Deus ameaçado pela mentalidade humana

A ação de Jesus em favor dos mais pobres despertou a oposição das autoridades e “grandes” (cf. 3,6). Na primeira seção, que retrata uma série de controvérsias enfrentadas por Jesus (2,1 – 3,6), Marcos deixa claro que, desde o início, a prática de Jesus já estava condenada à morte. “Nas controvérsias, apresenta-se um crescendo de conflito e de cegueira

<sup>142</sup> ALEGRE, 1988, p. 40.

<sup>143</sup> *Uma antropologia em Marcos*. Disponível na internet.

<sup>144</sup> ALEGRE, 1988, p. 38.

ideológica, e aparece o contraste entre a estratégia de Jesus e a de seus adversários”.<sup>145</sup> Outras vezes Jesus sentir-se-á ameaçado, seja no ensinamento velado através de parábolas (cf. 4,10-12), seja no convite que lhe farão para retirar-se da região dos gerasenos (5,17), seja nas “voltas” que dará, a fim de permanecer na clandestinidade (7,31), ou, ainda, na tomada de consciência de um destino violento (8,31). Ao decidir ir a Jerusalém, Jesus aceita enfrentar o conflito desencadeado por sua prática. A ameaça tornou-se realidade e Jesus foi morto. Isso aconteceu porque Jesus trouxe um anúncio de reinado que ameaçava os reinos humanos. Sua morte é expressão disso: “uns o crucificavam em nome da *pax romana*, outros em nome da lei divina, outros em nome da liberdade judaica, cada um em nome de seu próprio absoluto, mas todos coincidiam em crucificá-lo”.<sup>146</sup> Foi assim, porque estavam em jogo “os reinos” ou qual reinado iria prevalecer. Para os romanos preservar o poder significava muito em termos políticos. Desde o início do evangelho aparecem os herodianos, grupo comprometido com a política de Herodes e com seus próprios interesses (cf. 3,6). Eles ajudaram a condenar Jesus, juntamente com os fariseus. Para as autoridades judaicas manter-se no poder significava, em última instância, permanecer “ensinando” o povo por meio de regras, leis e, sobretudo, o culto sacrificial. Manipulando o povo, podiam continuar usufruindo dos benefícios que tinham como salário dessa exploração.

Se Jesus, ao curar os distúrbios das pessoas, tiver lidado também com a compreensão de pecado cultivado por essas pessoas, de que ele era a raiz da enfermidade segundo a crença delas e de suas autoridades, então Jesus desafiou um dos meios religiosos pelos quais as pessoas eram domesticadas. Ao mostrar que o perdão de Deus estava diretamente disponível, Jesus estava expondo os meios religiosos pelos quais se mantinham as restrições sociais que pesavam sobre o povo.<sup>147</sup>

Do mesmo modo, as expulsões de demônios feitas por Jesus devolviam vida às pessoas e o mal passava a ser superado. “Ver a vida presa na luta entre Deus e Satanás, porém era também uma mistificação da situação imperial”.<sup>148</sup> Fecha-se aqui o ciclo: a religião explica e legitima a política e esta dá respaldo à religião na legitimação do *status quo*. (Até mesmo porque, como já dissemos várias vezes, não há, na sociedade de Jesus, esta separação das esferas da vida, como temos atualmente). Ao sentirem-se ameaçados, tanto política quanto religião, partem “para o ataque” a fim de se defender. Quando decidem, por exemplo, em procurar um modo de acabar com Jesus (3,1-6) os fariseus criticam Jesus por curar em sábado

<sup>145</sup> SOARES; CORREIA JUNIOR; OLIVA, 2012, p. 136.

<sup>146</sup> FAUS, 1981, p. 78.

<sup>147</sup> HORSLEY, 2010, p. 163.

<sup>148</sup> HORSLEY, 2010, p. 166.

(ação contra a Lei). Não é permitido curar, restaurar a vida, segundo eles. Mas sua prática “permite”, no mesmo sábado, tramar a morte de Jesus: uma contradição!

Quando a perspectiva da morte violenta entra no horizonte de Jesus ele começa a ensinar seus discípulos (8,31). Seu ensinamento, que começou em forma de prática nova e com autoridade (1,27), necessita ser aprofundado e explicitado, a fim de que o messias que esperam que Jesus seja (cf. 8,29) não se restrinja ao horizonte político. Jesus assume o papel de messias servo (cf. 10,45) e seus discípulos precisam assimilar isso. Seria necessário que os discípulos abandonassem seus esquemas humanos de pensar (cf. 8,33) e passassem a pensar no reinado como sendo do Pai, que restaurara vidas, por meio da prática de Jesus e não como um reino como aqueles construídos pelos homens. Neste sentido, os discípulos representam toda a resistência humana em assimilar e assumir a dinâmica do reinado de Deus. Incrivelmente até mesmo aqueles que foram resgatados por Jesus da situação de vida em que estavam acabam por se tornarem tão opressores quanto os reinos “do mundo” (cf. 10,35-41).

O que está em jogo diante da proposta do reinado de Deus é a dificuldade que o ser humano tem de entrar nesta nova dinâmica (e os discípulos muito bem o manifestam), a qual implica em doação da própria vida. Para as pessoas sempre é mais fácil confiar em si mesmas do que em Deus. Mesmo que se entenda que Deus é o *Abbá*, que ama incondicionalmente os seres humanos e os liberta de todos os tipos de males, confiar em si mesmo ainda é mais seguro! A tendência humana sempre colocará cada um diante do prazer e do privilégio de ser servido. Servir, ser o último e o menor não são valores inerentes aos homens e mulheres de todos os tempos. Talvez por isso mesmo que Deus ainda não reine tanto quanto poderia e deveria! Para as comunidades de Marcos, assoladas pelo medo em testemunhar a vida nova do Reinado de Deus, o desafio era este: romper com o silêncio (o segredo) que trazia a imobilidade frente ao caminho desbravado por Jesus (que nada tinha de triunfalista ou glorioso). A vida de Jesus é a prova de que antes de aceitar o reinado divino, está mais próximo das mãos de todos o matar, o eliminar este outro modo de ser e viver! Até mesmo o/a discípulo/a pode matar (14,43-45) ou negar Jesus (14,66-72) se não o compreender bem! Veremos, finalizando este primeiro capítulo, um texto-síntese de muitas coisas ditas até aqui.

#### **1.3.4.4 A primeira sistematização no evangelho acerca da identidade de Jesus**

O autor do segundo evangelho canônico consegue ligar as partes do evangelho entre si de maneira ímpar. Também as seções são ligadas entre si por meio de sumários e resumos

de modo que o leitor consiga captar o que leu e se preparar para continuar a leitura.<sup>149</sup> Tomaremos como exemplo dois casos, os das ligações das partes maiores com o prólogo e a conclusão, para depois ver como Marcos liga as duas seções do evangelho entre si.

Após o prólogo, no qual Jesus é apresentado como Messias, Filho de Deus e homem, temos a primeira parte, na qual Jesus atua fazendo com que a força restauradora do Reinado de Deus se faça sentir. Pois bem: antes de mostrar a ação de Jesus em prol deste Reinado na Galileia (1,16 – 8,21), Marcos fecha o prólogo em relação à ação de João: 1,14 (foi preso e somente então Jesus vai pregar na Galileia). Depois, introduz o que acontecerá: 1,15 (a missão do Reinado de Deus assumida por Jesus). O texto é de redação de Marcos e “serve de enlace entre o anterior (1,1-13) e o que segue. É como uma ponte que fecha o prólogo e abre a narração evangélica propriamente dita” (tradução nossa).<sup>150</sup> Também no final do evangelho claramente é utilizado este recurso para ligar a Paixão sofrida por Jesus e o relato que remonta à tradição do túmulo vazio. O texto de 15,42-47 faz esta ligação entre a segunda parte do evangelho e a conclusão: descer o corpo da cruz resgata o que acabara de acontecer a Jesus, sua Paixão; já sepultá-lo, introduz o túmulo, que, após a ressurreição, estará vazio. “As mulheres que aparecem ao final fazem o papel de ligação entre as que olhavam de longe na crucificação (15,40s.) e as que irão embalsamar o corpo de Jesus”.<sup>151</sup>

Semelhantemente, as duas partes do evangelho são magistralmente ligadas entre si por meio da passagem de 8,27-33. Como já vimos a primeira parte do evangelho tem como pano de fundo a pergunta: “Quem é Jesus?”. Este questionamento é respondido por diversas vezes ao longo do evangelho, por meio de ações, pregações, milagres, opções de Jesus que vão sendo realçados no texto. Em Cesareia de Filipe, o próprio Jesus pergunta aos discípulos: “Quem dizem as pessoas que eu sou?”. E, depois de ser associado a um profeta pela maioria do povo, a pergunta se repete aos discípulos: “E vós, quem dizeis que eu sou?”. Pedro, em nome dos discípulos responde: “O Cristo”, isto é, o messias. Em seguida, Jesus pede o silêncio (cf. segredo messiânico). “Este episódio é o centro de todo o evangelho; nele se dá uma resposta à pergunta sobre quem é Jesus, que tinha sido formulada no início da sub-seção anterior”.<sup>152</sup> Aliás, esta pergunta está presente em toda a primeira metade do evangelho.

A passagem é um resumo do evangelho até este ponto. Toda a prática de Jesus é sintetizada por Pedro como sendo messiânica, no sentido de que liberta as pessoas dos males a

<sup>149</sup> Gallardo, 1997, exaustivamente demonstra e destaca quais são estes textos de ligação.

<sup>150</sup> *Sirve de enlace entre lo anterior (1,1-13) y lo que sigue. Es como un puente que cierra el prólogo y abre la narración evangélica propiamente dicha.* PIKASA, 2012, p. 231.

<sup>151</sup> GALLARDO, 1997, p. 269.

<sup>152</sup> CALLE, Francisco de la. *A teologia de Marcos*. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 1984. p. 84.

que estão sujeitas e traz uma Boa Notícia à história humana. É a primeira vez que uma pessoa diz algo a respeito da identidade de Jesus, no primeiro evangelho escrito. Porém, a reposta de Pedro oferece ambiguidade. Por isso, Jesus começa a ensinar aos discípulos acerca do Filho do Homem (talvez em rechaço ao título de messias) e de sua morte (8,31). E o diz abertamente! Se por um lado, é para manter silêncio sobre o seu messianismo, por outro, falar do futuro do Filho do Homem é dito com *parresia*. Aqui estão os dois grandes temas do evangelho daqui por diante: a morte de Jesus, o Filho do Homem, e o ensinamento aos discípulos, que a precede. Por ser um texto sintetizador de muitos elementos no evangelho de Marcos, optamos por, no próximo capítulo, fazer sua exegese: não de todo o texto, mas da sua segunda parte (8,31-33), a qual é considerada uma perícopes autônoma, embora seja continuidade da anterior. Ela sintetiza muitos elementos do evangelho e nos ajudará a compreender a missão (salvífica) de Jesus em Marcos. Encontraremos, ainda, um confronto de mentalidades: a humana e a do Reino. Algo importante em relação ao que analisamos até aqui, pois resume como Marcos apresenta a ação de Jesus.

*Considerações finais.* Até aqui nosso objetivo esteve centrado na descrição do contexto sócio-histórico da Palestina do primeiro século de nossa era. Vimos que os romanos, por meio da coerção, sistema tributário e repressão mantinham a ordem social. As pessoas não eram felizes, em sua maioria, pois um pesado fardo pairava sobre os mais pobres. Mas essa mentalidade que regia a política era reproduzida também pelas seitas do judaísmo. Os grupos existentes visavam tomar o poder, expulsar os romanos e governar, talvez, como estes. Jesus trouxe uma nova compreensão: o Reinado de Deus. Ele era uma alternativa frente a tanta injustiça. Por fim, nossa atenção se voltou para o evangelho de Marcos, o qual foi o primeiro a compor uma narrativa que resgatava a vida de Jesus. Foi a forma encontrada por ele para estimular os cristãos dos anos 70, localizados na Palestina e Síria, a não desanimarem frente às perseguições, que podiam levar os cristãos à morte. Destacamos, ainda, que o/a discípulo/a de Jesus certamente passará pela dor e o fracasso humanos como Jesus, na missão de viver como Jesus viveu, dedicando toda a vida para fazer com que Deus reine. Somente assim, a dinâmica humana, tornada desumana, poderia ser superada. Importa que Deus, não como rei, mas como Pai esteja na base de tudo, ou seja, reine. Marcos ao narrar a trajetória de Jesus, quer fazer com que seus leitores/as continuem, através da prática (a qual continua a de Jesus) a missão de trazer o reinado de Deus para seu tempo e lugar. O próximo capítulo será dedicado à exegese do texto de Mc 8,31-33. Neste trecho estão sintetizados muitos elementos contidos no primeiro evangelho escrito. Ao mesmo tempo, contemplando o humano Jesus, aprofundaremos o que significava o reinado de Deus para ele.

## **2 O JESUS DE MARCOS 8,31-33**

No primeiro capítulo de nosso trabalho aproximamo-nos de Jesus e sua prática. Para tanto, vimos como se deu a expansão do Império Romano e como este começou a dominar a Palestina, até chegarmos aos anos 30, época em que Jesus viveu. Contextualizamos, depois disso, a prática de Jesus: vimos quais as correntes de pensamento do judaísmo, a situação vivida pelo povo mais simples e, ainda, o modo como o próprio Jesus reagiu a essas correntes, colocando-se ao lado do povo, atuando em prol do Reinado de Deus. Por fim, acentuamos o modo que o evangelho de Marcos relata a prática de Jesus pouco mais de 30 anos após sua morte e ressurreição, num texto que fala a comunidades que viviam num contexto de perseguição e para o qual a paixão de Jesus teria muito a falar como estímulo ao discipulado. Para seguir Jesus era necessário, àquelas comunidades, superar o triunfalismo.

O evangelho surgiu não como uma “reportagem neutra” da vida de Jesus, mas para responder a situações desafiadoras e concretas de um tempo e lugar determinados. Dentro do evangelho de Marcos, como também vimos, lugar privilegiado ocupa o texto de 8,27-33, o qual opera como “dobradiça” entre as duas metades do texto, resgatando o que foi narrado até então (a identidade de Jesus) e preparando o que virá nos próximos capítulos (ensinamento aos discípulos e morte e ressurreição de Jesus).

Neste capítulo de nosso trabalho, propomo-nos a analisar exegeticamente parte deste texto, os versículos 31-33, considerada uma perícopie autônoma, em relação à anterior. Nela buscaremos a compreensão que Marcos tem de Jesus ao descrever a iminência da sua morte e como essa servirá de estímulo para os seus leitores viverem o seu momento presente. Nossa exegese dará os passos do método histórico-crítico: a tradução (e comparação), a crítica textual, a análise das formas, o contexto histórico e a análise de conteúdo propriamente dita. Deixaremos em suspenso nossa pergunta pela salvação, a fim de deixar o texto falar por si.

### **2.1 Texto, tradução e comparação**

Nossa exegese tem como ponto de partida o texto original grego de Mc 8,31-33, que necessitará de uma primeira tradução, provisória. No fim deste capítulo, faremos uma nova tradução, incluindo todas as descobertas que tivermos feito. Após a tradução, compararemos o resultado dela com os textos de duas versões da Bíblia, a fim de avaliá-las (tanto a nossa tradução quanto as outras traduções de bíblias).

### 2.1.1 Texto grego

<sup>31</sup> Καὶ ἤρξατο διδάσκειν αὐτοὺς ὅτι δεῖ τὸν υἱὸν τοῦ ἀνθρώπου πολλὰ παθεῖν καὶ ἀποδοκιμασθῆναι ὑπὸ τῶν πρεσβυτέρων καὶ τῶν ἀρχιερέων καὶ τῶν γραμματέων καὶ ἀποκτανθῆναι καὶ μετὰ τρεῖς ἡμέρας ἀναστῆναι. <sup>32</sup> καὶ παρρησίᾳ τὸν λόγον ἐλάλει. καὶ προσλαβόμενος ὁ Πέτρος αὐτὸν ἤρξατο ἐπιτιμᾶν αὐτῷ. <sup>33</sup> ὁ δὲ ἐπιστραφεὶς καὶ ἰδὼν τοὺς μαθητὰς αὐτοῦ ἐπετίμησεν Πέτρῳ καὶ λέγει· ὕπαγε ὀπίσω μου, σατανᾶ, ὅτι οὐ φρονεῖς τὰ τοῦ θεοῦ ἀλλὰ τὰ τῶν ἀνθρώπων.<sup>153</sup>

### 2.1.2 Tradução literal

<sup>31</sup> E começou a ensinar-lhes que é inevitável (deve) o filho do homem muito sofrer (suportar) o mal e ser rejeitado (declarado inútil) pelos anciãos e sumos-sacerdotes e escribas e ser morto e depois de três dias ressuscitar! <sup>32</sup> E com ousadia a palavra falava. E tomando à parte Pedro a ele começou a censurá-lo. <sup>33</sup> Mas voltando-se e vendo os discípulos dele, repreendeu energicamente a Pedro e diz: Para trás de mim, Satanás, pois não tens em mente (não te dedicas) as (coisas) de Deus, mas as dos homens.<sup>154</sup>

### 2.1.3 Comparações

Provisoriamente traduzido o texto original grego, comparar a tradução feita com outras versões da Bíblia ajuda num duplo sentido: primeiro, para avaliar as traduções que temos disponíveis; segundo, para avaliar nossa própria tradução. Assim, o horizonte se amplia.<sup>155</sup> Optamos pelas traduções da Bíblia de Jerusalém e a versão Revista e Atualizada de Almeida.<sup>156</sup> A primeira é reconhecida no mundo católico, especialmente na academia; já a versão de Almeida é referência entre os protestantes, tanto para o estudo, quanto em meios populares.

#### 2.1.3.1 Comparação 1: o texto da Bíblia de Jerusalém

<sup>31</sup> E começou a ensinar-lhes: “O Filho do Homem deve sofrer muito, ser rejeitado pelos anciãos, pelos chefes dos sacerdotes e pelos escribas, ser morto e, depois de três dias, ressuscitar”. <sup>32</sup> Dizia isso abertamente. Pedro, chamando-o de lado, começou a recriminá-lo. <sup>33</sup> Ele, porém, voltando-se e vendo seus discípulos, recriminou a Pedro, dizendo: “Arreda-te de mim, Satanás, porque não pensas as coisas de Deus, mas as dos homens!”<sup>157</sup>

<sup>153</sup> O texto grego utilizado aqui é o da 28ª edição revisada do Novo Testamento Grego de Nestle-Aland, por conter o aparato crítico, que será utilizado na Crítica Textual (item 2.2). BÍBLIA. Novum Testamentum Graece. NESTLE, Eberhard et al (Eds.). 28. ed. rev. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 2012. p. 137.

<sup>154</sup> Na tradução literal optamos por manter, ao máximo possível, a ordem das palavras conforme o original grego. Também optamos por colocar mais de uma possível palavra na tradução de termos gregos que assim permitirem. Para traduzir serviram de recurso os léxicos e a gramática relacionados nas referências, ao fim do texto.

<sup>155</sup> Cf. WEGNER, Uwe. *Exegese do Novo Testamento*. 7. ed. São Leopoldo: Sinodal, 2012. p. 52.

<sup>156</sup> No Apêndice B, apresentamos um quadro comparativo incluindo outras duas traduções, a fim de uma melhor visualização e outras comparações extras.

<sup>157</sup> BÍBLIA de Jerusalém. Nova edição, rev. e amp. São Paulo: Paulus, 2002. p. 1771.

Esta tradução da Bíblia é caracterizada por:<sup>158</sup>

*Omitir* as conjunções copulativas *καί*, presentes, sobretudo, no início das frases, sem comprometer o sentido geral do texto;

*Substituir* algumas palavras e expressões por sinônimos, facilitando, é verdade, a leitura do texto, mas perdendo em “literalidade”. Algumas dessas substituições não comprometem a tradução, como: “à parte”, substituída por “de lado”; “censurá-lo” por “recriminá-lo”; “ter a mente em” por “pensas”... Outra substituição, que é interpretação, altera em algum aspecto o sentido do texto: “falava a palavra” substituída por “dizia isto”;

*Nem sempre ser fiel aos tempos verbais* do texto grego, “impedindo” a dinâmica e a fluência originais do texto. Por exemplo: traduz *ἐπιτιμᾶν* e *ἐπετίμησεν* como se estivessem no mesmo tempo verbal (tradução possível); traduz *λέγει*, um verbo no Presente Ativo, por “dizendo”, quando o correto seria *diz* ou *está dizendo* ou *disse* (presente histórico); perder algo importante ao traduzir “ὑπάγε ὀπίσω μου” por “arreda-te de mim”. A expressão quer ser um convite ao seguimento, não ao afastamento. Isto será abordado adiante.

### 2.1.3.2 Comparação 2: o texto corrigido e revisado de Almeida (ARA)

<sup>31</sup> E começou a ensinar-lhes que importava que o Filho do Homem padecesse muito, e que fosse rejeitado pelos anciãos, e pelos príncipes dos sacerdotes, e pelos escribas, e que fosse morto, mas que, depois de três dias, ressuscitaria.<sup>32</sup> E dizia abertamente estas palavras. E Pedro o tomou à parte e começou a repreendê-lo. <sup>33</sup> Mas ele, virando-se e olhando para os seus discípulos, repreendeu a Pedro, dizendo: Retira-te de diante de mim, Satanás; porque não compreendes as coisas que são de Deus, mas as que são dos homens.<sup>159</sup>

<sup>158</sup> Mais acuradamente, detectamos em nossa comparação os seguintes detalhes:

No versículo 31: A versão transforma o conteúdo do anúncio da paixão num discurso direto. Fica eliminada a função da conjunção “ὅτι” (que) a qual abria a oração subordinada (embora esta opção seja possível na tradução);

No versículo 32: A versão traduz “καὶ παρρησίᾳ τὸν λόγον ἐλάλει” por “dizia isto abertamente”. Além da omissão do “e”, o “falava a palavra” é mudado para “dizia isto”. Não há uma mudança substancial no sentido da frase, porém a tradução não é literal (houve uma “facilitação” do tradutor para compreensão do texto), especialmente ao traduzir *παρρησίᾳ* por abertamente (o sentido não é “apenas” este); Omite outro “e” antes de Pedro; Há diferenças em algumas palavras entre a nossa tradução e a da Bíblia de Jerusalém, mas nada que comprometa o sentido: “à parte”, por “de lado” e “censurá-lo” por “recriminá-lo”.

No versículo 33: A versão explicita o sujeito “ele”, que é omitido pelo texto grego; utiliza a mesma forma verbal para dizer aquilo que Jesus fez a Pedro: recriminar (utilizando pretérito perfeito). No entanto, convém destacar que na primeira forma, *ἐπιτιμᾶν*, quando descreve a ação realizada por Pedro, Marcos utiliza o verbo no Presente Ativo do Infinitivo. Já para descrever a ação realizada por Jesus, Marcos utiliza *ἐπετίμησεν*, verbo colocado no Aoristo Ativo do Indicativo, apontando para uma ação realizada como um todo, destacando o ato em si, diferente do relativo a Pedro (ação localizada e concluída no passado); traduz *λέγει*, um verbo no Presente Ativo, por “dizendo”, talvez para facilitar a leitura; traduz “ὑπάγε ὀπίσω μου” por “arreda-te de mim”, indicando que Jesus pede que Satanás se afaste dele, como se, através de Pedro, o estivesse tentando. Não traz outras mudanças decisivas na versão: traduz *φρονεῖς* por “pensas” enquanto que nós optamos por “tens a mente” ou “te dedicas”.

<sup>159</sup> BÍBLIA. Tradução de João Ferreira de Almeida. ed. corrig. e rev. São Paulo: Sociedade Bíblica Trinitariana do Brasil, 2005. Cf. também em Bible Works 7.

A versão do texto de Almeida<sup>160</sup> traz algumas diferenças em relação ao da Bíblia de Jerusalém. Mas, ainda preocupa o fato não haver uma *literalidade* maior para traduzir “ὑπαγε ὀπίσω μου”. Os verbos do primeiro versículo traduzidos no pretérito imperfeito do subjuntivo dão a ideia de que o texto do evangelho está preso no passado, tirando a dinâmica que o evangelista quis lhe dar utilizando o presente histórico. Também ao colocar “τὸν λόγον” no plural, parece tirar o caráter de “palavra” que o ensinamento de Jesus recebe de Marcos.

As duas traduções ajudam ao tradutor tomar decisões na hora optar pela sua própria versão. Ambas diferem em alguns aspectos. Traduzem “δεῖ” por “deve” e “importava”; “ὑπαγε ὀπίσω μου” por “arreda-te de mim” e “retira-te de diante de mim”. Ambas expressões gregas serão investigadas quanto ao seu sentido ao longo da exegese. Excetuando estas duas diferenças, a tradução de Almeida se atém mais ao texto grego (no tocante à literalidade): destaca, apesar de no plural, a expressão “τὸν λόγον” com maior literalidade. As divergências que já foram apontadas, ficarão em suspenso para, na tradução final, serem consideradas no conjunto da exegese. Apesar das comparações feitas, é preciso saber até que ponto estamos lidando com o texto original do autor bíblico, ou seja, a crítica textual nos ajudará a saber se estamos com a redação final de Marcos ou com uma cópia alterada do original.

## 2.2 Crítica Textual

O trabalho de Crítica Textual buscará saber se estamos com o texto do redator do evangelho de Marcos. Isto porque “o Novo Testamento foi escrito em grego e em manuscritos cujos originais desapareceram”. Os manuscritos foram copiados para conservar o texto ao longo do tempo. Ao comparar as cópias entre si “constata-se que o texto reproduzido nem sempre é igual. São exatamente as diferenças existentes entre essas várias cópias que perfazem o objeto da Crítica Textual”.<sup>161</sup> Para as diversas variantes, utilizaremos o aparato crítico de Nestle-Aland. Para o versículo 31 não há crítica textual.

<sup>160</sup> Destacamos os seguintes detalhes dessa tradução:

Versículo 31: Traduz δεῖ por “importava”. Além não exprimir o melhor verbo para traduzir a palavra, conjuga-o em um tempo que não é o do texto grego. Como consequência dessa opção, os demais verbos da frase também foram conjugados para dar uma concordância temporal com o primeiro verbo: “padecesse”, “fosse” (duas vezes), “ressuscitaria”.

Versículo 32: Traduz παρησία por “abertamente”; traduz τὸν λόγον por “estas palavras”, colocando no plural uma expressão que está no singular.

Versículo 33: Acrescenta “ele” como o sujeito da frase, que está subtendido, mas não explícito no texto grego; traduz λέγει, um verbo no Presente Ativo, por “dizendo”, talvez para facilitar a leitura; traduz “ὑπαγε ὀπίσω μου” por “Retira-te de diante de mim”, indicando que Jesus pede que Satanás apenas saia da frente dele, como se, através de Pedro, o enfrentasse; não traz mudanças decisivas na tradução: traduz φρονεῖς por “compreendes”.

<sup>161</sup> WEGNER, 2012, p. 60.

### 2.2.1 O versículo 32

Há uma substituição de: ὁ Πέτρος αὐτὸν. Há três versões de texto. A primeira variante (A), αὐτὸν ὁ Πέτρος, “tomando-o à parte, Pedro” é apoiada por: ⳨ A C K W Γ Δ Θ f<sup>1</sup>.<sup>13</sup> 28. 33. 565. 579. 700. 1241. 1424. 2542 M. A segunda variante (B), ὁ Πέτρος, “tomando à parte” recebe o apoio apenas de D. A terceira variante, o texto de Nestle-Aland, (C), ὁ Πέτρος αὐτὸν, “Pedro tomando-o à parte” tem o apoio de: B L 892 a.

Para a crítica textual, tomamos os critérios de *evidência externa*:<sup>162</sup> quantidade,<sup>163</sup> idade dos manuscritos<sup>164</sup> e localização dos textos.<sup>165</sup> Já os critérios de *evidência interna* de que nos valemos foram: tamanho do texto considerado,<sup>166</sup> comparação com os paralelos (no caso, os outros evangelhos sinóticos)<sup>167</sup> e peso das categorias de cada texto.<sup>168</sup> Considerando esses critérios, partimos do ponto que elimina o texto B por ter apoio apenas de um manuscrito ocidental. Pelos critérios de evidência externa o texto de Nestle-Aland deve ser considerado o autógrafo, em virtude de a maioria dos textos (em quantidade) não apoiar essa opção, bem como porque, dentre os textos escolhidos como sendo os originais (C), estão os mais antigos. Já pelos critérios de evidência interna, destaque-se que a tendência dos copistas

<sup>162</sup> No Apêndice A, há uma tabela decodificando as siglas, caracterizando os tipos de textos, as suas datas, a classificação dos testemunhos e a categoria em que se enquadram.

<sup>163</sup> Em termos de quantidade, a maioria dos manuscritos apoia a versão A, visto que o texto majoritário também se encontra entre eles. Em contrapartida, a versão B é apoiada por um manuscrito. “Procurando determinar a forma original, mediante a escolha da variante que conta com o maior número de manuscritos, quase sempre somos levados à decisão errônea” (CHAMPLIM, Russell Norman. *O Novo Testamento interpretado versículo por versículo*. São Paulo: Milenium, 1982. v. 1. p. 98). Sob este princípio, o texto A, que tem maior número de manuscritos que o apoiam, deve ser rejeitado como original. Ganhariam aqui apoio B e C.

<sup>164</sup> A idade dos manuscritos pode ser assim referenciada: A: três textos são dos séculos IV e V, mas a maioria remonta ao período entre os séculos IX e XIII, ou seja, a maioria das versões é mais recente, e, “quanto mais recente, mais viciado ele deve estar pelos copistas” (PAROSCHI, Wilson. *Crítica Textual do Novo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1993. p. 149); B: textos dos séculos V e VI; C: dos quatro manuscritos temos dois do séc. IV, um do séc. VIII e um do séc. IX. “A contagem dos manuscritos mais antigos, por exemplo, os unciais dos primeiros seis séculos, é que mais frequentemente nos fornecerá a forma original” (CHAMPLIM, 1982, p. 98). Aqui se deve dar mais um ponto de crédito ao texto C.

<sup>165</sup> Quanto à localização dos textos, temos: um texto para cada versão sob a forma ocidental (a mais “liberal”), o que nos faz dispensar a segunda forma apresentada no aparato crítico (B)<sup>165</sup>. Para a primeira forma (A) apresentada no aparato crítico temos textos de todas as quatro localizações, sendo seis de tipo alexandrino, oito de tipo cesareense, duas do bizantino e uma do ocidental. Já a versão adotada por Nestlé-Aland (C) como autêntica tem três de tipo alexandrino e uma ocidental.

<sup>166</sup> O texto mais curto deve ser preferido (Cf. WEGNER, 2012, p. 71.). No caso, tanto o primeiro quanto o terceiro texto têm o mesmo tamanho, havendo apenas uma inversão na ordem das palavras. Neste aspecto, os textos têm o mesmo peso.

<sup>167</sup> “Deve-se optar pela variante em desacordo”. Em Mateus, na passagem paralela, as palavras estão na mesma ordem que a variante A, sem crítica textual. Os copistas têm tendência a harmonizar os textos (Cf. PAROSCHI, 1993. p. 153). Isto dá um respaldo maior para o texto C.

<sup>168</sup> Quanto à categoria, a maioria dos textos que apoiam A são de tipo III a V, ao passo que os textos que apoiam C são de tipo I, II e III. Isso daria preferência ao texto C.

em harmonizar os textos bíblicos e que os textos de melhor qualidade estão incluídos no texto de Nestle-Aland, é justo afirmar que a proposta deste tem maior sustentação.

### 2.2.2 O versículo 33

O sinal  $\top$  antes de Πέτρω indica inclusão, ou seja, nesse ponto há a inclusão de uma palavra. No caso, τω antes de Πέτρω. Trata-se de um artigo antes de um nome próprio, fato que, na verdade, não irá oferecer muitas alterações no resultado da tradução: “Pela natureza do caso, um nome próprio é definido sem o artigo. (...) Como uma regra geral, a presença do artigo nesses casos indica que a pessoa é conhecida. (...) O que podemos dizer, porém, é que um nome próprio, com ou sem artigo, é definido”.<sup>169</sup>

Apoiam a inclusão **todos** os manuscritos do item A do versículo anterior, exceto  $\kappa$  acrescido ainda dos manuscritos minúsculos 0214. 892. Apoiam o texto de Nestle-Aland:  $\kappa$  B D L.<sup>170</sup>

Com essas pequenas alterações, mas significativas, temos dois textos de categoria I que apoiam o texto oficial e, em contrapartida, nenhum desta categoria que apoie a variante que inclui o artigo τω. Os textos de categoria I são “manuscritos de uma qualidade muito especial que sempre devem ser considerados para estabelecer o texto original”.<sup>171</sup> Além disso, quase todos os mesmos pontos indicados para a Crítica Textual do versículo anterior são aplicáveis a este versículo e a grande gama de manuscritos que apoiam a inclusão do artigo depõe contra o próprio texto, pois “a qualidade é sempre mais importante que a quantidade”.<sup>172</sup>

Comparando com o texto paralelo em Mt 16,23, apesar de encontrarmos construções diferentes na frase, vemos, sem crítica textual alguma, a presença do artigo τῷ. Percebe-se, novamente, a tendência à harmonização, própria dos copistas. Neste sentido, optamos pelo texto de Nestle-Aland, o qual exclui o artigo no texto que analisaremos.

Assim, o texto que traduzimos no início deste trabalho é o mesmo adotado por Nestle-Aland. As variantes não trazem propostas que alterem substancialmente o sentido do texto original (alteração na ordem de palavras, e inclusão ou não de um artigo definido). Dado que há apenas duas observações no aparato crítico acerca do texto e que ambas não alteram o texto que traduzimos, afirmamos que o texto de Nestle-Aland possivelmente está próximo do

<sup>169</sup> WALLACE, Daniel B. *Gramática grega: uma sintaxe exegética do Novo Testamento*. São Paulo: Editora Batista Regular do Brasil, 2009, p. 245-246.

<sup>170</sup> No Apêndice A, já referido, todas estas informações podem ser melhor visualizadas.

<sup>171</sup> CIAMPA, Roy E. *Manual de referência para a crítica textual do Novo Testamento*. 2001. p. 7.

<sup>172</sup> PAROSCHI, 1993, p. 150.

original. Com base nesses dois importantes passos que demos aqui, prosseguiremos nossa exegese, fazendo a análise das formas, convictos de estarmos falando a partir desta proximidade ao texto original do redator de Marcos.

## 2.3 Análise das formas

Dos passos que demos até o momento, vimos que o texto que traduzimos é muito próximo do original do evangelista. Após a tradução, comparação e estabelecimento do texto original, passaremos à análise das formas. Nela, delimitaremos o texto e buscaremos sua estrutura.<sup>173</sup> Há ainda espaço para “a soma das características de estilo, sintaxe e estrutura”.<sup>174</sup> Ou seja, neste item analisaremos o texto bíblico como literatura.

### 2.3.1 Delimitação da perícope

Na versão de Nestle-Aland, Mc 8,31-33 é tido como uma perícope: vem antecedido de 8,27-30 e a ele sucede o conjunto formado por 8,34 – 9,1. A Bíblia de Jerusalém e a da CNBB concordam com esta divisão do texto. Mesmo formando um conjunto independente, nossa perícope está intimamente ligada tanto com a passagem anterior quanto com a posterior.

Na passagem anterior, v. 27, temos: “Jesus e seus discípulos partiram para os povoados de Cesareia de Filipe”. Ocorre, aqui, um deslocamento geográfico e a entrada em outro lugar. Fica muito claro, ainda, tratar-se de um texto autônomo em relação ao anterior, quando, após ter curado um cego, Marcos diz que Jesus o despediu, impedindo-o de entrar no povoado (v. 26). Em Mc 8,27-30, temos as duas perguntas de Jesus sobre sua identidade: “Quem dizem as pessoas que eu sou?”, “E vós, quem dizeis que eu sou?”. Após o breve diálogo em que Jesus recolhe as respostas, a narrativa é concluída pela advertência de Jesus, que impõe silêncio aos discípulos, no sentido de não contarem a ninguém que ele era o messias, de acordo com a resposta dada por Pedro.

Passando para a nossa perícope, percebemos claramente seu início com as palavras “E começou”. Através dessa expressão, é introduzido o primeiro anúncio (de um total de três) da Paixão, “síntese do querigma primitivo”.<sup>175</sup> Há, ainda, a reação de Pedro a este anúncio e a devida correção de Jesus a Pedro: o enfrentamento de dois modos de pensar sobre a prática pelo Reino,<sup>176</sup> com a qual esta perícope é encerrada, prevalecendo as palavras de Jesus.

<sup>173</sup> WEGNER, 2012, p. 112.

<sup>174</sup> BERGER, Klaus. *As formas literárias do Novo Testamento*. São Paulo: Loyola, 1998. p. 13.

<sup>175</sup> FABRIS, Rinaldo; BARBAGLIO, Giuseppe. *Os Evangelhos (I)*. 3. ed. São Paulo: Loyola, 2014. p. 510.

<sup>176</sup> Cf. GALLARDO, 1997, p. 177.

O versículo 34 inicia uma nova perícopé. Os personagens na primeira perícopé eram os discípulos (8,27). Depois a cena focaliza Pedro e Jesus (8,32). Em 8,34 os personagens são ampliados para a multidão, juntamente com os discípulos. Também o cenário muda: Pedro havia levado Jesus para um lado e o repreendido; agora Jesus chama novamente todos e ensina sobre o discipulado: “Se alguém quer vir após mim...”. Estamos, neste último trecho (8,34 – 9,1), diante do gênero menor chamado “ditos de seguimento”, segundo Krüger e Roloff.<sup>177</sup>

Desse modo, com base no que expusemos aqui, aceitamos o trecho de Mc 8,31-33, como uma perícopé. Isto é, o texto possui uma unidade de sentido autônoma, apesar de estar profundamente vinculada com as passagens que a precedem e sucedem. Isto será destacado no subitem seguinte.

### 2.3.2 Estrutura literária e coesão do texto

Mc 8,31-33 tem profunda ligação com a perícopé anterior. Em Mc 8,27-30, Jesus pergunta aos discípulos por sua identidade (segundo o povo e segundo os próprios discípulos). Pedro responde que Jesus é o messias. Trata-se de uma resposta “ordotoxa em sua formulação verbal”,<sup>178</sup> mas oferece perigo quanto ao seu conteúdo. “Jesus não corrige nem rejeita a resposta de Pedro, mas sublinha a seriedade e o compromisso dela”<sup>179</sup> e, por isso mesmo, o pedido de silêncio aos discípulos a seu respeito (cf. 8,30). Devido ao fato de, como vimos, haver uma espera messiânica no tempo Jesus, o messias proclamado por Pedro poderia avivar “as ambíguas expectativas messiânico-nacionalistas”.<sup>180</sup>

Neste ponto, inicia nosso texto, que contrasta com a perícopé anterior.<sup>181</sup> Dividiremos seus três versículos em três partes: 1) a narrativa do primeiro anúncio da Paixão e a conclusão que fala da ousadia com que Jesus ensinava (31-32a); 2) a censura que Pedro impõe a Jesus, ao chamá-lo de lado (32b); 3) o cenário, montado pelo evangelista, que mostra Jesus vendo todos e censurando Pedro, chamando-o de Satanás e mandando-o ir atrás de si (33).

<sup>177</sup> Cf. WEGNER, 2012, p. 248.

<sup>178</sup> GALLARDO, 1997, p. 176.

<sup>179</sup> FABRIS; BARBAGLIO, 2014, p. 512.

<sup>180</sup> FABRIS; BARBAGLIO, 2014, p. 513. Cf. também SOARES. CORREIA JUNIOR. OLIVA, 2012, p. 268.

<sup>181</sup> Cf. SOARES. CORREIA JUNIOR. OLIVA, 2012, p. 269.

### 2.3.2.1 Os versículos 31-32a

Estes versículos iniciam com as palavras “Καὶ ἤρξατο” muito apreciadas por Marcos. Com a conjunção “Καὶ” Marcos tem por hábito conectar as frases, dando continuidade entre uma ideia e outra. Em seguida aparece ἤρξατο uma palavra que aparece nesta forma 18 vezes no evangelho de Marcos. Na verdade, o próprio evangelho de Marcos é Ἀρχή, isto é, apenas começo, conforme já analisamos no capítulo anterior.<sup>182</sup> Ao longo do evangelho Jesus, muito humano que é, irá iniciar diversas vezes. Aliás, a proclamação messiânica, feita por Pedro, faz com que Jesus *comece* a ensinar acerca do messianismo que ele exercerá: “seria um Messias na linha do servo sofredor, anunciado pelo profeta Isaías (Is 40 – 55)”,<sup>183</sup> mas assumido pelo Filho do Homem. E dizia isso com ousadia (παρρησία).<sup>184</sup> Este é o primeiro anúncio da Paixão em Marcos: Jesus começa a ensinar o que significa ser messias. Jesus utiliza a imagem do Filho do Homem, o qual “é concebido como o agente da libertação e do julgamento salvífico definitivo de Deus na história”.<sup>185</sup> O Filho do Homem assume as consequências de sua missão (sofrer muito, ser rejeitado e morrer), bem como ressuscitar.

### 2.3.2.2 O versículo 32b

Está profundamente ligado ao anterior, uma vez que é a resposta de Pedro ao primeiro anúncio da paixão. Em verdade, Marcos sempre associa a cada anúncio da paixão (8, 31; 9,30-31; 10,32-34) uma reação contrária da parte dos discípulos (cf. 8,32b; 9,32-34; 10,35-40).<sup>186</sup> E a cada reação contrária, Jesus não desiste, mas pelo contrário, se põe a ensinar (corrigir) os discípulos (8,33 – 9,1; 9,35-37; 10,41-45). O versículo 32b é, portanto, a reação negativa de um dos discípulos ao anúncio de que o Mestre deveria morrer.

### 2.3.2.3 O versículo 33

Neste versículo, Jesus toma a palavra novamente e reage à fala de Pedro. Pode ser lido em contraposição ao versículo anterior em alguns aspectos, o que faz perceber a unidade da perícopre: Pedro havia censurado Jesus; este, por sua vez, repreende energicamente o discípulo; se Pedro havia tomado Jesus à parte e defendido seus interesses (e o próprio Jesus o

<sup>182</sup> Cf. 1.3.3.1 e 1.3.3.4.

<sup>183</sup> MOSCONI, 2012, p. 21.

<sup>184</sup> Cf. MOUNCE, William D. *Léxico analítico do Novo Testamento grego*. São Paulo: Vida Nova, 2013. p. 472. Optamos pelo primeiro significado encontrado, mesmo havendo o significado “abertamente” para este versículo, indicado no Léxico.

<sup>185</sup> FABRIS; BARBAGLIO, 2014, p. 514.

<sup>186</sup> Cf. FABRIS; BARBAGLIO, 2014, p. 514.

acusa disso), Jesus volta o olhar para os outros, corrige Pedro e o manda para trás de si; a perícopé é concluída através da fala de Jesus que contrapõe o modo de Pedro pensar (ou dedicar-se) ao modo de Deus. Desse modo, temos os seguintes blocos:

- 1) O ensinamento de Jesus acerca de sua paixão (31-32a);
- 2) A não aceitação de Pedro desse ensinamento e sua censura a Jesus (32b);
- 3) Jesus recrimina Pedro por seu modo de pensar e “manda” que o siga (discipulado) (33).

No versículo 34, temos início de uma nova perícopé, o que, com facilidade, podemos aceitar. Inicia com “Καὶ προσκαλεσάμενος”: (E chamando...). Após ter corrigido Pedro diante dos demais discípulos, Jesus, querendo evitar equívocos de mentalidade em todos os seus, chama a multidão, juntamente com os discípulos, e ensina todos sobre o que é segui-lo (εἴ τις θέλει ὀπίσω μου ἀκολουθεῖν – Se alguém quer atrás de mim seguir...). O texto, em seu conjunto, (8,27 – 9,1) forma uma cena simbólica, pois primeiro tínhamos Jesus caminhando com seus discípulos em Cesareia de Filipe e conversando com eles. Em seguida, “essa conversa se abre em forma de ensino público, como se precisamente ali, no limite da terra prometida (ao norte da Galileia, sob o monte Hermon, perto de Damasco) estivesse esperando todo o povo para escutar a doutrina universal sobre o seguimento” (tradução nossa).<sup>187</sup> Fica evidente, portanto, mais uma vez, a importância deste texto quando lido no conjunto da obra de Marcos. Também se nota a ligação dos textos entre si, bem como a autonomia que cada um deles possui isoladamente.

### 2.3.3 Gênero literário

Determinar o gênero significa ver que tipo de texto está em consideração. A perícopé que estamos analisando (8,31-33) pertence ao gênero literário maior chamado evangelho. Nos evangelhos encontramos uma série de gêneros menores, que caracterizam especificamente cada perícopé como um texto autônomo dentro do conjunto da obra. Tranquilamente nossa perícopé identifica-se com o gênero narrativo, uma vez que descreve uma história desencadeada a partir de um pronunciamento de Jesus, no caso, a predição de sua paixão e ressurreição.<sup>188</sup> No entanto, pode-se notar, nessa perícopé, um misto de dois gêneros menores, dentro do gênero narrativo: 1) “Ditos em que Jesus faz referência à sua morte e

<sup>187</sup> *Esa conversación se abre en forma de enseñanza pública, como si precisamente allí, en el límite de la tierra prometida (al norte de Galilea, bajo el monte Hermón, cerca de Damasco!) estuviera esperando todo el pueblo (ton ohklon: 8,34) para escuchar ya la doctrina universal sobre el seguimiento.* PIKASA, 2012, p. 590.

<sup>188</sup> Cf. WEGNER, 2012, p. 225.

ressurreição”,<sup>189</sup> ou simplesmente os “ditos eu”, em que Jesus “faz afirmações a respeito de sua missão ou identidade”<sup>190</sup> (aqui está situada a primeira parte do texto, conforme divisão acima); 2) A segunda e a terceira partes de nosso texto parecem fazer parte das controvérsias e diálogos didáticos que “apresentam Jesus em discussão com outras pessoas”,<sup>191</sup> desencadeada pela apresentação que Jesus faz de si. Devido ao fato de, normalmente, as controvérsias serem suscitadas por adversários de Jesus, parece muito mais conveniente situar este texto como um diálogo didático, não obstante toda a tensão que envolve Jesus e Pedro, principalmente, ao discutirem séria e duramente diante dos demais discípulos.<sup>192</sup>

Por sua vez, os diálogos didáticos fazem parte do gênero chamado de “paradigma”, designação criada por Dibelius, para definir “narrativas que, originalmente, eram usadas como ilustrações, ou seja, exemplos (paradigmas) para pregação nas primeiras comunidades”.<sup>193</sup> Curiosamente, nenhum dos autores que fez esta classificação destacou a segunda e terceira partes do nosso texto, mas apenas a primeira. Perante as possibilidades de classificação, a dos paradigmas, enquanto diálogo didático, pareceu-nos a mais coerente.<sup>194</sup>

Dessa forma, classificando nossa perícopes como *diálogo didático* estaria em jogo um ensinamento novo que Jesus quer inculcar em Pedro. Repreensão (Berger) é uma palavra mais forte que diálogo. Talvez ela ajude a levar a sério a dureza, tanto do ensinamento quanto de Pedro em não querer se deixar moldar pela palavra de Jesus. Tendo detectado os gêneros literários menores desta perícopes, no próximo item faremos a análise de redação, separando os elementos do texto que são marcanos dos pré-marcanos.

### 2.3.4 Análise da redação

Fazer uma análise redacional ou das fontes em Marcos não é tarefa fácil, pois não temos acesso aos textos (fontes escritas e orais) que ele tenha utilizado para compor seu evangelho.<sup>195</sup> Utilizar a classificação de gêneros menores feita no subitem anterior nos será

<sup>189</sup> WEGNER, 2012, p. 247.

<sup>190</sup> SILVA, Cássio Murilo Dias. *Metodologia de exegese bíblica*. São Paulo: Paulinas, 2009. p. 210.

<sup>191</sup> WEGNER, 2012, p. 226.

<sup>192</sup> A classificação reveste-se de ambiguidade, pois Pedro assume postura de adversário de Jesus, tanto que este o chama de Satanás. No entanto, pela culminância do diálogo, uma exortação ao seguimento, optamos por ler nossa perícopes como diálogo didático.

<sup>193</sup> Cf. WEGNER, 2012, p. 225. Taylor chama estas mesmas perícopes de “pronunciamentos”; Bultmann de “apotegmas” e Berger de “chreia”.

<sup>194</sup> Berger classifica estes dois versículos como sendo de *admonição e repreensão*. Neles há “a combinação de uma invectiva (Satanás) e uma exortação (seguir Jesus). Pedro é para a comunidade um sugestivo exemplo negativo, na exortação aos fieis para se familiarizarem pela fé e pela vida, com a sequência de humildade e elevação que caracteriza o Filho do Homem e a comunidade por ele representada” (BERGER, 1998, p. 179).

<sup>195</sup> Cf. WEGNER, 2012, p. 159.

útil para perceber que estamos com tradições diversas e que foram unidas na redação do evangelho. Trata-se do primeiro anúncio da paixão e as repreensões entre Jesus e Pedro. No entanto, para ser compreendida como um todo redacional, é necessário que voltemos para sua parte anterior (8,27-30), com a qual nossa perícopos tem profunda relação. Chamaremos este texto (8,27-33) como “perícopos maior”.

Podemos distinguir seus três componentes diversos: o interrogatório aos discípulos (culminando) com a confissão de Pedro (27-30), o anúncio da paixão (31) e a repreensão a Pedro (32s). Estiveram essas partes, ou algumas delas, unidas já antes de Marcos? (tradução nossa).<sup>196</sup>

Da pergunta, resulta simples concluir que o anúncio da paixão constitui tradição pré-marcana. Na primeira parte da “perícopos maior” (27-30) vemos o olhar do povo acerca da identidade de Jesus, já presente em 6,14b-15. Dessa relação é possível supor “que um redator, anterior a Marcos, pôs na boca dos discípulos a tradição das opiniões do povo, uniu-as com a confissão de Pedro e criou dessa maneira a perícopos”<sup>197</sup> (tradução nossa). Essa primeira parte da “perícopos maior” (27-30 – a qual consideramos como perícopos autônoma) irá relacionar-se com a terceira parte dela (32b-33 – o diálogo didático, conforme a classificação feita). O centro da passagem é ocupado pelo anúncio da paixão (v. 31).

A introdução que Marcos utiliza para inserir o anúncio da paixão revela que as tradições utilizadas estavam separadas nas fontes utilizadas pelo evangelista. O anúncio da paixão encontra duas passagens paralelas no evangelho de Marcos: 9,31 e 10,33s. “Opiniões diferem se o dito no v. 31 [no cap. 8] é tradicional e levemente revisado ou é uma composição marcana”.<sup>198</sup> Nas três passagens a expressão *Filho do Homem* é utilizada. Gnilka, ao considerar o primeiro anúncio da paixão, aponta para a razoabilidade de que a declaração dos responsáveis pela futura morte de Jesus (anciãos, sumos sacerdotes e escribas) seja uma “inclusão ou ampliação de Marcos”.<sup>199</sup> Eles equivalem, para nosso redator, ao Conselho dos judeus ou ao Sinédrio,<sup>200</sup> ou seja, assim o evangelista se refere a eles (aqui estaria a “mão” do redator final do evangelho). Ainda há que destacar que, em comparação aos outros dois anúncios da paixão, há a presença do  $\delta\epsilon\iota$  (como expressão da vontade divina) e se evita o

<sup>196</sup> *Podemos distinguir de sus tres componentes diversos el interrogatorio a los discípulos con la confesión de Pedro (27-30), la predicción de la pasión (31) y la reprensión de Pedro (32s). ¿Estuvieron estas partes, o algunas de ellas, unidas ya antes de Marcos?* GNILKA, 2001, p. 10.

<sup>197</sup> *...que un redator anterior a Marcos puso en boca de los discípulos la tradición de las opiniones del pueblo, las unió con la confesión de Pedro y creó de esta manera la perícopos.* GNILKA, 2001, p. 12.

<sup>198</sup> *Opinions differ about whether the saying in v. 31 is traditional and slightly revised by Mark or is a Marcan composition.* COLLINS, Adelia Yarbro; ATTRIDGE, Harold W. *Mark: a commentary.* Minneapolis: Fortress, 2007. p. 403.

<sup>199</sup> Cf. GNILKA, 2001, p. 12.

<sup>200</sup> Cf. COLLINS; ATTRIDGE, 2007, p. 404.

παραδιδόναι para não falar ainda de entrega (compararemos isso no próximo capítulo). No contexto literário da perícope (31-33), é mister perceber que “o evangelista introduz o logion como ensinamento aos discípulos”,<sup>201</sup> ou seja, utiliza para o fim a que se propõe, o de iniciar a seção de ensinamento de Jesus aos discípulos, um dito já existente de modo independente, dando-lhe novo sentido. Com relação à última parte da perícope maior, a qual corresponde com a primeira, Gnilka assim analisa:

No v. 33 temos um fragmento. A dura repreensão de Pedro é, certamente, uma tradição antiga. A ninguém teria agradado colocar sobre o discípulo com mais prestígio a etiqueta de “satânico”. Visto que se dá a verdadeira contraposição entre Satanás e Deus, a continuação da frase *ἀλλὰ τὰ τῶν ἀνθρώπων* deverá ser considerada como acréscimo (de Marcos?). Do evangelista provém o olhar de Jesus dirigido aos discípulos (*καὶ ἰδὼν τοὺς μαθητὰς αὐτοῦ*). Marcos introduz também aqui os discípulos já que está em jogo a sua existência. A união 32b é um elemento de composição utilizado pela redação (tradução nossa).<sup>202</sup>

Transparecem, portanto, esses elementos redacionais feitos nas fontes das quais o redator final do evangelho se apropriou. Nossa análise redacional conclui que: 1) os versículos 27-30 são de redação marcana (na mesma esteira do texto paralelo de 6,14b-15); 2) o anúncio da paixão, uma fonte de que o redator dispõe, ocupa o seu centro (foi inserido pelo redator *aqui*) e dá a tônica do ensinamento aos discípulos, nesta seção do evangelho que Marcos inicia (8,22 – 10,52); 3) o versículo 33, também pré-marcano, sofreu retoques redacionais, que não mudam sua essência. Os aspectos introduzidos por Marcos nas tradições antigas, ajudarão o/a leitor/a a encontrar a mensagem principal do texto, quando narrado da forma que é: o que está em jogo é o discipulado começar a pensar as coisas de Deus e seguir o Mestre, o Filho do Homem, em seu plano de fazer a vontade de Deus dando a própria vida. Assim, o trabalho redacional de Marcos consiste em possíveis leves intervenções em 8,31 e em unir este texto com o que segue, sem mudar o texto pré-marcano (v. 33) em sua essência. Sua principal realização redacional consiste em ter tomado o texto pré-existente e em tê-lo inserido aqui, nesse contexto literário imediato, para dar continuidade a 8,27-30.

Também algumas características de estilo literário deste evangelista podem ser percebidas. Isso nos ajuda a considerar este trecho como sendo redacional de Marcos. O uso do presente histórico, o uso de ἤρξατο como verbo auxiliar, o uso de *parataxis*, ou “a simples

<sup>201</sup> *El evangelista introduce el logion como enseñanza de los discípulos.* GNILKA, 2001, p. 14.

<sup>202</sup> *En v. 33 tenemos un fragmento. La dura reprensión de Pedro es, ciertamente, una tradición antigua. A nadie le habría agradado colocar sobre el discípulo más prestigioso la etiqueta de que é les un Satán. Puesto que se da la verdadera contraposición entre Satán e Dios, la continuación de la frase ἀλλὰ τὰ τῶν ἀνθρώπων deberá ser considerada añadidura (¿de Marcos?). Del evangelista proviene la mirada de Jesús dirigida a los discípulos (καὶ ἰδὼν τοὺς μαθητὰς αὐτοῦ). Marcos introduce también aquí a los discípulos ya que está en juego su existencia. La unión 32b es un elemento de composición utilizado por la redacción.* GNILKA, 2001, p. 14.

coordenação de orações com *καί*” são característicos ao estilo de Marcos.<sup>203</sup> Vejamos, de perto, cada um.

- Ao usar “*λέγει*” (no presente, especialmente no que diz respeito ao verbo *λέγω*, bastante utilizado por Marcos, totalizando 72 vezes ao longo do livro)<sup>204</sup> deparamo-nos com o estilo próprio de Marcos. Ainda encontramos neste trecho *δει* e *φρονεῖς*, mais dois verbos no presente histórico, ao longo da passagem.
- O uso de *ἤρξατο* como verbo auxiliar duas vezes ao longo deste pequeno trecho. Em todo o evangelho, este verbo aparece 26 vezes.<sup>205</sup> É discutível se esta forma signifique uma aproximação ao aramaico, remontando à língua de Jesus, com a qual Marcos teria certa familiaridade.<sup>206</sup>
- Neste trecho, que contém 69 palavras, 10 vezes encontramos a palavra “*καί*”. Marcos utilizava muito esta conjunção coordenativa ao invés utilizar participípios, orações subordinadas ou frases mais complexas.<sup>207</sup> Apenas o versículo 33 não inicia com “*καί*”.

A seguir, faremos a contextualização literária, ou seja, veremos como nossa perícopese insere na seção (8,22 – 10,52) e no evangelho como um todo. Isso nos ajudará a captar a intencionalidade do autor em relação ao nosso objeto de estudo. Reunir esses elementos nos ajudará a concluir nossa análise das formas, a qual “visa captar exatamente esses interesses e as características de vocabulário, estilo e pensamento teológico”<sup>208</sup> de nosso autor.

### 2.3.5 Contexto literário

Após ter encontrado traços redacionais de Marcos em seu texto, agora nos cabe colocar esse trecho dentro de seus contextos: o menor e o maior. Trata-se de retomar a estrutura do evangelho de Marcos e situar a perícopese, que estamos considerando, no plano literário do autor: dentro da seção e dentro da obra como um todo.

#### 2.3.5.1 Contexto menor

Conforme já foi indicado, o trecho analisado tem ligação estreita com o trecho anterior e o posterior (cf. item 2.3.2, acima). Por sua vez, 8,27-30 contrasta com 8,31-33:

<sup>203</sup> Cf. TAYLOR, 1980, p. 69-71.

<sup>204</sup> Cf. TAYLOR, 1980, p. 69.

<sup>205</sup> Em duas possíveis formas (ambas no aoristo, voz média, indicativo): *ἤρξατο* (3ª pessoa do singular) ou *ἤρξαντο* (3ª pessoa do plural). Podem ser traduzidos, respectivamente, por: começou e começaram.

<sup>206</sup> Cf. TAYLOR, 1980, p. 70.

<sup>207</sup> Cf. TAYLOR, 1980, p. 71.

<sup>208</sup> WEGNER, 2012, p. 156.

Antes, Jesus, é proclamado como “o Cristo”, título que expressa expectativa de poder e triunfo. Agora, apresenta-se como “o Filho do Homem”, destacando sua simples condição humana, cujo triunfo (ressurreição) é consequência de duro embate com os poderes político e religioso. Antes, a proclamação triunfal de Jesus como o “Cristo”, foi censurada e severamente proibida. Agora, Jesus ensina “abertamente”, conscientizando, abrindo os olhos de seu discipulado sobre o conflito que o Filho do Homem terá de enfrentar.<sup>209</sup>

É, portanto, fácil perceber que Marcos, ao redigir e organizar seu material, quis ressaltar as oposições existentes entre o que Jesus diz e o que os discípulos dizem; entre o que Jesus iria fazer e o que os discípulos (representados por Pedro) não querem que seja feito. Ao destino do Mestre, é associado o destino dos discípulos! “Não basta confessar que ‘Jesus é Messias’, o importante é ‘que tipo de Messias se diz que Jesus é’ e até onde se está disposto a acompanhá-lo”.<sup>210</sup> O contexto histórico das comunidades de Marcos, destacado no capítulo anterior, ajuda-nos a entender melhor essa afirmação.

Também esse mesmo tema perpassa a períclope seguinte. Após ter este enfrentamento com Pedro, que não aceita o sofrimento pelo qual o messias deveria passar, Jesus chama a multidão, juntamente com os discípulos e diz (o seu ensinamento). Dentre as duas propostas de começo (cf. item anterior) propostas em 8,31-33, prevalece o começo pretendido por Jesus (que supera o de Pedro).<sup>211</sup> No entanto, o ensinamento não se estende mais apenas aos discípulos, como em 8,31, mas para toda a multidão, *juntamente* com os discípulos. De certo modo, Marcos está querendo mostrar que, a partir de agora e do evidente erro de Pedro, quem quiser seguir Jesus (tanto a multidão, que ainda não viu em Jesus mais do que um profeta, quanto os discípulos que o proclamam messias glorioso, sem cruz ou sofrimento) será assim: “Se alguém quiser vir após mim, renuncie a si mesmo, tome a sua cruz e siga-me!” (8,34). “Temos aqui uma sequência bem articulada de ditos, em torno das exigências fundamentais para o seguimento de Jesus”.<sup>212</sup> Alguns autores delimitam essa série de ditos como sendo o trecho que compreende os versículos 8,34 – 9,1.<sup>213</sup> Já Gallardo faz um corte entre o versículo 8,38 e o 9,1 (iniciado com a expressão “e disse-lhes”), considerando este um versículo de ligação (entre os ditos de Jesus sobre o seguimento e o relato da transfiguração – 9,2-10).<sup>214</sup> Com base no que a maioria dos estudiosos defende, consideramos o trecho de 8,34 – 9,1

<sup>209</sup> SOARES; CORREIA JUNIOR; OLIVA, 2012, p. 269.

<sup>210</sup> GALLARDO, 1997, p. 179.

<sup>211</sup> “Com determinação inescrupulosa, Jesus abre seu caminho para Jerusalém, se bem que a atitude dura vale mais para si mesmo do que para o discípulo”. POHL, Adolf. *O Evangelho de Marcos*. Curitiba: Editora Evangélica Esperança, 1998. p. 262.

<sup>212</sup> SOARES; CORREIA JUNIOR; OLIVA, 2012, p. 273.

<sup>213</sup> Cf., por exemplo, SOARES; CORREIA JUNIOR; OLIVA, 2012, p. 273; FABRIS; BARBAGLIO, 2014, p. 515; GNILKA, 1986, p. 23; TAYLOR, 1980, p. 452.

<sup>214</sup> Cf. GALLARDO, 1997, p. 180.

como uma única perícopé. Esta, por sua vez, dá a continuidade ao itinerário formativo dos discípulos, iniciado em 8,31, o qual terá sua continuidade na transfiguração. Na análise do contexto maior, complementaremos possíveis lacunas que tenham ficado abertas aqui.

### 2.3.5.2 Contexto maior

No primeiro capítulo desta pesquisa, buscamos e formulamos uma estrutura literária em que Marcos teria organizado seu evangelho. Ela nos auxiliou para encontrarmos as linhas e os temas teológicos presentes no segundo evangelho canônico. Na ocasião, chamamos o trecho compreendido entre os versículos 8,22 até 10,52 de “O ensinamento aos discípulos: é preciso abrir os olhos”. Isso porque esta seção do evangelho é marcada pelo ensinamento que Jesus realiza aos seus discípulos, que estão como cegos perante o seu ensinamento, que é pautado, marcado e tematizado pelos três anúncios da Paixão. Vimos ainda, que esta seção abre a segunda parte (ou metade) do evangelho de Marcos. Falar na cegueira dos discípulos é retomar os dois cegos localizados um no início (8,22-26) e o outro no fim (10,46-52) desta seção, os quais sinalizam a cegueira dos próprios discípulos e “molduram” o trecho.

Os cegos são, portanto, símbolo dos discípulos, também cegos (cf. 8,18.21). O cego de Betsaida (8,22-26) precisa ser retirado do povoado por Jesus, e, mesmo assim, na primeira vez que Jesus lhe impõe as mãos, ele ainda não recupera a visão por completo. “Comparemos com a situação dos discípulos: veem Jesus ‘como um fantasma’ que caminha sobre a água (6,49); não compreendem a prática dos pães (6,35s.51s; 8,17.21); nem que ‘o que está dentro, e não o de fora, é que faz o homem impuro’”.<sup>215</sup> Se até este ponto do evangelho Jesus havia se ocupado basicamente a realizar milagres, a partir de agora ele vai se retirar com seus discípulos, a fim de curar sua cegueira. Ao final (10,46-52), Bartimeu (novamente um cego) simbolizará os discípulos que acreditam em Jesus como messias, mas não o seguem (cf. 8,32). Somente enxergando, por meio do ensinamento, é que se poderá seguir Jesus pelo caminho.<sup>216</sup>

Nesta seção há três anúncios da Paixão (sofrimento, entrega, rejeição, morte) de Jesus feitos por ele mesmo. Eles cadenciam o ensinamento de Jesus, formando o fio condutor das subseções compreendidas no trecho 8,27 – 10,45, no qual Marcos resgata o ensinamento de Jesus ao discipulado. Gallardo considera como seção apenas 9,11 – 10,45 e distingue três tipos de instruções neste trecho, totalizando 12: “Delas, quatro são respostas a perguntas dos discípulos; quatro são correções a sua prática; e quatro, esclarecimentos não pedidos. Em cada

---

<sup>215</sup> GALLARDO, 1997, p. 173.

<sup>216</sup> Cf. GALLARDO, 1997, p. 207.

uma destas subunidades há uma referência clara à sorte do Filho do Homem sofredor”.<sup>217</sup> Eis uma visualização desta seção, que tem por tema geral as instruções aos discípulos:<sup>218</sup>

- 1) 8,27 – 9,29: Subseção 1: o caminho é a entrega da própria vida  
8,27-30: A confissão de Pedro (da Igreja): Jesus é o Messias  
8,31-33: O primeiro anúncio da Paixão  
8,34 – 9,1: O discipulado e a negação de si mesmo: perder a vida  
9,2-13: A transfiguração de Jesus: o destino do SERVO  
9,14-29: A criança sob o poder do espírito imundo: menino epilético  
Poder de Jesus X impotência e incompetência dos discípulos
- 2) 9,30 – 10,31: Subseção2: Os obstáculos no caminho – poder e riqueza  
9,30-32: O segundo anúncio da Paixão  
9,33-37: O discipulado: o maior é o Servo – acolher a criança  
9,38 – 10,16: Nova vivência do poder: COMUNIDADE com estranhos; partilha com os pequeninos; igualdade homem-mulher; ser como criança  
10,17-31: O homem rico: comunidade com os pobres. Incompreensão dos discípulos quanto aos pobres
- 3) 10,32-52: Subseção 3: doar a vida a serviço da vida da multidão é seguir Jesus no caminho  
10,32-34: Terceiro anúncio da Paixão  
10,35-40: Incompreensão dos discípulos: a aspiração ao poder e o chamado à renúncia e ao serviço  
10,41-45: O poder no mundo e o poder na comunidade  
10,46-52: A cura do cego Bartimeu: Filho de Davi ou Jesus de Nazaré? A cura da cegueira para seguir Jesus no CAMINHO (“Rabbúni!” = Meu Mestre).<sup>219</sup>

De acordo com esta forma de estruturar esta seção, percebe-se que o primeiro anúncio da paixão tem o papel de definir toda a sequência do evangelho. Trata-se de um novo começo, no qual Jesus se dedicará a ensinar as “consequências para a vida dos discípulos ou para a comunidade: participação em seu destino de morte e ressurreição, 8,34 – 9,1; acolhimento, serviço e autodoação na comunidade, 9,35-37; 10,42-45”<sup>220</sup> que advêm de sua paixão. Após cada anúncio da paixão, os discípulos reagirão com uma forma de incompreensão e dela surgirá a necessidade de mais ensinamento para superar a cegueira. “É aos poucos que se vai esclarecendo quem é Jesus e qual a sua proposta”.<sup>221</sup>

Resumindo nossa análise das formas, podemos concluir que a perícopes de Mc 8,31-33 é uma passagem autônoma e portadora de sentido, a qual pode ser ampliada quando esta é considerada em seu contexto literário. O texto, que faz parte do gênero maior chamado evangelho, é composto por três partes: a primeira delas é o anúncio da paixão e as outras duas formam um *diálogo didático*. Após o primeiro anúncio da paixão no evangelho de Marcos, Jesus se dedicará quase que exclusivamente a ensinar os discípulos, a fim de que esses

<sup>217</sup> GALLARDO, 1997, p. 185

<sup>218</sup> Nesta estruturação não está presente a cura do cego de Betsaida porque os autores abaixo citados não consideram esta cura como parte da seção tematizada aqui.

<sup>219</sup> SOARES; CORREIA JUNIOR; OLIVA, 2012, p. 260.

<sup>220</sup> FABRIS; BARBAGLIO, 2014, p. 511.

<sup>221</sup> SOARES; CORREIA JUNIOR; OLIVA, 2012, p. 259.

rompam suas cegueiras e possam segui-lo. Este é o grande tema da seção 8,22 – 10,52, que é emoldurada pela cura de dois cegos, imagem dos discípulos. No próximo item, já contextualizada a perícopa no texto, retomaremos sua contextualização em seu ambiente social e histórico.

## 2.4 Lugar (contexto histórico)

Após ter considerado Mc 8,31-33 como literatura, situando a perícopa dentro do evangelho e analisando suas partes e coesão interna, este item de nossa exegese pretende retomar a contextualização histórica do evangelho de Marcos. Uma contextualização geral já fizemos no capítulo anterior. Aqui queremos compreender nossa passagem no ambiente social que a gerou e como portadora de sentido para o mesmo.

Já destacamos que o redator do evangelho não é necessariamente aquela pessoa concreta, chamada Marcos, a quem o Novo Testamento faz referência. Atribuir a autoria do segundo evangelho canônico a Marcos significa atribuir-lhe autoridade para que o escrito possa ter uma boa recepção nas comunidades às quais foi endereçado. Essas comunidades estavam localizadas na Síria e na Palestina, no período da Guerra Judaica (em torno de 69-70). O ambiente é um tanto quanto conturbado e o evangelho quer animar as comunidades a testemunharem sua fé num Jesus cujo destino foi a morte na cruz como expressão de fidelidade a Deus até o fim. Ou seja: a Igreja

estava sendo convidada no seu HOJE em meio à guerra e às dificuldades internas, a ser fiel a *esse* projeto de Jesus e a vencer o medo diante das novas situações de perseguição, morte e cruz: não é mais hora de permanecer com medo e ficar em silêncio, pois anunciar a ressurreição é preciso (16,7).<sup>222</sup>

Desse modo, o evangelho de Marcos, que destaca a prática de Jesus, tem como grande intenção aproximar a vida de Jesus à vida de seus discípulos. Conforme ficou evidente na estrutura literária do texto, a primeira seção da segunda parte do evangelho põe em primeiro plano Jesus ensinando seus discípulos, a fim de que eles configurem sua vida à dele. Essa configuração de vida significa associar seu destino ao de Jesus, e por isso, a importância do ensinamento sobre sua paixão. A paixão de Jesus é como que um paralelo às perseguições por causa dele e do evangelho (8,35) que os discípulos do tempo de Marcos estavam sofrendo.

*O contexto de Mc 8,31-33.* Nosso texto tem como pano de fundo esse contexto histórico. Pedro ocupa a parte central da perícopa, a segunda das três (8,32b). O autor do evangelho, por meio de exemplos negativos dos discípulos, mostra a possibilidade de

---

<sup>222</sup> REIMER, 2012, p. 47-48.

qualquer pessoa de qualquer tempo poder ser discípula de Jesus. Nem mesmo suas incompreensões, medos e tendência ao triunfalismo poderiam ser empecilhos para seguir Jesus, desde que se passasse a pensar como Deus e não mais como os homens. No próximo item, aprofundaremos mais o sentido disso. Se Pedro, o líder dentre os discípulos (citado 25 vezes no evangelho de Marcos),<sup>223</sup> teve as mesmas dificuldades que as comunidades estavam enfrentando significava que nem tudo estava perdido. Apesar disso, Jesus rejeita duramente sua atitude, chamando-a de satânica, pois ele próprio teria de passar por isto. Também merece destaque que Marcos, muitas vezes, diga que Jesus ensinava, mas poucas vezes relate o conteúdo do ensinamento. Isso porque o conteúdo do ensinamento de Jesus é a sua prática. Aqui, com ousadia, Jesus revela o conteúdo central de seu ensinamento (e o repetirá outras duas vezes, de tão importante que é): sua vida deve passar pelo sofrimento e morte, mas com esperança (a ressurreição). A comunidade é convidada a “reinterpretar a própria vida à luz da vida de Jesus”<sup>224</sup> e assumir que os passos dados por Jesus terão que ser seguidos por ela. Vemos assim, como o conteúdo de nossa perícopes está ligado ao tempo e às comunidades a que Marcos escreve. Já estamos, portanto, em condições de aprofundar o conteúdo de nossa perícopes escolhida por ser uma síntese do ensinamento de Jesus em Marcos.

## 2.5 Análise de conteúdo

Temos nos aproximado do primeiro anúncio da paixão em Marcos (8,31-33). Traduzimos o texto bíblico e o comparamos com versões da Bíblia, sabendo ser grande a chance de ser o texto original de nosso autor. Vimos ainda, ser nosso texto uma perícopes autônoma e inserida num contexto em que o evangelista começa a evidenciar o ensinamento de Jesus aos seus discípulos, cadenciado por sua paixão e morte. Também as comunidades para as quais Marcos endereça sua obra, perseguidas e intimidadas pelo poder do Império de Roma, precisavam entender seu destino de vida e morte a partir do testemunho do Mestre.

Conforme já indicado, a passagem ocorre em Cesareia de Filipe, nas redondezas da cidade construída pelo tetrarca Herodes Filipe, no norte da Palestina.<sup>225</sup> Esta foi a única vez que Jesus esteve lá, segundo os evangelhos. Jesus, que andava escondido vendo que sua vida corria perigo, vai a Cesareia com seus discípulos e, lá, faz como que uma espécie de avaliação de sua atividade. Essa avaliação acontece no caminho. O caminho não se refere apenas a um trajeto geográfico; Jesus está iniciando seu caminho para Jerusalém (cf. 8,31) e, nele, um

---

<sup>223</sup> Cf. MARCONCINI, 2007, p. 95.

<sup>224</sup> MARCONCINI, 2007, p. 95.

<sup>225</sup> FABRIS; BARBAGLIO, 2014, p. 512.

caminho teológico em que se dedicará a ensinar seus discípulos. Jesus pergunta o que as pessoas dizem dele e, por fim, como os discípulos o veem. Pedro responde: “Tu és o messias” (σὺ εἶ ὁ χριστός).<sup>226</sup> Da resposta de Pedro, vem a ordem ou repreensão de não contar isso a ninguém (8,30). “Esta repreensão não significa que a resposta está errada. Ela significa primeira e principalmente que a identidade de Jesus como messias deve ser mantida em segredo por enquanto” (tradução nossa).<sup>227</sup> Ou seja, a ordem de Jesus tem a ver com o segredo messiânico, na teologia marcana. É preciso considerar, segundo essa lógica, que Jesus tem identidade messiânica, uma vez que não é corrigida em sua forma. Após essa ordem, começa nosso trecho. Vejamos o conteúdo do primeiro anúncio da paixão.

### 2.5.1 O Primeiro anúncio da Paixão

Καὶ ἤρξατο διδάσκειν αὐτοὺς. Logo de saída, Marcos diz que Jesus “começou a ensinar”. No evangelho, conforme já dissemos, o verbo *começar* aparece 26 vezes. 10 vezes ele é aplicado a Jesus: 4,1; 6,2.7.34; 8,31; 10,32; 11,15; 12,1; 15,5; 14,33. Marcos, com isso, resalta como Jesus tinha a consciência de que, para irromper a fé no Reino era necessário pôr-se a caminho e, se preciso, começar quantas vezes fosse necessário. “ἤρξατο tem aqui todo o seu valor; trata-se do começo de um ensinamento novo” (tradução nossa).<sup>228</sup> No início da segunda parte do evangelho de Marcos, o papel dele é marcar “o começo de um *ensinamento personalizado* aos discípulos”.<sup>229</sup> Entretanto, não apenas Jesus tenta delinear um novo início. Pedro, após o primeiro anúncio da paixão, *começa* a censurar Jesus (8,32): é a proposta que Jesus chamará satânica. São duas propostas de começo, que se diferenciam por dois modos de pensar diametralmente opostos: um está de acordo com o esquema humano de poder que se impõe e o outro, parte de Deus, como força de vida que se oferece indefesa à liberdade

<sup>226</sup> No evangelho de Marcos, o termo “χριστός” aparece um total de sete vezes (1,1; 8,29; 9,41; 12,35; 13,21; 14,61; 15,32). Destas podemos dizer que importam mesmo apenas as três primeiras vezes. Na primeira vez é usada pelo próprio autor no título do livro; na segunda, é colocada na boca de Pedro e é considerada como o ápice da primeira parte do evangelho. Algumas vezes o uso do termo fica vago, falando do messias sem aplicar o título a Jesus (15,32 são zombarias a Jesus como messias, p. ex.). Exceção é o versículo 9,41: “Em ditos próprios de Jesus mesmo, o título de Messias só aparece, de acordo com eles (os sinóticos), duas vezes: Mc 9,41 e Mt 23,10. Em Mc 9,41, explica-se ἐν ὀνόματι(μου) [em (meu) nome] por ὅτι Χριστοῦ ἐστε [por serdes de Cristo]; mas essa explicação está ausente do material próprio de Mateus 10,42, que nesse caso apresenta a tradição mais antiga” (JEREMIAS, Joachim. *Teologia do Novo Testamento*. ed. rev. e atu. São Paulo: Hagnos, 2008. p. 372). Jesus é o Messias, mas é preciso compreender o conteúdo deste ser messias. Os evangelhos comumente utilizam Filho do Homem, para evitar uma compreensão errônea do messias e de messianismo. Nosso foco será entender o messias Jesus como Marcos quer que entendamos.

<sup>227</sup> *This rebuke does not signify that the answer is wrong. It signifies first and foremost that the identity of Jesus as messiah must be kept secret for the time being.* COLLINS; ATTRIDGE, 2007. p. 402.

<sup>228</sup> ἤρξατο tiene aquí todo su valor; se trata del comienzo de una enseñanza nueva. TAYLOR, 1980, p. 448.

<sup>229</sup> BORTOLINI, José. *O evangelho de Marcos: para uma catequese com adultos*. São Paulo: Paulus, 2003. p. 167.

humana.<sup>230</sup> Neste sentido, a reação de Pedro é relevante no evangelho de Marcos, pois é através dela que Jesus percebe a necessidade de chamar toda a multidão e passar a ensinar (8,34). A partir deste ponto do evangelho ele se dedicará ao ensinamento aos discípulos.<sup>231</sup> Seu ensinamento novo parte da explicação do que lhe irá acontecer. Dito isso ao revés, o que aconteceu a Jesus ajudará a animar as comunidades cristãs do tempo de Marcos em relação às perseguições que sofriram. O destino dos discípulos, que “assumem” as consequências da missão, será o mesmo do Mestre.

ὅτι δεῖ. Este ensinamento que começa a ser delineado em Marcos diz: *é inevitável*, deve (este é o sentido do termo grego δεῖ) o Filho do Homem muito sofrer... Com isso, Marcos aponta que a morte por que Jesus irá passar

não se trata de um fatalismo ao qual Jesus e seus seguidores devam se submeter cegamente. Pelo contrário, é a consciência de que o enfrentamento com os poderes que geram a morte é inevitável. A decisão de Jesus (e a de seus seguidores) é a mesma dos profetas e de João Batista. Ele vai enfrentar as estruturas de morte. E as enfrentará na qualidade de “Filho do Homem”, ou seja, na sua fragilidade humana, sem recursos extraordinários vindos do alto ou de fora. Portanto, de modo contrastante com os planos de Pedro, que continua “cego”.<sup>232</sup>

Até aqui, no evangelho de Marcos, Jesus se ocupou muito em curar as pessoas de suas enfermidades. Também começou a ensinar sobre o Reino através de parábolas (cf. 4,1-2). Quando for a Jerusalém, sede do poder político e religioso da Palestina, enfrentará tudo aquilo que é gerador de morte em seu tempo. Quando essas estruturas estiverem derrotadas o Reino se consolidará; Jesus não hesitará em dar sua vida para que o Reino comece a acontecer. Isto será através de uma opção consciente feita por ele. Não será por um desenrolar desastroso dos fatos e nem por vontade divina que Jesus morrerá.<sup>233</sup> Isso é inevitável! Em sua íntima comunhão com Deus e na missão de fazer Deus reinar, “Jesus descobre agora e diz que o autêntico Cristo *é quem sabe padecer*, deixando que o façam [padecer], Cristo é aquele que ama gratuitamente, pondo a vida à mercê dos outros, para assim transformá-los” (tradução

<sup>230</sup> Cf. GALLARDO, 1997, p. 177.

<sup>231</sup> Conforme já indicamos acima, desde aqui até a cura do cego Bartimeu (10,46-52) Jesus terá por foco em sua ação a instrução aos discípulos. Chamam a atenção, nesse sentido, que antes de narrar as outras duas predições da paixão, Marcos retome que Jesus está ensinando: “Tendo partido dali, caminhava através da Galileia, mas não queria que ninguém soubesse, pois ensinava aos seus discípulos” (9,30-31a); “Estavam no caminho, subindo para Jerusalém. Jesus ia à frente deles. Estavam assustados e acompanhavam-no com medo. Tomando os Doze novamente consigo, começou a dizer o que estava para lhe acontecer” (10,32-33). Cf. Tradução da BÍBLIA de Jerusalém, 2002.

<sup>232</sup> BORTOLINI, José. *Roteiros Homiléticos: Anos A, B, C, Festas e Solenidades*. São Paulo: Paulus, 2006. p. 445.

<sup>233</sup> FABRIS; BARBAGLIO, 2014, p. 514.

nossa).<sup>234</sup> A maldade do mundo e a mentalidade humana que regem as relações humanas (como acontece a partir de cima, no modo de organizar os reinos) somente serão aniquiladas num enfrentamento que não entre nesta lógica. Nisso reside a vontade de Deus! Ao mesmo tempo, “o destino de morte e ressurreição de Jesus no primeiro anúncio da paixão (assim como nos seguintes) deve ser interpretado não soteriologicamente, mas cristologicamente. A morte salvífica de Jesus não entra neste campo de visão” (tradução nossa).<sup>235</sup> No próximo capítulo, veremos o aspecto salvífico que a morte de Jesus possa ter no evangelho de Marcos. Aqui nos interessa o sentido que o segundo evangelho canônico dá à paixão de Jesus enquanto prenunciada por ele mesmo. Enfim, este *é inevitável* está relacionado com o cumprimento das Escrituras.<sup>236</sup> A seguir veremos qual a chave de leitura desse cumprimento.

τὸν υἱὸν τοῦ ἀνθρώπου. Quem morrerá? Jesus trata de deixar claro que será o Filho do Homem. Este título “é a única designação que Jesus aplicou para si mesmo e cuja autenticidade pode ser seriamente cogitada”.<sup>237</sup> Tão importante quanto isso é o fato de que Jesus é apresentado por Marcos como o Filho do Homem. Com isso, Marcos evita um messianismo mal-entendido e triunfalista.

Jesus não quer que os outros o manipulem, nem mesmo seus discípulos. Não quer que decidam em seu nome o que ele tem que fazer. Quer apresentar a si mesmo como *Filho do Homem* (8,31), abrindo um caminho messiânico distinto, como indicará esta segunda parte do evangelho que começa aqui (tradução nossa).<sup>238</sup>

Este messianismo de Jesus terá como referência a vivência da humanidade. O Reinado de Deus tem como característica principal o ser humano ser resgatado em sua humanidade, a qual foi desfigurada pelos reinos humanos, convertidos em tirania. Há, ainda, muitas coisas a considerar sobre a expressão *Filho do Homem*. Isso será feito mais detalhadamente no capítulo seguinte. Neste ponto, deve ficar claro ser esta categoria, a humana, escolhida por Marcos para apresentar Jesus como messias.

<sup>234</sup> *Jesús descubre ahora y dice que el auténtico Cristo es quien sabe padecer, dejando que le hagan, Cristo es aquel que ama en gratuidad, poniendo la vida a merced de los otros, para así transformarlos.* PIKASA, 2012, p. 600.

<sup>235</sup> *Hay que tener presente que el destino de muerte y de resurrección de Jesús en el primer anuncio de la pasión (al igual que en los dos siguientes) debe interpretarse no soteriológica, sino cristológicamente. La muerte salvífica de Jesús no entra en este campo de visión.* GNILKA, 2001, p. 17-18.

<sup>236</sup> Cf. EVANS, Craig A. *Mark 8:27 – 16:20*. Thomas Nelson: 2001. Michigan: Word Biblical Commentary – WBC 34b. p. 16.

<sup>237</sup> JEREMIAS, 2008, p. 371.

<sup>238</sup> *Jesús no quiere que otros lo manipulen, ni siquiera sus discípulos, no quiere que decidan en su nombre lo que él tiene que hacer. Quiere presentarse él mismo, como Hijo del Hombre (8,31), abriendo un camino mesiánico distinto, como indicará esta segunda parte del evangelio que aquí empieza.* PIKASA, 2012, p. 596.

πολλὰ παθεῖν. O “muito sofrimento” do Filho do Homem está relacionado com o deve (δεῖ), que, por sua vez, é o cumprimento da vontade divina ou das Escrituras. No entanto, este cumprimento não pode ser mal interpretado.

Michaelis tentou estabelecer uma relação com Is 53,4.11, fazendo com que a plenitude do sofrimento fosse explicada pelo todo da culpa da humanidade, que o Servo de Deus teve de carregar. Dificilmente, porém, para Marcos o termo tem todo esse conteúdo, pois ele também o usa para a mulher com hemorragia (5,26). A literatura judaica tem muitos exemplos do significado não-messiânico desta expressão. Portanto, o texto não tem base suficiente para uma ligação direta com Is 53.<sup>239</sup>

Tratando-se do que o Filho do Homem assume em sua vida, podemos compreender que Marcos apresenta Jesus assumindo as dores e sofrimentos da humanidade. Esse assumir ajudará as comunidades para as quais nosso evangelista escreve a perceberem não haver nenhuma discrepância entre seguir Jesus e passar pelo sofrimento em nome desse seguimento.

καὶ ἀποδοκιμασθῆναι ὑπὸ τῶν πρεσβυτέρων καὶ τῶν ἀρχιερέων καὶ τῶν γραμματέων. A rejeição e a morte inevitáveis do Filho do Homem serão causadas pelo Sinédrio, o qual era composto pelos anciãos, sumos-sacerdotes (os depostos e os saduceus) e os escribas.<sup>240</sup> A rejeição do Filho do Homem

compreende desde a rejeição inicial por parte das autoridades (*ser rejeitado*) até o seu ato final (*sofrer a morte*); as três categorias que compõem o Sinédrio judaico, *senadores* (poder econômico-político), *sumos sacerdotes* (poder religioso-político), letrados (poder ideológico), considerarão intolerável a sua atividade.<sup>241</sup>

Marcos explicita quem serão os responsáveis pela morte de Jesus e não atribui sua morte vagamente ao sinédrio, mas nomeia um a um quem o compõe. Talvez este nomear tenha como intenção deixar claro que, antes mesmo dos romanos, são as autoridades judaicas as primeiras responsáveis pela morte do nazareno. Com relação ao sofrimento e rejeição do Filho do Homem, notemos que “antes do seu aniquilamento físico, ele será ‘rejeitado’, ou seja, aniquilado moralmente. Várias vezes a Escritura destaca a vergonha como o cerne dos seus sofrimentos”<sup>242</sup> (cf. especialmente 2Tm e 1Pd). Descrevendo o que sucederá<sup>243</sup> a Jesus, Marcos utiliza a expressão ἀποδοκιμασθῆναι, que lembra o Salmo 118,22, que fala da pedra

<sup>239</sup> POHL, 1998, p. 260.

<sup>240</sup> Cf. SAULNIER; ROLLAND, 1983, p. 55.

<sup>241</sup> MATEOS, Juan; CAMACHO, Fernando. *Marcos: texto e comentário*. São Paulo: Paulus, 1998. p. 215. A reação das autoridades é *inevitável*, ponto com que não concordamos com esses autores, por entender que a vontade de Deus é que se torna inevitável de ser cumprida para Jesus.

<sup>242</sup> POHL, 1998, p. 260.

<sup>243</sup> Mesmo atribuindo a Jesus o anúncio da paixão, cabe lembrar que nossa opção na tradução foi valorizar a conjunção ὅτι a qual introduz o discurso indireto para dizer o que acontecerá, isto é, Marcos não põe na boca de Jesus o primeiro anúncio da paixão, mas diz “começou a ensinar *que...*”

angular rejeitada (cf. 12,10-11). Essa expressão grega significa ser rejeitado após um escrutínio ou um teste. De fato, ao longo do relato da paixão, veremos vários testes de poder que serão feitos a Jesus e a todos eles Jesus resistirá, como Filho do Homem, não como messias poderoso e glorioso (p. ex., 15,29-32). Isso significará ser rejeitado segundo os critérios humanos de pensar (cf., novamente, 8,33).

καὶ ἀποκτανθῆναι καὶ μετὰ τρεῖς ἡμέρας ἀναστῆναι. Na prática da vontade de Deus, Jesus vai até o extremo e dará a sua vida em nome dessa vontade e do Reinado de Deus. Apesar de o sofrimento e a morte ocuparem a maior parte do primeiro anúncio da paixão, este termina manifestando a esperança humana de Jesus diante da morte pois, após sua morte vem a ressurreição. E para chegar à ressurreição, será necessária uma total e fiel entrega a Deus da parte de Jesus: Deus, que até aqui reinou na vida e opções de Jesus, deverá continuar reinando até o extremo. Este é o caminho do reinado de Deus com suas implicações: “sofrer e dar a vida pelos outros” (tradução nossa).<sup>244</sup> Que foi assim, sabemos-lo pela trajetória de Jesus, e ao leitor de Marcos cabe seguir Jesus nessa entrega, certo da ressurreição. Através da expressão μετὰ τρεῖς ἡμέρας ἀναστῆναι Marcos indica o destino final daquele que se entrega a Deus. “Esta formulação ‘depois de três dias’ aparece somente em Marcos e remonta à confiança profética de que Deus não deixará seu justo e seu povo sofrendo infinitamente, mas apenas durante dois ou três dias, e depois ‘nos levantará’ (Os 6,2)”.<sup>245</sup> Muitos há que questionam se Jesus tinha claro e certo para si que ressuscitaria depois de três dias. Diante de tais dúvidas “é preferível deduzir que Jesus falou de sua ressurreição e exaltação, mas em termos menos explícitos que os de 8,31 e dos textos paralelos. Talvez Jesus usasse a expressão τῆ ἡμέρα τῆ τρίτῃ no sentido de ‘depois de um breve intervalo’ como em Os 6,2” (tradução nossa).<sup>246</sup> Ou seja, ao relatar os anúncios da paixão feitos por Jesus, os evangelistas tornaram mais clara, à luz de sua ressurreição, a esperança de Jesus, em Deus, diante da sua morte. Pohl acresce que

o contexto não aponta diretamente para Is 53 (como para o v. 10s para 52,13). O acréscimo **depois de três dias** conduz para Os 6,1s. Estes versículos serviam de passagens cardeais para os judeus do século I para a ressurreição. A referência ao prazo curto reflete a promessa de fidelidade de Deus. Ele não se esquecerá da intervenção salvadora, não dormirá, não adiará (cf. Lc 18,8). Ele estará à altura e ressuscitará o Filho do Homem fisicamente, confirmá-lo-á moralmente e reabilitá-lo-á juridicamente.<sup>247</sup>

<sup>244</sup> *Sufrir y dar la vida por los otros*. PIKASA, 2012, p. 601.

<sup>245</sup> REIMER, 2012, p. 150.

<sup>246</sup> *En tales circunstancias es preferible deducir que Jesús habló de su resurrección y exaltación, pero en términos menos explícitos de los de 8,31 y de los textos paralelos. Tal vez usase Jesús la expresión τῆ ἡμέρα τῆ τρίτῃ con el sentido de ‘después de un breve intervalo’, como en Os 6,2*. TAYLOR, 1980, p. 449.

<sup>247</sup> POHL, 1998, p. 261.

καὶ παρρησία τὸν λόγον ἐλάλει. Para concluir a análise de conteúdo do primeiro anúncio da paixão no evangelho de Marcos, destaquemos a palavra παρρησία (8,32a). “Entende-se por *parresia* a maneira de falar abertamente, na qual nada se esconde ou se vela. Se em 4,33 se disse que ele falava em parábolas ao povo, agora se afirma que se expressou livremente aos seus discípulos” (tradução nossa).<sup>248</sup> Este modo aberto de falar não deixa dúvidas, ao menos ao leitor de Marcos.<sup>249</sup> Este anúncio aberto e claro feito por Jesus é verossímil mesmo que não tenha sido feito com estas mesmas palavras reproduzidas por Marcos. Isso porque “à medida que os conflitos com as autoridades se acentuavam, não era necessário ter maiores poderes de adivinhação para saber que o desfecho seria trágico”.<sup>250</sup> O discipulado é seguimento de Jesus em sua prática. O texto supõe ter Pedro entendido o que Jesus ensinava, pois logo em seguida Jesus o repreenderá por não aceitar o conteúdo desse ensinamento. Este é o novo começo do evangelho marcano: o (re)começo do ensinamento novo de que já falamos acima. Todos os desdobramentos em se seguir o Filho do Homem serão apresentados por ele com ousadia, conforme a palavra παρρησία sugere. No próximo subitem, veremos a primeira reação a este começo.

### 2.5.2 O diálogo didático

A segunda e terceira partes de nosso texto têm, como conteúdo, o diálogo duro entre Jesus e Pedro. Esse diálogo e embate são consequência do anúncio feito por Jesus acerca de seu destino de sofrimento, rejeição, morte e ressurreição. Marcos pinta a cena de modo muito vivo: Pedro toma Jesus à parte; este volta-se, como que girando, vê os discípulos que os observam e repreende Pedro na frente de todos.

καὶ προσλαβόμενος ὁ Πέτρος αὐτὸν ἤρξατο ἐπιτιμᾶν αὐτῷ. Pedro havia dito que Jesus é o messias (8,29), o qual, porém, é, provavelmente, um líder que triunfará em função de um projeto nacionalista de poder violento e de vingança sobre os inimigos de Israel.<sup>251</sup> Por isso, Pedro toma Jesus à parte e começa a repreendê-lo. Novamente estamos diante do verbo ἤρξατο e, conforme acima, estamos diante de uma nova proposta de começo: a de um

<sup>248</sup> *Se entiende por parresia la manera de hablar abiertamente, en la que nada se esconde ni se vela. Si en 4,33 se dijo que él hablaba en parábolas al pueblo, ahora se afirma que se expresó libremente con sus discípulos.* GNILKA, 2001, p. 18.

<sup>249</sup> “Ele não reteve nada, disse tudo (παν, ‘tudo’, ρησια, derivado de ειπον, ‘falar’), ‘sem reserva’ a todos eles. O tempo imperfeito em ἐλάλει mostra que Jesus fazia isso repetidamente”. ROBERTSON, A. T. *Comentário Mateus e Marcos. À luz do Novo Testamento grego.* Rio de Janeiro, CPAD, 2012. p. 448.

<sup>250</sup> MAZZAROLO, Isidoro. *Evangelho de Marcos: estar ou não com Jesus.* Rio de Janeiro: Mazzarolo Editor, 2004. p. 186.

<sup>251</sup> Cf. GALLARDO, 1997, p. 176.

evangelho e de um messias sem cruz! Talvez fosse essa a situação das comunidades para quem Marcos escreveu, nas quais o problema maior não residisse só em compreender o destino que levou o Messias à morte. Imperava o “medo de ficar envolvidos com o seu destino”.<sup>252</sup> É interessante ainda notar que a palavra προσλαβόμενος pode ser traduzida por “tomar para si mesmo”.<sup>253</sup> Pedro, que havia proclamado que Jesus é o messias, estava querendo tomar posse para si do messias, transformando os planos dele com sua mentalidade humana, que não pensa as coisas de Deus.

Evidentemente, segundo Marcos, Pedro não quis aceitar o “novo” projeto de Jesus e pensa que deve dizê-lo de um modo pessoal. Por isso, tomando-o à parte, começou a repreendê-lo (8,32b). Esta é a sua anti-confissão: antes havia lhe dito que é o Cristo, agora o repreende. Mas não se atreve a fazê-lo num debate aberto, na presença de todos, e, assim, leva-o a um lugar escondido, como que para corrigi-lo em intimidade (*epitimein*), dando-lhe lições de amigo. (...) É evidente que Pedro (em nome dos Doze) quer “ensinar” a Jesus, recordando-lhe o que implica em ser o Cristo: possivelmente apela a textos das velhas Escrituras e de novas tradições, ressaltando as gloriosas esperanças nacionais (tradução nossa).<sup>254</sup>

Para o Reino poder acontecer, Deus necessita daquilo que é mais genuíno nos seres humanos: sua humanidade. No entanto, não uma parte dela, mas tudo. Isto humaniza o ser humano; mas como custa dar a Deus toda a existência! A reação de Pedro é entendida neste contexto: a de quem busca as honrarias humanas e deixa de pensar em Deus e no seu Reinado em primeiro lugar. Pedro inverte os papéis e quer Deus à sua disposição.

Esta ação de Pedro, que se eleva sobre o seu Mestre, inverte a ordem da vocação e do discipulado. Se Pedro tivesse razão, não seria Deus que nos chama através de Jesus. Seríamos nós quem chamaríamos a Deus, pondo o mesmo Jesus a nosso serviço: convertemo-nos em donos do Reino e depois pontificamos ou impomos sobre os demais nossos pequenos interesses; não deixamos que Deus fale, nós falamos a Ele, ocupando seu lugar e confundindo seu chamado com os desejos egoístas e triunfo sobre o mundo (tradução nossa).<sup>255</sup>

<sup>252</sup> FABRIS; BARBAGLIO, 2014, p. 515.

<sup>253</sup> RIENECKER, Fritz; ROGERS, Cleon L. *Chave linguística do Novo Testamento grego*. São Paulo: Vida Nova, 1985. p. 83.

<sup>254</sup> *Evidentemente, según Marcos, Roca no ha querido aceptar el ‘nuevo’ proyecto de Jesús, y piensa que se lo debe decir de un modo personal. Por eso, tomándole aparte, comenzó a increparlo (8,32b). Esta es su anticonfesión: antes le había dicho que es el Cristo, ahora lo reprende. Pero no se atreve a hacerlo en un debate abierto, en presencia de todos, y así lo lleva a un lugar escondido, como para corregirlo en intimidad (epitimein), dándole lecciones de amigo. (...) Es evidente que Roca (en nombre de los Doce) quiere ‘enseñar’ a Jesús, recordándole lo que implica ser el Cristo: posiblemente apela a textos de viejas Escrituras y de nuevas tradiciones, resaltando las gloriosas esperanzas nacionales.* PIKASA, 2012, p. 604.

<sup>255</sup> *Esta acción de Roca, que se eleva sobre su Maestro, invierte el orden de la vocación y del discipulado. Si Roca tuviera razón, ya no sería Dios quien nos llama a través de Jesús. Seríamos nosotros los que llamamos a Dios, poniendo al mismo Jesús a nuestro servicio: nos convertimos así en dueños del Reino y después pontificamos o imponemos sobre los demás nuestros pequeños intereses; no dejamos que Dios hable, le hablamos nosotros, ocupando su lugar y confundiendo su llamada con los propios deseos egoístas de triunfo sobre el mundo.* PIKASA, 2012, p. 604.

ὁ δὲ ἐπιστραφεὶς καὶ ἰδὼν τοὺς μαθητὰς αὐτοῦ ἐπετίμησεν Πέτρῳ καὶ λέγει· Primeiro Pedro censurou Jesus; depois se deu o inverso. Confrontam-se dois modos de pensar. O verbo usado para revelar a censura que um impõe ao outro é o mesmo: ἐπιτιμάω. No entanto, os verbos vêm conjugados em tempos diferentes. Para descrever a ação de Pedro, Marcos utiliza a forma ἐπιτιμᾶν, ou seja, o presente ativo do infinitivo (podemos estar diante de uma forma do presente histórico). Com isso, temos uma ação localizada no tempo que apenas relata algo ocorrido, acentuando seu andamento.<sup>256</sup> Já o verbo usado para referir a repreensão feita por Jesus vem na seguinte forma: ἐπετίμησεν. O verbo está no aoristo, enfatizando a ação em si, sem especificar sua duração nem resultados,<sup>257</sup> ou seja, ao descrever o que Jesus fez, o evangelista preocupou-se em mostrar o que ele fez em si: repreender. Será que as comunidades no tempo de Marcos ainda estavam repreendendo Jesus (no seu presente) pelo ensinamento sobre o sofrimento e a morte? Ou será que a ação de Jesus é mais forte e pontual que a de Pedro, no sentido de Jesus ter feito a verdadeira repreensão? Tudo indica que a resposta seja sim a cada pergunta.

Após a repreensão de Pedro a Jesus (que Marcos não narra em forma de diálogo, como Mateus), o discípulo sofre uma repreensão enérgica diante dos demais discípulos. Marcos desenha a cena, de modo que os verbos usados por ele ajudam a visualizá-la. Na cena está o drama de Jesus, que passa por uma forte tentação. Jesus girou bruscamente e encarou Pedro<sup>258</sup> (ἐπιστραφεὶς); não bastasse isso, Jesus vislumbra atrás de Pedro os demais discípulos. Aqui Marcos indica um grande perigo: Pedro tem atrás dele os demais discípulos de Jesus (e, aqui se entendam as comunidades para as quais Marcos escreve). Os discípulos podem estar seguindo não mais Jesus, mas uma mentalidade denunciada como satânica, representada em Pedro (talvez, concretamente, suas lideranças). “O movimento do corpo já foi uma resposta. Jesus se libertou de Pedro e insistiu em sua posição de liderança entre os discípulos”.<sup>259</sup> Jesus repreende Pedro de forma mais intensa e forte do que a censura que Pedro havia feito a Jesus (ἐπετίμησεν – no aoristo indicativo ativo). No entanto, essa repreensão “se dirige tanto aos demais discípulos como a Pedro” (tradução nossa).<sup>260</sup> Segue-se a Jesus Cristo, e a este crucificado; a um Jesus que deu a vida pelo Reino. “A ameaça mais

<sup>256</sup> Cf. REGA, Lourenço Stelio; BERGMANN, Johannes. *Noções do grego bíblico: gramática fundamental*. São Paulo: Vida Nova, 2004. p. 27.

<sup>257</sup> Cf. REGA; BERGMANN, 2004, p. 28.

<sup>258</sup> Cf. RIENECKER; ROGERS, 1985, p. 83. Aqui ajuda a tradução ARA, que dá a ideia de um enfrentamento entre Jesus e Pedro, cf. acima.

<sup>259</sup> POHL, 1998, p. 261.

<sup>260</sup> *El reproche que sigue a continuación se dirige tanto a los demás discípulos como a Pedro*. TAYLOR, 1980, p. 451.

perigosa para os discípulos e para a comunidade é o rechaço do Crucificado” (tradução nossa).<sup>261</sup> O discipulado fica comprometido, quando se associa a ele a glória, achando-se que “tudo dará certo” e um reino aos moldes humanos está por se instaurar na terra. Faus, ao analisar toda a vida de Jesus diz: “na primeira etapa de sua vida Jesus havia colocado ao serviço de sua causa tudo o que *tinha*, todos os seus poderes, seu tempo, sua palavra, sua irradiação, sua capacidade taumatúrgica, agora aprende que deve colocar ao serviço do reino tudo o que *é*”.<sup>262</sup> Esse é o sentido do que Jesus estava por fazer.

ὑπαγε ὀπίσω μου, σατανᾶ. Jesus, na repreensão que faz a Pedro, chama-o “Satanás” (σατανᾶ). Esse termo tem como significado rival, inimigo, acusador<sup>263</sup> e parece se encaixar muito bem nesta passagem. Isso porque pouco antes (v. 31) Jesus já havia nomeado seus adversários como sendo aqueles que o rejeitariam após um teste ou um escrutínio. Ao chamar Pedro de Satanás, ou ao identificar a mentalidade do discípulo como sendo satânica, Jesus está pondo às claras (continua falando com παρηρησία) que também entre os seus discípulos há adversários. Assim, não há diferença entre a rejeição que o sinédrio faria a Jesus com a rejeição que Pedro está fazendo ao messias encarnado por Jesus. Desde agora, quando tentado por Pedro, Jesus “não passa” no teste em ser um messias segundo os critérios de poder ou mundanos!

Segundo a tradução do texto grego de Scholz, o verbo ὑπαγε pode significar “vai”.<sup>264</sup> Já a expressão ὀπίσω μου é “a mesma expressão usada por Jesus ao chamar os discípulos: ‘vinde após mim’ (Mc 1,17). Isso significaria um apelo a Pedro que ‘volte a estar após mim’”.<sup>265</sup> Mais uma vez se evidencia o caráter de novo começo que Marcos coloca em seu evangelho neste ponto. Os discípulos, que estão como que cegos, precisam também começar, voltando ao primeiro chamado de Jesus para segui-lo.

Mesmo chamando-o de Satanás, Jesus crê que Pedro poderá se tornar bom seguidor, mas, como toda pessoa que deseja ser discípula de Jesus, terá de aprender o seguinte: não posso pretender um Messias feito sob medida para mim, feito à minha imagem e semelhança, conforme meus interesses ou caprichos, mas sou eu que devo me tornar à imagem e semelhança dele, caminhar atrás dele.<sup>266</sup>

<sup>261</sup> *La amenaza más peligrosa para los discípulos y para la comunidad es el rechazo del Crucificado*. GNILKA, 2001, p. 19.

<sup>262</sup> FAUS, 1981, p. 70.

<sup>263</sup> Cf. SOARES; CORREIA JUNIOR; OLIVA, 2012, p. 272.

<sup>264</sup> A BIBLIA. Novo Testamento Grego. Aland: 1994; SCHOLZ, Vilson; BRATCHER, Roberto G. *Novo Testamento Interlinear Grego-Português*. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2004.

<sup>265</sup> SOARES; CORREIA JUNIOR; OLIVA, 2012, p. 272.

<sup>266</sup> BORTOLINI, 2003, p. 168-169.

Aqui as limitações humanas não são levadas em conta, pois até mesmo satanás, “encarnado” em Pedro, Jesus convida ao seguimento. Quanto mais aos seus humanos discípulos! O fato de Jesus ter chamado Pedro de satanás tem um duplo sentido: “Por um lado, Jesus indica claramente que rejeita a tentativa de Pedro persuadi-lo, quando este o previne da profecia de sofrimento que Jesus pretendia cumprir. Por outro, ele lembra a Pedro que deve voltar a ‘seguir-lo’, como um discípulo deve” (tradução nossa).<sup>267</sup>

ὅτι οὐ φρονεῖς τὰ τοῦ θεοῦ ἀλλὰ τὰ τῶν ἀνθρώπων. Aqui fica claro o choque de mentalidades: o modo de pensar conforme Jesus e o Reino de Deus *contra* o modo de pensar satânico que Pedro assumiu para si. O ensinamento de Jesus não deixa dúvidas: Pedro não pensa (φρονεῖς) as coisas de Deus, mas de modo humano (contrário à dinâmica do Reino). Não há como pensar ou assumir um cristianismo alternativo:<sup>268</sup> ou se pensa como Jesus e se assume a cruz como consequência da missão ou se continua pensando humanamente, deixando Deus de fora do modo de pensar. Assim, “não somente Jesus terá de sofrer, mas também aqueles que quiserem seguir-lo (Mc 8,34-37)”.<sup>269</sup> Esse conflito de mentalidades, no qual a passagem desemboca, revela de maneira muito clara o modo humano de construir ou projetar um reino, isto é, Pedro pensa baseado no poder e na tirania, adotando a mentalidade dos que dominam. Conforme vimos também, esse modo de reinar não foi aquele pelo qual Jesus optou. O reino que Jesus prega é o reino no qual as pessoas se humanizam e dar a vida, ou a humanidade, é a forma de Deus reinar. Dito de outro modo:

A resposta de Jesus no v. 33, que Pedro não está colocando sua mente nas coisas de Deus, implica que Pedro está em oposição ao plano divino por rejeitar a ideia de que o Filho do Homem messias deve sofrer. A declaração de Jesus, que Pedro coloca sua mente nas coisas humanas, sugere que a razão de Pedro para rejeitar a profecia da paixão é que ele está comprometido com a expectativa de um messias davídico que derrotaria os romanos e os colaboradores judeus e restabeleceria a autonomia do reino de Israel (tradução nossa).<sup>270</sup>

Assim, Pedro se enquadra no que a maioria dos judeus esperava, conforme vimos no capítulo anterior. Ele, assim como todos os grupos e filosofias de seu tempo não conseguem pensar num modo de superar o momento presente a não ser por meio de um reino que seja

<sup>267</sup> *On the one hand, Jesus indicates clearly that he rejects Peter's attempt to persuade him to prevent the prophecy of suffering from being fulfilled. On the other, he lets Peter know that he should return to 'following' Jesus, as a disciple should.* COLLINS, 2007, p. 407.

<sup>268</sup> FABRIS; BARBAGLIO, 2014, p. 515.

<sup>269</sup> BROWN, 2004, p. 220.

<sup>270</sup> *Jesus' response in v. 33, that Peter does not set his mind on the affairs of God, implies that Peter has opposed the divine plan by rejecting the idea that messianic Son of Man must suffer. Jesus' statement that Peter sets his mind on human affairs suggests that Peter's reason for rejecting the prophecy of the passion is that he is committed to the expectation of a Davidic messiah who would defeat the Romans and their Jewish collaborators and reestablish an autonomous kingdom of Israel.* COLLINS, 2007, p. 407.

implantado nos moldes dos reinos construídos pelos seres humanos. Esperar por um messias que passa pela rejeição, sofrimento e morte não passa pela cabeça de Pedro. Talvez nem tenha dado ouvidos ao fim da fala de Jesus e atentado para a ressurreição. Já Jesus define sua missão em termos de *Filho do Homem*, expressão que analisaremos mais profundamente no próximo capítulo. Mesmo que a maioria dos estudiosos aceite que tal expressão tenha sido usada pelo próprio Jesus para se referir a si mesmo, buscaremos seu significado na teologia marcana. Isto é, pretendemos descobrir o que a expressão significa no evangelho de Marcos, quando colocada na boca de Jesus por nosso autor.

Voltando à análise de conteúdo e concluindo-a, é importante destacar o papel desta perícopes no evangelho de Marcos. Ao anunciar pela primeira vez sua paixão, Jesus se chama de “Filho do Homem”, evitando falar de si como messias. Além disso, ensina com ousadia sobre o sofrimento, a rejeição e a morte. Pedro rejeita essa ideia, censura Jesus, que, por sua vez, chama Pedro de Satanás, convidando-o ao seguimento. Este é o itinerário do/a discípulo/a: seguir Jesus no caminho de entrega da própria vida. Fazer disso uma prática significará pensar como Deus e não, como os homens, que tentam preservar a própria vida. Como conclusão de nossa exegese, faremos a nova tradução de nossa perícopes.

## 2.6 Nova tradução

Com base nas descobertas realizadas ao longo dos passos exegéticos aqui desenvolvidos, apresentamos uma nova tradução tendo por objetivo uma que tenha mais fluência e que facilite a compreensão do texto em nossa língua. Trata-se do princípio de equivalência dinâmica, que deve ser caracterizada por ser correta, clara e natural.<sup>271</sup>

<sup>31</sup>E começou a ensinar-lhes que era inevitável ao Filho do Homem muito sofrer o mal e ser rejeitado pelos anciãos, sumos sacerdotes e escribas, ser morto e ressuscitar depois de três dias! <sup>32</sup>E, ousadamente, ensinava a palavra. Pedro, tomando-o em particular, começou a censurá-lo. <sup>33</sup>Mas, voltando-se e vendo os seus discípulos, Jesus repreendeu energicamente a Pedro, dizendo: Vá para trás de mim, Satanás, pois não pensas as coisas de Deus, mas as dos homens.

Do ponto de vista do conteúdo, em consonância com nossa exegese, optamos pelo *inevitável* sofrimento, rejeição, morte e ressurreição do Filho do Homem. Os discípulos de Jesus também terão que passar por isso para fazer a vontade de Deus. A reação de Pedro indicará a rejeição desse modo de pensar. Também a *ousadia* (ao invés de “abertamente”) do *ensinar* de Jesus é uma interpretação nossa, derivada do caminho percorrido na exegese. Para destacar a diferença dos tempos verbais de ἐπιτιμᾶω, acrescentamos o *energicamente* quando

<sup>271</sup> Cf. WEGNER, 2012, p. 49.

o verbo está no aoristo (referindo-se a Jesus, portanto). Dada a importância do ensinamento de Jesus aos discípulos a partir deste ponto do evangelho, a melhor tradução de ὑπαγε ὀπίσω μου parece ser *vá para trás de mim*.

*Considerações finais.* Ainda na introdução a este capítulo, fizemos a opção de fazer uma exegese seguindo alguns dos passos do método histórico-crítico, deixando o texto falar por si mesmo, ao invés de fazê-lo dizer aquilo que gostaríamos de ouvir. O pano de fundo criado no capítulo anterior nos favoreceu a entender o texto a partir de seu duplo ambiente: o de Jesus e o de Marcos. A crítica textual apontou para a forte possibilidade da proximidade do texto original de Marcos. Já as traduções com que comparamos a nossa, apontaram para o δεῖ e o ὑπαγε ὀπίσω μου, nem sempre traduzidos com literalidade ou no “espírito” em que o texto foi escrito. A análise das formas ajudou-nos a entender o texto enquanto literatura: um texto coeso, ligado ao seu precedente, composto por duas partes: o primeiro anúncio da paixão e o diálogo didático entre Jesus e Pedro. Nossa perícopes deve ser lida no contexto literário do ensinamento de Jesus aos discípulos. Já o contexto histórico de Mc 8,31-33 põe em evidência Pedro, símbolo das comunidades que negavam a inevitabilidade de ter de passar por um destino semelhante ao encarnado por Jesus. Assim, às perseguições das comunidades dos anos 70, nada de estranho estaria acontecendo se fosse trazido à memória o assumir a vontade divina por Jesus.

Nisso, transparece a nova mentalidade trazida por Jesus, a qual traz o reinado de Deus. É a mentalidade de quem é capaz de dar-se em prol da vida dos demais; de quem não pensa de acordo seus próprios interesses. Em nossa exegese, deixamos em aberto a análise da expressão utilizada Jesus para falar de si mesmo: *Filho do Homem*. Também fora este choque de mentalidades: a de Deus e a dos homens, a do Reino e a mundana, a de Jesus e a de Pedro, não encontramos evidências para falar de salvação ou do que Jesus esperava produzir em seus seguidores assumindo livremente sua paixão, exceto o praticar e “pensar as coisas de Deus”.

Deste modo, no próximo capítulo, será necessário um passo diferente dos que demos aqui: não mais o resgate histórico, nem o exegético e literário, mas o teológico. Começaremos buscando, no conjunto dos três anúncios da paixão, a possibilidade de entender que salvação a entrega da vida de Jesus traria. Analisaremos o significado de *Filho do Homem* no evangelho de Marcos, para poder, finalmente, concluir de que salvação o evangelista fala ao focar a entrega livre da vida de Jesus.



### 3 A SALVAÇÃO PELA HUMANIDADE: A HUMANIZAÇÃO DA HUMANIDADE

Neste ponto de nosso trabalho, é chegado o momento de retomar uma de nossas questões principais: Como Marcos interpretou a morte de Jesus? Que sentido soteriológico os seus leitores podem inferir quando leem os anúncios da paixão? No capítulo anterior, já destacamos que a vontade divina, cumprida por Jesus, por meio de sua paixão, tem aspecto mais cristológico do que soteriológico. Ou seja, nos anúncios da paixão, e no ensinamento deles decorrentes, encontramos muito mais acerca da identidade de Jesus do que uma soteriologia. Apesar disso, a tradição cristã encontrou, sob o signo da cruz,<sup>272</sup> elementos que lhe permitiram ver *primordialmente* o aspecto salvador da morte e ressurreição de Jesus, inseridas na dinâmica de sacrifício vicário.<sup>273</sup> Marcos já teria essa compreensão e teologia? Em nossa exegese do primeiro anúncio da paixão, não encontramos fundamentos para obter possibilidades de interpretação na chave expiatória a iminência da morte violenta de Jesus. Há, sim, dentre outros elementos, a *vontade divina* que é cumprida por Jesus em seu sofrimento, rejeição, morte e ressurreição. Tudo isso revela outro modo de pensar: não mais o dos homens, mas o de Deus. Assim, Jesus supera o modo tirânico e desumano pelo qual os reinos humanos e as filosofias de seu tempo legitimavam o *status quo* da época. Ele possibilita, assim, que Deus reine.

Neste capítulo, a fim de encontrar o sentido salvador da morte de Jesus no evangelho de Marcos, especialmente nos anúncios da paixão, iremos nos aproximar dos outros dois anúncios da paixão. Nessa aproximação, procuraremos apenas o que eles diferem ou acrescentam ao primeiro, analisado no capítulo anterior, bem como pelo sentido soteriológico que os três possam apresentar-nos (3.1). Em seguida, poderemos estudar com maior propriedade o sentido da expressão *Filho do Homem*, utilizada nos três anúncios da paixão (3.2), estudo esse que não fizemos quando da exegese, no capítulo anterior. Finalmente, reunindo todo este resultado da pesquisa, poderemos ver em que consiste o ser humano salvo, segundo as categorias examinadas (3.3).

---

<sup>272</sup> A morte de Jesus enquanto prenunciada, não fala de cruz, mas da vontade divina que, através do destino do Filho do Homem, é cumprida.

<sup>273</sup> Entendemos o sacrifício vicário como morte expiatória que redime o pecado da humanidade. Essa compreensão “pressupõe que o mundo está sujeito a uma ordem cuja não observância é castigada pelos poderes supra-humanos. Somente a expiação, portanto, pode romper uma reação em cadeia de pecado e desgraça”. GOPPELT, Leonhard. *Teologia do Novo Testamento*. 3. ed. São Paulo: Teológica, 2002. p. 210.

### 3.1 O sentido da morte do Filho do Homem nos anúncios da paixão, em Marcos

No nosso primeiro capítulo, vimos que os três anúncios da paixão no evangelho de Marcos ficam inseridos no contexto de ensinamento de Jesus aos discípulos (8,22 – 10,52). A cada anúncio da paixão, segue uma reação negativa dos discípulos, a qual é transformada por Jesus em oportunidade para nova orientação. Já no capítulo precedente, fizemos uma exegese do primeiro daqueles anúncios. Nosso próximo passo será o de nos aproximar dos outros dois anúncios da paixão, e, se for o caso, das consequências desencadeadas por eles, em Marcos. Nossa finalidade será a de buscar se há outros elementos nos anúncios da paixão que nos permitam aprofundar o sentido de salvação da morte de Jesus. Caso não encontremos, buscaremos o sentido teológico dos prenúncios da paixão de Jesus no segundo evangelho canônico, visto sua grande relevância nesse evangelho.

#### 3.1.1 Os outros dois anúncios da paixão em Marcos

Ao mostrar que Jesus tomava consciência de sua paixão e morte como consequências de sua missão, Marcos põe na boca de Jesus não uma, mas três predições da paixão. Os três anúncios da paixão embora tenham o mesmo conteúdo, não são cópias literais, mas apresentam diferenças entre si.

Uma passagem paralela muito raramente aparece em forma idêntica, quer dizer, com as mesmas palavras e na mesma ordem. Mas aqui se trata já não de uma, mas de três passagens, e é sabido com que liberdade os sinóticos tratam as repetições de fatos que encontram em suas fontes.<sup>274</sup>

Já analisamos exegeticamente o primeiro prenúncio da paixão no evangelho de Marcos. Aqui não é nossa intenção repetir o processo com o segundo e o terceiro, mas realçar as diferenças ou elementos que não estão elencados no primeiro. Acima de tudo, buscamos pelo sentido que a paixão de Jesus tem na teologia marcana, ao ser posta nos lábios de Jesus.

Eis o conteúdo do segundo anúncio da paixão: “*Ele ensinava seus discípulos e dizia-lhes: ‘O Filho do Homem vai ser entregue às mãos dos homens, e eles o matarão. Morto, porém, três dias depois ressuscitará’*” (9,31). Considerando o conteúdo dos três anúncios, como já dissemos no capítulo anterior, Jesus não era desprovido de consciência crítica, de modo que não percebesse que sua missão culminaria em um final violento, à semelhança dos profetas. Mesmo considerando como autêntica a tradição de que Jesus teria previsto que

---

<sup>274</sup> SEGUNDO, 1985, p. 142.

passaria pela paixão e morte, é evidente não haver mais como saber quais as palavras exatas que Jesus teria pronunciado. Jeremias afirma que as três predições da paixão devem ser consideradas como *variações*<sup>275</sup> deste anúncio original, sua morte, de que Jesus teria se apercebido estar próxima.

Se nos limitarmos à tradição de Marcos como sendo a mais antiga, uma comparação das três variantes da predição da paixão (Mc 8,31; 9,31; 10,33s) evidencia claramente que a segunda (9,31) se deixa reconhecer, não só por sua brevidade e indeterminação, como também por razões de linguagem, como a mais antiga.<sup>276</sup>

Desta predição da paixão ainda devemos destacar o verbo entregar (παραδίδοται), que não traz sujeito de forma determinada, como na primeira versão (8,31).<sup>277</sup> Serão os homens quem entregarão Jesus, o qual sofre a paixão (verbo no passivo). “A peculiaridade deste *logion* radica precisamente em que o Filho do Homem será entregue nas mãos dos homens; não nas mãos dos gentios, dos inimigos, dos romanos ou do povo” (tradução nossa).<sup>278</sup> Ou seja, esses homens citados em sentido genérico, levam-nos mais uma vez aos homens que ainda não entraram na dinâmica do reinado de Deus que insistentemente já destacamos. “Estabelece-se pela primeira vez a oposição entre o ‘Filho do homem’, o Homem na sua plenitude, e ‘homens’ que não a conhecem nem aspiram a ela”.<sup>279</sup> De todo modo, Jesus deixa-se conduzir ou ser entregue porque não veio para dominar e reinar conforme a mentalidade humana.

Desta forma (unindo 9,31 com 8,31 e 10,33-34), Marcos pôs no centro de seu evangelho uma assombrosa guia de perdedores messiânicos, como mostram essas passagens, que são orientação e princípio de vida para os novos crentes, que não buscam ao Cristo triunfante de 8,29, mas ao Filho do Homem que se entrega por todos os humanos (8,31). Assim, o Jesus de Marcos se mostra como alguém que sabe perder, convertendo sua derrota em princípio de vida (de comunidade, de glória) para aqueles que querem segui-lo. Somente agora, a partir da entrega-fracasso do Filho do Homem, Marcos se atreverá a traçar um ideal de vida comunitária, como indicará o que segue (tradução nossa).<sup>280</sup>

<sup>275</sup> JEREMIAS, 2008, p. 400.

<sup>276</sup> JEREMIAS, 2008, p. 401.

<sup>277</sup> Afiramos isso no sentido de que o *δεν* está no passivo divino, no qual Deus é o sujeito.

<sup>278</sup> *La peculiaridad del logion radica precisamente en que el Hijo del hombre será entregado en manos de los hombres; no en las manos de los gentiles, de los enemigos, de los romanos o del pueblo.* GNILKA, 2001, p. 62.

<sup>279</sup> MATEOS; CAMACHO, 1998, p. 230. No próximo item (3.2), destacaremos o significado de Homem e sua possível contraposição a homens.

<sup>280</sup> *De esta forma (uniendo 9,31 con 8,31 y 10,33-34), Marcos ha trazado en el centro de su evangelio una asombrosa guía de perdedores mesiánicos, como muestran estos pasajes, que son orientación y principio de vida para los nuevos creyentes, que no lo buscan al Cristo triunfante de 8,29, sino al Hijo del Hombre que se entrega por todos los humanos (8,31). Así se va mostrando el Jesús de Marcos, como alguien que sabe perder, convirtiendo su derrota en principio de vida (de comunidad, de gloria) para aquellos que quieran seguirlo. Solo ahora, desde la entrega-fracaso del Hijo del Hombre, se atreverá Marcos a trazar un ideal de vida comunitaria, como indicará lo que sigue.* PIKASA, 2012, p. 648.

Mais uma vez fica expresso o final da missão de Jesus, indicada pela figura do Filho do Homem, que será entregue (talvez a novidade deste segundo anúncio seja esta). Já o terceiro anúncio da paixão traz o seguinte conteúdo: “*Estamos subindo para Jerusalém, e o Filho do Homem será entregue aos sumos sacerdotes e aos escribas. Eles o condenarão à morte e o entregarão aos pagãos. Vão zombar dele, cuspir nele, açoitá-lo e matá-lo, mas três dias depois, ele ressuscitará*” (10,33s). Ao contrário do segundo anúncio da paixão, que é breve, o terceiro é o mais detalhado dos três. Primeiro relata-se a subida para Jerusalém, a cidade santa, na qual Deus morava (templo). Jesus toma voluntariamente o caminho para Jerusalém.<sup>281</sup> A subida para Jerusalém é também o caminho de ascensão do messias (ascensão esta que ocorre através da morte). Depois, há a primeira entrega: quem a fará? O texto, como na predição anterior, não explicita (podem ser os seres humanos em geral, Judas ou um dos discípulos). A primeira entrega será feita aos sacerdotes e escribas. Segue a segunda entrega: aos gentios. Trata-se de uma dupla traição. Jesus

não morrerá por um enfrentamento aberto, nem por um juízo imparcial, mas por uma dupla entrega/traição, que começa no grupo de seus discípulos e segue no grupo das autoridades de Israel que, segundo o ritmo do evangelho, o condenarão por motivos messiânicos, entregando-o nas mãos de um poder universal (Roma), entendido como sinal de morte (tradução nossa).<sup>282</sup>

Temos ainda que compreender o papel dos gentios no processo: eles são como que “executores materiais de uma morte decidida por outros” (tradução nossa),<sup>283</sup> ou seja, os romanos executaram Jesus, mas quem deu a sentença de morte foram os sacerdotes e os escribas. Em qualquer dos três anúncios da paixão, há a ausência da cruz.<sup>284</sup> Provavelmente, isso ocorre porque estava em jogo compreender primeiramente a morte de Jesus como acontecimento messiânico, em que se fala de um “fracasso salvador”.<sup>285</sup> Por fim, no passivo divino está presente, mais uma vez, a esperança na ressurreição: Deus ressuscitaria Jesus em um tempo muito breve após sua morte.

Sintetizando o conteúdo dos três anúncios da paixão no evangelho de Marcos: 1) Jesus assume, em todos eles, sob a imagem de Filho do Homem sua missão messiânica. Ao

<sup>281</sup> Cf. GNILKA, 2001, p. 113.

<sup>282</sup> *No morirá por un enfrentamiento abierto, ni por un juicio imparcial, sino por una doble entrega/traição, que comienza en el grupo de sus discípulos y sigue en el grupo de las autoridades de Israel que, según el ritmo del evangelio, lo condenarán por motivos mesiânicos, entregándolo en manos de un poder universal (Roma), entendido como signo de muerte.* PIKASA, 2012, p. 748.

<sup>283</sup> *como ejecutores materiales de una muerte decidida por otros.* PIKASA, 2012, p. 748.

<sup>284</sup> Exceção a isso é o versículo 8,34: “Se alguém quer vir após mim, renuncie a si mesmo, tome sua cruz e siga-me”. Tal versículo pode ser lido na mesma chave com que o faremos a seguir: a da entrega da própria vida. Aqui salientamos que a cruz não ocupa o primeiro plano dos anúncios da paixão.

<sup>285</sup> Cf. PIKASA, 2012, p. 749.

invés de se definir como messias, sempre o faz como Filho do Homem; 2) o “é inevitável” da paixão por que Jesus passaria revela-se como cumprimento da vontade divina; 3) Jesus é entregue (no passivo) aos homens (os quais estão fora da dinâmica do reinado de Deus) que o entregam à morte; 4) as autoridades judaicas (anciãos, sacerdotes e escribas) condenarão Jesus à morte, mas serão os romanos os que executarão a pena; 5) sofrimento, rejeição, morte e ressurreição fazem parte do itinerário do Filho do Homem; 6) não há referências à cruz; 7) a ressurreição é sinal de esperança da ação divina após o aparente fracasso.

Excetuando a perspectiva da ressurreição, não transparece nos textos um sentido salvífico que este caminho do Filho do Homem possa oferecer aos discípulos. Acentuemos ainda que todos os anúncios da paixão estão inseridos no contexto de ensinamento de Jesus aos seus discípulos. Marcos não mostra como o ser humano seria salvo por meio da entrega de vida que Jesus estava por fazer. Somos levados a pensar não existir nos anúncios da paixão a existência do sacrifício expiatório ou o sentido salvífico que a tradição (até mesmo a bíblica, alguns anos depois) atribuiria a ela. Com base na interrogação acima, analisaremos um versículo do evangelho de Marcos que nos permitirá tomar uma postura decisiva quanto a este assunto no evangelho como um todo: trata-se de 10,45, para podermos, finalmente saber em que consiste a salvação, tendo por base os anúncios da paixão no primeiro evangelho escrito.

### **3.1.2 A ausência do sacrifício vicário nos anúncios da paixão em Marcos**

Conforme já dissemos, a cada anúncio da paixão, Marcos desencadeia um ensinamento de Jesus aos seus discípulos. Por exemplo, na exegese feita no capítulo anterior, ao primeiro anúncio da paixão seguiu uma reação negativa de Pedro e a ela, o diálogo didático. Apesar de Jesus ter chamado Pedro de Satanás, convidou-o ao discipulado. A partir de 8,34 temos várias motivações e coordenadas para ser discípulo de Jesus. Após o segundo anúncio da paixão, há outra reação dos discípulos: eles disputam pelo caminho (“lugar” das instruções) acerca de quem é o maior. Segue do mesmo modo um ensinamento de Jesus aos Doze. Pois bem: para o nosso propósito (o de encontrar nos anúncios da paixão seu sentido salvífico) após o terceiro anúncio da paixão há – novamente! – uma reação dos discípulos e o subsequente ensinamento a eles, que pode nos ser de grande ajuda! O evangelho de Marcos registra que ao longo do caminho, Jesus anuncia que em Jerusalém irá sofrer a morte (cf. o texto acima). Ao chegar em casa, os discípulos Tiago e João pedem a Jesus que, quando ele estiver na glória, um se sente a sua direita e outro a sua esquerda (10,35-40). Após breve diálogo (o qual, a princípio não interessa ao nosso intento) Jesus diz que isso não depende

dele, pois é para quem foi reservado. É neste contexto que inicia a perícopa que pode trazer o significado salvador da missão (e da morte) de Jesus no evangelho de Marcos. Vejamos o trecho:

Quando os outros dez ouviram isso, começaram a ficar zangados com Tiago e João. Jesus então os chamou e disse: “Sabeis que os que são considerados chefes das nações as dominam e os seus grandes fazem sentir seu poder. Entre vós não deve ser assim. Quem quiser ser o maior entre vós seja aquele que vos serve, e quem quiser ser o primeiro entre vós seja o escravo de todos. Pois o Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a vida em resgate por muitos” (10,41-45).

O último versículo (10,45) além de retomar a missão de Jesus, assumida pelo Filho do Homem, fala do “dar a vida em resgate”, como forma de salvação. Isto é: aqui há uma possibilidade, ao considerar as consequências de um dos anúncios da paixão no evangelho de Marcos, haver um sentido salvífico dado pela vida e missão de Jesus, selada por meio de sua paixão, morte e ressurreição. No entanto, as diversas interpretações deste versículo não são unânimes. Por exemplo, Fabris e Barbaglio afirmam que Jesus “recebe o poder e a glória só como servo; mas é um servo como aquele que evoca o canto de Isaías, acolhendo sobre si o destino de dor e de pecado de toda a comunidade humana”.<sup>286</sup> Os autores não deixam claro, no entanto, se este acolher o destino de dor e especialmente o de pecado traria a libertação que uma vítima expiatória ofereceria. Mais adiante, abre-se ainda mais a possibilidade de se fazer esta leitura, embora os termos não fiquem descobertos em toda a sua profundidade: a morte violenta de Jesus “será resgate para a multidão (Mc 10,45), será vínculo de aliança entre Deus e o seu povo, com força de perdão para muitos”.<sup>287</sup>

Já Gnilka é mais explícito em suas palavras e deixa sua posição de forma inequívoca. A partir da exigência de servir os demais, afirma: “o fundamento desta exigência é o serviço e a morte expiatória do Filho do homem. Com esses dois dados se resume a totalidade da vida de Jesus sob um aspecto determinado” (tradução nossa).<sup>288</sup> Assim, ao lembrar que o Filho do Homem “veio” Gnilka define tudo o que Jesus teve por missão: servir e a morte expiatória (em sentido análogo a sacrifício vicário). Ao retomar o texto grego, o autor vai mais longe ainda:

λύτρον significa no mundo grego e na LXX o preço do resgate pela vida marcada pela culpa. Indica a fiança que se paga por um escravo, por um prisioneiro de guerra. O Filho do homem paga com sua vida em lugar e em favor de muitos que caíram na

<sup>286</sup> FABRIS; BARBAGLIO, 2014, p. 539.

<sup>287</sup> FABRIS; BARBAGLIO, 2014, p. 547.

<sup>288</sup> *El fundamento de esta exigencia es el servicio y la muerte expiatoria de Hijo del hombre. Con estos dos datos se resume la totalidad de la vida de Jesús bajo en aspecto determinado.* GNILKA, 2001, p. 120.

perdição. Dessa maneira se converte em redentor deles. Não deve ser negado que estamos pensando na libertação da culpa dos pecados (tradução nossa).<sup>289</sup>

No entanto, este termo grego, λύτρον,<sup>290</sup> é utilizado apenas nesta passagem dos evangelhos (e em seu paralelo em Mateus). Caso tivesse um sentido tão amplo e importante como aquele que Gnilka lhe dá, fazendo uma exegese em termos tradicionais, lendo o evangelho dentro da tradição neo-testamentária (o que é correto e tem seu valor), mas prescindindo da teologia interna ao próprio evangelho, o termo teria sido utilizado outras vezes pelo evangelista. Já Mackenzie vai um pouco mais longe, embora seja ponderado no final de seu artigo:

O próprio Jesus é o resgate e torna-se o pagamento do resgate mediante a morte. O conceito de resgate implica o oferecimento de si mesmo e também a natureza vicária de sua morte. O resgate é pago em favor do outro o qual é o beneficiário do resgate pago, vale dizer, o benefício não reverte em favor daquele que resgata. A expressão parece ecoar o Servo de Iahweh (Is 53,6-12). A passagem não diz do que os “muitos” são redimidos, mas o contexto geral dos evangelhos não deixa dúvida de que eles são redimidos dos pecados. Podemos perguntar-nos a esse respeito se a metáfora pode ser impelida tão longe: se o resgate é pago a alguém, então é pago a Deus, mas isso se aproxima da alegoria. Jesus se oferece a si mesmo ao Pai e se submete inteiramente à sua vontade; é dúbio, porém, se a ideia de resgate pode ser levada tão longe. Não faltaram Padres da Igreja que se deixaram levar a explicações errôneas segundo as quais o resgate seria pago a Satanás. Büchsel interrogou-se porque teria sido necessário um resgate, diante da consideração do perdão dos pecados que Jesus concedia facilmente (Mc 2,5) e da gratuidade da graça.<sup>291</sup>

Para sermos fiéis ao que nos propomos aqui, não queremos extrapolar os limites da teologia marcana. Com isso, não estamos negando haver margem para interpretar a morte de Jesus em termos de expiação dos pecados, mas afirmamos, sim que, no conjunto dos três anúncios da paixão em Marcos e no ensinamento deles decorrentes, os fundamentos para tal leitura são inconsistentes. A leitura deste versículo, que pode se tornar controversa, deve ser feita no contexto dos versículos que o precedem, já transcritos acima. La Calle, por exemplo, assim a faz:

A expressão “dar sua vida como resgate por todos” (10,45) aparece, dentro do contexto atual, em paralelo sinonímico com “servir”, e em antitético com “ser servido”. “O filho do homem não veio para ser servido, mas para servir e para dar a sua vida como resgate de muitos”. A narração 10,41-45, à qual pertence, trata de

<sup>289</sup> λύτρον significa en el mundo griego y en LXX el precio del rescate por la vida marcada por la culpa. Indica la fianza que se paga por un esclavo, por un prisionero de guerra. El Hijo del hombre paga con su vida en lugar y en favor de muchos que han caído en la perdición. De esa manera, se convierte en redentor de ellos no debería negarse que se está pensando en la liberación de la culpa de los pecados. GNILKA, 2001, p. 120.

<sup>290</sup> Literalmente λύτρον significa resgate. Kittel e Friedrich associam o significado do termo ao sacrifício vicário. E afirmam ainda: “aquilo que está para se perder é a vida humana e, por esta, um λύτρον é apresentado, o qual pode ser aceito ou recusado”. BÜCHSEL, F. λύτρον. In: KITTEL, Gerhard; FRIEDRICH, Gerhard. *Diccionario teológico do Novo Testamento*. São Paulo: Cultura Cristã, 2013. v. 1. p. 601-602.

<sup>291</sup> MCKENZIE, John L. *Diccionario Bíblico*. São Paulo: Paulus, 2011. 10. ed. p. 709.

estabelecer as relações de governo que devem existir na comunidade primitiva, nela serve de exemplo a atitude histórica de Jesus que, ao morrer, dá testemunho de serviço, de governo. O acento recai no serviço e não no resgate.<sup>292</sup>

Ou seja, para chegar ao verdadeiro sentido do resgate, devemos lê-lo na chave do servir. Toda a vida de Jesus foi serviço: curar doentes, expulsar demônios, chamar os excluídos da sociedade para serem seus discípulos, incentivar a partilha do pão. Como já foi mostrado anteriormente, a postura adotada por Jesus frente ao Império dos romanos e aos problemas que esse Império trazia para o povo é bem diversa. “A comunidade de Marcos pinta um Jesus que não se encaixa nos moldes, nem dos romanos, nem dos judeus, nem dos movimentos de resistência popular (v. 32-45)”.<sup>293</sup> Desse modo, como já acentuamos desde o primeiro capítulo, Jesus não estrutura o reinado de Deus tendo como parâmetro o modo humano de estruturar um reino.<sup>294</sup> Para as comunidades de Marcos importava, naquele momento em que o triunfalismo se tornava uma tentação, retomar o exemplo de Jesus, que se fez servidor. Dado esse sentido da perícopes em seu contexto literário maior, voltemos para nosso versículo 10,45 e vejamos mais de seu significado.

Mc 10,45b está em perfeita harmonia com Mc 10,45a. Não introduz a ideia sacrificial. Dar a vida não é apenas o supremo exemplo de serviço (a cruz), mas a culminação que dá sentido a toda vida de serviço. Na doação da vida não está apenas o momento da cruz, mas todos os gestos de Jesus, ao longo de sua vida, a favor dos humanos. Como, junto ao serviço veio a cruz, isto é, a cruz foi o preço do servir, liga-se servir com sofrer e morrer (Mc 8,34ss).<sup>295</sup>

Num mundo que não preza pelo serviço, mas pelo poder (exercido de maneira desumana e tirânica) dar a vida significa resgatar a vida no seu sentido mais profundo. Jesus

<sup>292</sup> CALLE, 1984, p. 93.

<sup>293</sup> GLAAB, Bruno G. A diaconia do Filho do Homem – Interpretação de Mc 10,45. *Atualidade Teológica*. Rio de Janeiro: PUC, Ano IX, nº 19, p. 59, jan/abr 2005.

<sup>294</sup> “Jesus inverteu a tendência dominante dos grupos sociais e religiosos que interpretam as estruturas de poder profano e religioso (naquele tempo tudo é religioso!) de modo sagrado. Por isso, perante a manipulação messiânica dos Zebedeus, que são com Pedro seus seguidores principais (cf. 5,37; 9,2), estabeleceu aqui as bases de uma fraternidade em que não existe poder, mas serviço, exercido pelos *diáconos* (servidor livre) ou *doulos* (escravo). Pedro havia rechaçado o projeto de entrega de Jesus (8,32); os Zebedeus ratificam aquele gesto buscando a *doxa* ou glória mundana do messias (10,37), aparecendo assim como representantes de uma humanidade ansiosa de domínio religioso. Eles (com os Doze; cf. 10,41) quiseram oferecer um corretivo messiânico a Jesus, ajudando-o com seu poder e organização” (tradução nossa)

*Jesús ha invertido la tendencia dominante de los grupos sociales y religiosos que interpretan las estructuras de poder profano y religioso (‘en aquel tiempo todos es religiosos!’) en forma sacral. Por eso, frente a la manipulación mesiánica de los Zebedeos, que son junto a Roca sus seguidores principales (cf. 5,37; 9,2), ha establecido aquí las bases de una fraternidad donde no existe poder sino servicio, ejercido por el diakonos (servidor libre) o doulos (esclavo). Roca había rechazado el proyecto de entrega de Jesús (8,32); los Zebedeos ratifican aquel gesto, buscando la doxa o gloria mundana del mesías (10,37), apareciendo así como representantes de una humanidad ansiosa de dominio religioso. Ellos (con los Doce; cf. 10,41) han querido ofrecer un correctivo mesiánico a Jesús, ayudándole con su poder y organización.* PIKASA, 2012, p. 759.

<sup>295</sup> GLAAB, Bruno Godofredo. O modelo igreja serviço: uma análise teológica de Marcos 10,42-45. *Revista de cultura teológica*. São Paulo: Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção, Ano III, nº 12, p. 103, jul/set 1995.

assumiu este dar a vida de maneira radical e extrema. Pallares conclui disso que os discípulos de Jesus devem seguir seu exemplo e

fazer de sua vida inteira uma forma de serviço, não importando se, como Jesus, tenham de perdê-la. Mesmo a morte deles, como a de Jesus, deve servir para o bem de muita gente, já que uma fortaleza e uma fidelidade como as de Jesus não são em vão; servem para o resgate – hoje diríamos, para a libertação do povo de Deus (Ex 13,13-16). Pela morte de Jesus, os discípulos, assim como ele, podem ser o oposto ao que se costuma fazer entre os pretensos dirigentes de uma sociedade dividida em categorias. (...) [Jesus] criou um novo tipo de vida e possibilitou a seus discípulos o seguimento deste caminho. “É assim que chega para ‘muitos’ a salvação”.<sup>296</sup>

Temos aqui, portanto, a identificação da salvação dada aos homens (muitos) com o próprio discipulado. E é neste sentido que devemos entender a morte e a salvação trazida pela vida e morte (ou missão) de Jesus: resgatar “não significa nenhum gesto mágico, mas antes, doação pela causa de Deus e dos irmãos”.<sup>297</sup> Há, portanto, a ideia não de sacrifício vicário quando se trata da morte do Filho do Homem, mas de fidelidade ao plano de Deus, o qual Jesus chamava de *reinado de Deus*. E essa fidelidade é a garantia de que: quem reina é Deus e não, a vontade humana. Ao concluir este item, optamos mais uma vez pela ausência de sacrifício vicário nos três prenúncios da paixão em Marcos e, com um de nossos autores referenciados, tomamos como salvação na teologia marcana um novo modo de ser, o qual primeiramente não se refere à função (messiânica), mas à identidade de Jesus, o Filho do Homem:

Depois da paixão, morte e ressurreição de Jesus, quem muda não é Deus, mas o humano é que muda, ou seja, a vida, morte e ressurreição de Jesus trouxe um novo relacionamento entre os humanos que o liberta de muitas escravidões. Em Jesus o círculo vicioso do pecado e castigo é quebrado. Então é possível dizer que Jesus devia sofrer e morrer, mas não por imposição de Deus. Antes, seu sofrimento e sua morte são exigências do amor que se doa ao mundo. Deus não quis a morte de Jesus, apenas sua fidelidade ao Reino, que é a causa de Deus e dos humanos. A fidelidade trouxe, como preço, o sofrimento e a morte, isto porque as instituições humanas, religiosas e políticas não podiam admitir o Reino. Jesus pela sua morte não conquistou a benevolência de Deus para os humanos; antes, aniquilou as consequências nefastas da maldade humana que impedia o Reino. Jesus não refez a Lei, mas refez o ser humano decaído.<sup>298</sup>

Deste modo, o cerne da missão de Jesus (e para usar a expressão já analisada aqui) é resgatar o ser humano. Muito mais do que mudar o juízo de Deus acerca do ser humano, Jesus mexeu com os conceitos humanos já cristalizados pelo judaísmo e o Império. Ele também mostrou o rosto divino diferente daquele que a maioria das pessoas de seu tempo tinha.

<sup>296</sup> PALLARES, José Cárdenas. *O poder do carpinteiro Jesus no Evangelho de Marcos*. Aparecida (SP): Editora Santuário, 2002. p. 203.

<sup>297</sup> GLAAB, 2005, p. 75.

<sup>298</sup> GLAAB, 2005, p. 77.

Assim, ao pensar no sentido teológico que os prenúncios da paixão de Jesus possuem, temos que nos voltar muito mais para a identidade de Jesus do que para possíveis títulos ou rótulos que poderíamos lhe atribuir através de nossa tradição bimilenar. E a identidade mais evidente de Jesus para as pessoas de seu tempo é a identidade humana, definida ou assumida por ele sob a expressão *Filho do Homem*, presente nos três anúncios da paixão. Já vimos que pouco (para não dizer quase nada) os anúncios da paixão explicitam acerca de salvação do gênero humano. E nada (agora *nada* mesmo!) esses anúncios trazem de sacrifício vicário ou de morte expiatória de Jesus. Assim, devemos nos deter mais na identidade de Jesus, a fim de compreender o sentido de sua vida e morte (ou missão). Essa identidade está, no evangelho de Marcos, na expressão Filho do Homem, a qual passaremos a analisar no próximo item, a fim de compreender o significado teológico que Jesus tem para as comunidades de Marcos, bem como a salvação que ele trouxe.

### **3.2 O Filho do Homem: a imagem que define Jesus em Marcos**

Ao desenvolver nossa exegese do primeiro anúncio da paixão, já havíamos acenado ser necessário aprofundar o significado da expressão *Filho do Homem*. Após o itinerário desenvolvido neste capítulo, mais ainda se faz necessária esta análise. E isso não apenas porque Jesus utilizava esta expressão para autorreferir-se, mas principalmente porque ela revela a identidade e, sobretudo, a missão de Jesus.<sup>299</sup> Compreendê-las significa, primeiro, apropriar-se de seu modo de ver as coisas, o mundo e Deus. Depois, ajudará a abraçar o reinado de Deus como a proposta salvífica ao ser humano em todos os tempos. É poder compreender como a realidade e o mundo ficam incompletos quando se tenta organizar tudo, deixando-se Deus de fora (não permitindo que Ele reine) e acolher a mudança de mentalidade, como Jesus propôs a Pedro, para que pensasse as coisas de Deus.

---

<sup>299</sup> Com isso afirmamos aquilo que, já no título do seu livro, Marcos não deixa dúvidas (1,1): ele é o Messias e Filho de Deus. O Messias que Jesus assume está na categoria de *Filho do Homem*, mas isso não diminui ou relativiza o fato de ele ser Filho de Deus. Em nossa pesquisa estamos dando enfoque à expressão *Filho do Homem* por ela sinalizar e apontar também para divindade de Jesus. Vários autores, inclusive, apontam serem estes os dois “títulos” de Jesus no evangelho de Marcos. Stegemann, por exemplo, analisa as epifanias e atos poderosos de Jesus como sendo próprios ao *Filho de Deus*. Assim, os milagres, curas, expulsões de demônios, perdoar pecados são “uma *demonstração* e, ao mesmo tempo um sinal *comprobatório* do poder divino de Jesus” p. 38. “Todos os atos de poder qualificam aquele que os realiza, que, como Deus, perdoa pecados, que manda sobre o sábado (Mc 2,28), que cura pessoas incuráveis, que ressuscita uma pessoa já morta, que alimenta, como Deus, o povo no deserto, que supera o teste feito pelo oponente de Deus e domina sobre os servos de Satã, que é obedecido por ventos e ondas, que faz cegos verem, mudos falarem, surdos ouvirem e coxos andarem”. Jesus é o Filho de Deus” p. 41. Ao mesmo tempo, Jesus tem seu “lado humano”, o qual é caracterizado pela expressão Filho do Homem, a qual passaremos a analisar. Cf. STEGEMANN, Wolfgang. *Jesus e seu tempo*. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2012. p. 35-44.

A expressão Filho do Homem nos evangelhos canônicos aparece somente na boca de Jesus. É a forma que os evangelistas encontraram para mostrar Jesus referindo-se a si mesmo em muitas passagens. Não temos como concluir se Jesus fazia autorreferências com essa expressão ou se foram os evangelistas que acharam ser a que mais corresponderia ao seu estilo. Seja como for, aqui, interessa-nos descobrir qual seu significado quando dita por Jesus, ou seja, seu valor na teologia do segundo evangelho canônico, quando retomada por Jesus. Em Marcos, ele aparece cheio de humanidade, sentimentos e expressões humanas.

Os Evangelhos seguintes vão, pouco a pouco, sacralizar a figura de Jesus, silenciando tudo o que o torna semelhante a nós, como se sua humanidade fosse mais formal, mais convencional, como a humanidade de alguém que faria um papel de homem num teatro. Jesus manifesta indignação (1,41.43), tem compaixão (6,34; 8,2). Jesus fica zangado (10,14), expressa ira e tristeza (3,5), experimenta estupor (6,6), olha com simpatia (10,21), suspira (7,34), fica desiludido (8,12). Teve que perguntar sobre o que os discípulos estavam falando (9,16.33). Sentiu o medo da morte (14,33) e no momento da morte deu um grito que parecia de desespero (15,34).<sup>300</sup>

Mesmo apresentando de modo tão latente a humanidade de Jesus, o título Filho do Homem não quer apenas e simplesmente colocar em evidência o humano Jesus, por mais que isso seja verdadeiro. Há quem interprete essa expressão “como substituto para o pronome da primeira pessoa, e, conseqüentemente, não tem outro significado além de ‘Eu’”,<sup>301</sup> fato também parcial, não é apenas substituto de “Eu”. Sob esse título há muito a ser explorado para se compreender seu significado para as comunidades de Marcos, que resgatavam em Jesus este motivo veterotestamentário. Para esta recapitulação, estudaremos o sentido desta expressão em Daniel, texto que talvez mais influenciou o Novo Testamento a usá-la (3.2.1). Em seguida analisaremos seu uso em três diferentes contextos, em Marcos (3.2.2), para, enfim, sintetizar o que o evangelista quis produzir em seus leitores e comunidades ao utilizá-lo (3.2.3).

### 3.2.1 O Filho do Homem em Daniel

Para compreender o sentido original da expressão “Filho do Homem” é necessário retornar ao Antigo Testamento. Várias passagens apontam para a existência dessa expressão em mais de um livro.<sup>302</sup> Também, no livro de Ezequiel encontramos quase uma centena de

<sup>300</sup> COMBLIN, José. A Cristologia do evangelho segundo Marcos. *Estudos Bíblicos: Evangelho de Marcos: Boas Novas para o Novo Milênio*. Petrópolis: Vozes; São Leopoldo: Sinodal, n° 64, p. 37, 1999.

<sup>301</sup> LADD, George Eldon. *Teologia do Novo Testamento*. São Paulo: Hagnos, 2003. Ed. rev. p. 195.

<sup>302</sup> Nm 23,19: “Deus não é homem, para que minta; nem filho de homem, para que se arrependa; Sl 144,3: “Senhor, que é o homem, para que o conheças, e o filho do homem, para que o estimes?”. Cf. LADD, 2003, p. 195.

vezes essa expressão usada pelo próprio Deus para falar com o profeta e, com ela quer significar a simples condição humana do profeta. No entanto, segundo os estudos do Novo Testamento, no livro de Daniel está a passagem que mais influenciou o seu uso nos evangelhos. Aqui não pretendemos ser exaustivos em analisar a teologia do livro de Daniel, mas sim, em procurar o sentido que a expressão assume nele, a fim de compreender como os evangelhos (ou o próprio Jesus) possam ter se apropriado dela.

O livro de Daniel tem sua redação datada por volta do ano 165 a.C., época em que o perigo da helenização do judaísmo crescia. “Vivendo no início da época dos macabeus, o autor se vale em sua narrativa de um personagem que há muito é considerado justo e sábio (...) e o faz atuar na época do exílio, de Nabucodonosor até Ciro”.<sup>303</sup> O livro foi escrito em duas línguas: hebraico (o início e o fim: 1,1 – 2,4a; 8,1 – 12,13) e aramaico (o cerne: 2,4b – 7,28). Quanto ao gênero, pode ser classificado como um livro apocalíptico, “gênero esse composto de diversos sub-gêneros”.<sup>304</sup> Esse gênero literário, o apocalíptico, recorre, ao longo do texto, a visões e revelações para, muitas vezes sob o sinal de signos que somente seus leitores entendem, reforçar a esperança em tempos de crise, na certeza de que Deus terá a última palavra e atuará na história humana.

O capítulo 7 do livro de Daniel, escrito também em estilo apocalíptico, narra a visão de Daniel, comumente denominada de visão das quatro feras ou animais. Essa visão inicia com a imagem do mar agitado, a qual remete a um ambiente pavoroso. É do mar que surgem as feras. Até o versículo 8 saem do mar quatro animais

que governam por determinado tempo, sendo derrubados depois. O leão com asas de águia é símbolo do império babilônico; o urso voraz é símbolo do império medo; o leopardo alado é símbolo do reino persa e o monstro que a tudo tritura com os dez chifres é símbolo da potência mundial macedônica. Essas potências mundiais que lutam pelo domínio do mundo, representando o mundo do caos, são poderes ímpios e desumanos porque são poderes opostos à criação.<sup>305</sup>

Por meio da linguagem simbólica, Daniel mostra como a desumanidade dos reinos da terra, que receberam poder, acabam por tiranizar a vida do povo simples e pobre. Agindo desse modo, os reinos humanos são, na verdade, desumanos, bestiais. O ancião (v. 9) muda o clima de aflição construído até então. Deus entra na história humana. O poder das feras é retirado (v. 12) e entra em cena o Filho do Homem (v. 13). Em contraste com as feras, que vinham do mar, o Filho do Homem vem das nuvens (seu poder é celestial). Se as feras

<sup>303</sup> SCHMIDT, Werner H. *Introdução ao Antigo Testamento*. 5. ed. São Leopoldo: Sinodal, 2013. p. 282.

<sup>304</sup> CRISTOFANI, José Roberto. A expressão “Filho do Homem” em Daniel. Anotações preliminares sobre uma proposta metodológica. *Estudos de Religião*, São Bernardo do Campo, Ano XIV, nº 19, p. 34, 2000.

<sup>305</sup> MOLTSMANN, Jürgen. *O caminho de Jesus: Cristologia em dimensões messiânicas*. São Paulo: Academia Cristã, 2009. p. 38.

vinham de baixo, o Filho do Homem vem de cima. “A sequência (7,13-14) traz a novidade do Reino de Deus, que é apresentado como reino do humano. Trata-se do reino da humanidade criada à imagem e semelhança de Deus (Gn 1,26-27)”.<sup>306</sup> Por conseguinte, a humanidade é resgatada pelo Filho do Homem da condição desumana a que estava submetida. Tanto que após haver recebido “a soberania, a glória e a realeza” (v. 14) ele sai de cena, e os santos do Altíssimo reinarão: “identifica-se aqui, pois, o Filho do Homem com povo de Deus”.<sup>307</sup>

Ao se contrapor ao bestial império mundial dos babilônios, medos, persas e macedônios o reino do “Filho do homem”, tem-se em mente “o reino humano do homem” que possibilita verdadeiro ser-homem em justiça e paz em toda a parte. Este reino não se desenvolve a partir da sequência dos impérios mundiais, mas irrompe da transcendência na história das lutas humanas pelo poder como algo totalmente novo: “O Filho do homem estabelece aquela virada escatológica pela qual os homens são libertados para a sua verdadeira destinação”.<sup>308</sup>

Com base no que analisamos nos capítulos anteriores, vemos como este título “cairia como luva” quando aplicado a Jesus. Ele não apenas se oporia ao reino dos romanos, mas humanizaria os seres humanos desumanizados e tirados de si mesmos (de sua própria autonomia), introduzindo-os na dinâmica do reinado de Deus. Significaria mudar, não a forma de reinar ou governar, mas a mentalidade que, conforme Jesus defendeu perante Pedro (cf. 8,33), rege as relações humanas. Significa colocar Deus como meta a ser atingida desde a vida terrena. Também merece destaque que, após o Filho do Homem entrar em cena e a passar a reinar, ele some, pois lhe interessa que “os santos do Altíssimo” reinem: é por meio deles que o “reino humano do homem” se realiza. É aqui, também, que temos a expressão “bar ’enash” (ou *barnasha*): “ela é comumente traduzida por ‘um como Filho do Homem’. Contudo, literalmente ela significa “*um humano*” no sentido de um representante do gênero humano”.<sup>309</sup> Entendemos esta representação no sentido que Moltmann lhe deu acima: a de “ser humano humano”.<sup>310</sup> A seguir veremos como Marcos se apropriou desta rica imagem (ou a resgatou do próprio Jesus), em seu evangelho e qual o papel desempenhado pelo Filho do Homem.

<sup>306</sup> STORNILO, Ivo. *Como ler o livro de Daniel: Reino de Deus x imperialismo*. 4. ed. São Paulo: Paulus, 2007. p. 67.

<sup>307</sup> CULLMANN, Oscar. *Cristologia do Novo Testamento*. São Paulo: Hagnos, 2008. p. 185.

<sup>308</sup> MOLTMANN, 2009, p. 39.

<sup>309</sup> CRISTOFANI, 2000, p. 35.

<sup>310</sup> Nossa interpretação de “*ser humano humano*” seria a que aponta o primeiro humano como *substantivo* e o segundo como *adjetivo*. Para cada gênero seria o *homem humano* e a *mulher humana*, em oposição ao *ser humano desumano* (ou, pelo menos, *desumanizado*).

### 3.2.2 O Filho do Homem em Marcos

Ao longo dos evangelhos, encontramos a expressão υἱὸς τοῦ ἀνθρώπου (Filho do Homem) 82 vezes. Nos sinóticos ocorre, no total, 69 vezes; em Marcos, há 14 ocorrências.<sup>311</sup> Caso tenha sido utilizada por Jesus, é necessário assinalar haver diferença de sentido que a expressão tem na língua de Jesus (inclui semitismo) e na língua em que o Novo Testamento foi escrito (grego), como seria de se esperar.<sup>312</sup> Apesar de termos delimitado no texto de Daniel onde se dá a sua ocorrência principal e seu significado naquele contexto, a presença desta expressão no Novo Testamento não é interpretada de maneira uniforme. A título de exemplo, há quem questione se Jesus se referia a si mesmo ou a algum outro quando falava “Filho do Homem”. Também há quem defenda a tese de que Jesus se referiu a si mesmo como Filho do Homem, mas que, nos evangelhos, nem todas as vezes que encontramos Filho do Homem significa estarmos diante de uma ocasião em que Jesus tenha feito uma autorreferência com este título. Seja como for, nosso objetivo aqui não é precisar a autenticidade de uma ou outra vez em que Jesus tenha assim falado. Buscaremos pelo sentido que esta expressão possa ter na teologia marcana, quando posta nos lábios de Jesus. Assim, verificaremos este sentido nos três contextos diversos em que Marcos insere a expressão, os quais são assumidos pela tradição sinótica. “De acordo com sua referência: (i) à obra do Filho do homem sobre a terra; (ii) ao sofrimento do Filho do homem, e; (iii) à glorificação futura do Filho do homem”.<sup>313</sup>

<sup>311</sup> Cf. JEREMIAS, 2008, p. 374. Em Marcos, a expressão Filho do Homem está localizada em: Mc 2,10.28; 8,31.38; 9,9.12.31; 10,33.45; 13,26; 14,21ab.41.62.

<sup>312</sup> Certo é que em Daniel a expressão foi escrita em aramaico pelo(s) autor(es) do texto. Já no Novo Testamento a expressão está em grego, fato que faz perder a originalidade com que teria sido usada por Jesus. Acerca da expressão: “primeiro ele pode denotar descendência, também no sentido mais distante. Até filhas, netos e quaisquer descendentes podem ser chamados de ‘filhos’. Também os habitantes de uma cidade são seus ‘filhos’, e os alunos de um profeta são seus ‘filhos’. Ao uso genealógico junta-se o exclusivo. ‘Filho’ serve para indicar um exemplar único de uma espécie (cf. também 2,19n). Se a espécie, p. ex., é ‘gado’, então ‘filho do gado’ é uma cabeça de gado. Se a espécie é ‘desgraça’, ‘filho da desgraça’ é alguém que não escapará dela. Quando se trata da espécie ‘homem’, ‘filho do homem’ simplesmente é um dos homens, uma pessoa isolada, comum, sem maior destaque. Neste sentido, por exemplo, que o profeta Ezequiel em 2,1 é chamado de ‘filho do homem’, que pode ser traduzido: ‘Você, ser humano individual!’ (BLH: ‘homem mortal’, com a ideia de ‘criatura!’). Surge um problema quando esta expressão precisa ser traduzida do hebraico ou do aramaico (Dn 7,13 foi transmitido em aramaico!) para idiomas que não conhecem o uso exclusivista de ‘filho’. Isto vale para o grego (huioi tou anthropou) assim como para o nosso ‘filho do homem’. Muitos leitores da Bíblia compreendem erradamente este título como contrapartida a ‘filho de Deus’, no sentido de dizer que Jesus não procede somente de Deus mas também do ser humano, de Maria”. POHL, 1998, p. 258.

<sup>313</sup> GUTHRIE, Donald. *Teologia do Novo Testamento*. São Paulo: Cultura Cristã, 2011. p. 278.

### 3.2.2.1 O Filho do Homem em sua existência terrena

Com relação à existência terrena de Jesus, Marcos faz apenas duas referências ao Filho do Homem: 2,10 e 2,28. Na primeira das citações, Jesus afirma que o “Filho do Homem tem na terra poder para perdoar pecados”. Aqui o Filho do Homem desempenha uma função que somente Deus poderia ter: a de perdoar pecados. Na dinâmica do evangelho de Marcos, Jesus, especialmente na primeira parte do evangelho, em que opera muitos milagres, “o Filho do Homem não é qualquer homem, mas aquele que possui o Espírito de Deus” (tradução nossa)<sup>314</sup> e, também, realiza o Reinado de maneira universal (na terra). E mais: “‘o Filho do Homem’ é aquele homem que, por possuir a plenitude do Espírito de Deus, é Filho de Deus e atua como Deus na terra, representando o ápice da condição humana” (tradução nossa).<sup>315</sup>

Já em 2,28, Jesus afirma que “o Filho do Homem é Senhor também do sábado”. Assim como o anterior, aqui há a questão da autoridade do Filho do Homem, desta vez para interpretar o significado da lei do sábado. Jesus desloca o eixo que gravitava em torno do sábado para o ser humano. Para ele (e a teologia marcana, portanto), o ser humano está acima da lei e, novamente, se põe a questão da ἐξουσία (autoridade) do Filho do Homem: “o sábado foi instituído por Deus (Gn 2,3; Ex 20,8); reivindicar autoridade sobre uma instituição divina era realmente uma reivindicação de enorme peso”.<sup>316</sup> Em ambas as referências, inclusas na seção de controvérsias do evangelho, encontramos assumidos pelo Filho do Homem motivos pelos quais Jesus seria condenado à morte: fazer-se igual a Deus (cf. 14,64 – perdoar pecados) e a relação com a Lei (cf. 3,6). Apesar de pouco reivindicar autoridade, na primeira parte do evangelho, Jesus atua como quem tem autoridade (cf. 1,22.27). Deve ficar claro aqui ser o Filho do Homem quem atua como Deus, com autoridade.

### 3.2.2.2 Os sofrimentos do Filho do Homem

A maior parte das ocorrências da expressão “Filho do Homem” ficam enquadradas neste grupo, nove num total de quatorze, as quais fazem menção aos sofrimentos futuros por que Jesus passaria. Evidente que Jesus já sofreu sua paixão e morte quando o texto evangélico é escrito, ao passo que as predições são *vaticinia ex evento*.<sup>317</sup> Do ponto de vista teológico, temos muito que extrair deste uso da expressão que estamos estudando. Nessas nove vezes em

<sup>314</sup> “*El Hijo del hombre*” no es cualquier hombre, sino aquel que posee el Espíritu de Dios. MATEOS, Juan. *Marcos 13: el grupo cristiano en la historia*. Madrid: Crisandad, 1987. p. 498.

<sup>315</sup> “*El Hijo del hombre*” es aquel hombre que, por poseer la plenitud del Espíritu de Dios, es Hijo de Dios y actúa como Dios en la tierra, representando la cumbre de la condición humana”. MATEOS, 1987, p. 498.

<sup>316</sup> MORRIS, Leon. *Teologia do Novo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 2003. p. 122.

<sup>317</sup> Profecias feitas (no caso, por escrito) depois de o fato ter ocorrido.

que Marcos utiliza a expressão, a entrega é encontrada quatro vezes (9,31; 10,33; 14,21; 14,41), a rejeição figura três vezes (8,31; 9,12; 10,33), a morte cinco vezes (8,31; 9,31; 10,34.45; 14,21), a ressurreição aparece quatro vezes (8,31; 9,9.31; 10,34), uma única vez é afirmada a necessidade dos fatos (8,31) e, em outras duas, a de cumprir o que está escrito (9,12; 14,21) e em três asserções ele possui uma condição genérica (9,31; 14,21.41).<sup>318</sup> Após as duas primeiras referências ao Filho do Homem no segundo capítulo, ele não é mais lembrado antes de 8,31. “Até aqui Marcos teve muito a dizer sobre os milagres de Jesus. Há relatos de pelo menos quinze deles e, além disso, há passagens que dizem em termos gerais que ele curava as pessoas”.<sup>319</sup> Daqui por diante os milagres serão apenas mais dois (além do feito da figueira, em 11,12-25), já “Filho do Homem” será utilizado 12 vezes. O ensinamento sobre quem é Jesus e qual será o futuro dos discípulos que querem segui-lo vai ganhando corpo, conforme já dissemos acima.

Neste grupo de referências aos sofrimentos futuros de Jesus fica realçado que ele “falou de sua morte em termos de Filho do Homem, não como Messias”,<sup>320</sup> conforme já explicitamos na exegese, no capítulo 2. É com a imagem de Filho do Homem que Jesus aplica a si “a ideia de Servo sofredor de Deus”.<sup>321</sup> Assim, com “Filho do Homem”, Jesus expõe sua fragilidade humana, bem como sua humildade. Por ser assim, o Messias, que é Filho do Homem, possui “uma função extensiva. A obra messiânica será realidade não somente por Jesus, mas também por seus seguidores” (tradução nossa).<sup>322</sup> Ou seja, a salvação humana, ou a realização da humanidade foi iniciada por Jesus, mas não concluída, assim como o Filho do Homem de Daniel. Seus discípulos (que podem ser vistos ou chamados de *Santos do Altíssimo*) precisam, agora, segui-lo: “o ‘Filho do Homem’ expressa a plenitude humana, a humanidade nova” (tradução nossa).<sup>323</sup> Até mesmo porque, como vimos (cinco vezes Marcos o alude), à entrega e à morte segue a ressurreição.

### 3.2.2.3 Os textos da chegada do Filho do Homem

A ideia de que o Filho do Homem deveria viver como um ser humano entre os seres humanos era completamente nova tanto para os contemporâneos de Jesus quanto para os de

<sup>318</sup> Cf. MATEOS, 1987, p. 502-503.

<sup>319</sup> MORRIS, 2003, p. 123.

<sup>320</sup> LADD, 2003, p. 204.

<sup>321</sup> CULLMANN, 2008, p. 211.

<sup>322</sup> *una función extensiva. La obra mesiánica será realizada no sólo por Jesús, sino también por sus seguidores.* MATEOS, 1987, p. 502. Essa função extensiva pode, ainda, ser aplicada aos discípulos no concernente aos sofrimentos pelos quais deveriam passar (mais uma vez em oposição à teologia com tendência ao triunfalismo).

<sup>323</sup> “*El Hijo del hombre*” expresa la plenitud humana, la humanidad nueva”. MATEOS, 1987, p. 501.

Marcos. Já as predições da vinda gloriosa do Filho do Homem eram familiares para esses grupos, pois Daniel era conhecido no meio judaico.<sup>324</sup> As três vezes em que Jesus fala da vinda do Filho do Homem no evangelho de Marcos estão localizadas em 8,38; 13,26; 14,62. Nesse grupo de textos, as interpretações são as mais diversas. Guthrie, por exemplo, os interpreta como relativos apenas e simplesmente à vinda em glória do Filho do Homem.<sup>325</sup> Já Morris é mais prudente e conclui que “Jesus seria reconhecido no mundo celestial pelo que ele é, mesmo que seja rejeitado por líderes aqui na terra”.<sup>326</sup> Por seu turno, Juan Mateos assume uma postura crítica e que parece ser a mais acertada para o tempo em que Marcos escreve seu evangelho. Para ele, “estes textos não têm caráter apocalíptico” (tradução nossa),<sup>327</sup> pois eles não apontam para o fim da história nem para o juízo final. Aqui estão prenunciadas (1) a destruição de Jerusalém e a da nação judaica, ou seja, a destruição do templo que desintegraria o judaísmo e (2) a queda dos regimes pagãos opressores, a qual culminaria com o reunir os eleitos de Deus. “A chegada anunciada em 8,38 se identifica com a de 13,26; a passagem expõe a necessidade de não ceder à pressão social, mas de manter a adesão à pessoa e à mensagem de Jesus para poder ser contados no número dos ‘seus eleitos’” (tradução nossa).<sup>328</sup> Assim, achamos por bem concluir como este último autor, com a síntese do que seja o Filho do Homem no evangelho de Marcos:

Em sua vida terrena, “o Filho do Homem” exerce a ἐξουσία [autoridade] divina, manifestada a partir do libertar o homem de seu passado de injustiça e comunicarlhe nova vida (2,10) e em ser senhor da Lei (2,28). Em seu estágio pós-terreno não se fala de ἐξουσία, por estar incluída, sem limitação à terra (2,10), na condição divina, mas se insiste na “potência”, que se exerce na comunicação de vida. Vê-se que a condição pós-terrena do Homem se prolonga, exaltando os atributos que já ostentava em sua condição terrena (tradução nossa).<sup>329</sup>

Sem separar as partes de seu todo, a condição pós-terrena do Filho do Homem é alcançada por ele ter feito a vontade de Deus, por ter servido o povo em suas necessidades e sofrimentos, introduzindo-as no reinado de Deus, através da humanização dos desumanizados.

<sup>324</sup> LADD, 2003, p. 205. Sem esquecer ou ignorar que Marcos escreve para comunidades de não-judeus.

<sup>325</sup> GUTHRIE, 2011, p. 280.

<sup>326</sup> MORRIS, 2003, p. 122.

<sup>327</sup> *estos textos no tienen carácter apocalíptico*. MATEOS, 1987, p. 507.

<sup>328</sup> *La llegada anunciada en 8,38 se identifica con la de 13,26; el pasaje expone la necesidad de no ceder a la presión social, sino de mantener la adhesión a la persona y mensaje de Jesús para poder ser contados en el número de “sus elegidos”*. MATEOS, 1987, p. 508.

<sup>329</sup> *En su vida terrena, “el Hijo del hombre” ejerce la ἐξουσία divina, manifestada ente todo en liberar al hombre de su pasado de injusticia comunicarle nueva vida (2,10) y en ser señor de la Ley (2,28). En su estadio posterreno no se habla de la ἐξουσία, por estar incluída, sin limitación a la tierra (2,10), en la condición divina, pero se insiste en la ‘potencia’, que se ejerce en la comunicación de vida. Se ve que la condición posterrena del Hombre prolonga, exaltándolos, los atributos que ya ostentaba en su condición terrena*. MATEOS, 1987, p. 509.

Assim, Jesus iniciou um reinado transcendente (vem do céu), mas não recorre a categorias divinas para realizá-lo. É por meio da humanidade humana que Jesus realiza isso, e Deus reina(rá) quando o mundo for humanizado. De acordo com nossa exegese: “Será necessário pensar as coisas de Deus”, para ser humano humano e Deus reinar.

### 3.2.3 Filho do Homem: a síntese marcana da missão de Jesus

No subitem anterior vimos as três categorias de uso da expressão “Filho do Homem”, no evangelho de Marcos. De tudo o que já falamos até aqui, é justo concluir que Filho do Homem resume o que Marcos quer comunicar a seus leitores acerca de Jesus: “todos os verbos cujo sujeito é o Filho do Homem, são verbos de ação ou paixão. O título nada diz pois, a respeito da identidade de Jesus: trata-se de um nome de função”.<sup>330</sup> Portanto, ao invés de expor, em termos teológicos ou dogmáticos, quem é Jesus, Marcos utiliza verbos para dizer o que ele faz. No entanto, discordando em parte desse autor, afirmamos que, mostrando a ação de Jesus, Marcos desvenda sua identidade, que está ligada sempre a sua prática. Os verbos, por sua vez denotam a humanidade e, sobretudo, a humildade do Filho do Homem, não reproduzindo o conceito daniélico em seu escrito, pois Marcos sabe que “Jesus não queria o Filho do Homem nacional-político de Daniel 7”,<sup>331</sup> que traria um “outro reino”, mesmo que fosse o humano. Como também já vimos, reinado de Deus é muito mais amplo! Isso significaria, conforme sublinhado no primeiro capítulo, romper com as estruturas tirânicas utilizadas pelos reinados deste mundo (no caso do tempo de Jesus, o romano) e pôr Deus na base das relações. De acordo com o conceito de Filho do Homem, não mais colocar a tônica nos governantes como “culpados”. É perceber que “o caráter desumano reside no próprio povo e nos seus indivíduos e não mais em regimes estrangeiros. Não é mais a nação na sua totalidade, mas os seus membros injustiçados e preteridos que desafiam o interesse do Filho do Homem”.<sup>332</sup> Isso implicaria não num “novo Israel”, mas numa *nova humanidade*. Por ser humana, a humanidade seria capaz de Deus, de pensar as Suas coisas (cf. 8,33). Com isso, Jesus inverte aquilo que se poderia esperar do Filho de Deus, já apresentado no início do evangelho de Marcos (1,1): “no apocalipse clássico, o vidente vê, projetado no céu, aquilo que se passa aqui na terra. Jesus projeta aqui na terra, aquilo que se passa no céu”.<sup>333</sup> E isso outra coisa não é senão o reinado de Deus.

<sup>330</sup> DUQUOC, Christian. *Cristologia, ensaio dogmático: o homem Jesus*. São Paulo: Loyola, 1977. v. 1. p. 182.

<sup>331</sup> KELLNER, Wendelin. *O Filho do Homem: a mensagem político-teológica de Jesus*. São Paulo: Paulinas, 1987. p. 56.

<sup>332</sup> KELLNER, 1987, p. 56.

<sup>333</sup> DUQUOC, 1977, v. 1, p. 182.

Mais do que designar o humano (adjetivo da pessoa) ou substituir o “eu” nas autorreferências de Jesus, em Marcos a expressão Filho do Homem ganhou um sentido mais profundo do que o mero uso popular poderia lhe conferir. Quando Marcos a coloca nos lábios de Jesus, quer significar “o ser humano pleno de humanidade” ou “o ser humano humano”. “Designa o Homem a partir de sua origem e condição humana, e complementa a denominação ‘Filho de Deus’, que o designa por sua origem e condição divina” (tradução nossa).<sup>334</sup> Por ser pleno em humanidade, este Homem é escrito “em maiúsculo”.<sup>335</sup> Tem-se, em vista, portanto, “o homem humano, criado à imagem de Deus. (...) Somente a lembrança da fidelidade criadora de Deus ao homem, sua imagem ainda mantém a esperança do ‘reino do homem humano’”.<sup>336</sup> Jesus não apenas assume sua condição humana, mas estende essa condição como possibilidade a todos os seres humanos: eis sua Boa-Nova! Essa possibilidade foi anunciada desde o início do evangelho (1,15): a mudança de mentalidade é assimilar e assumir que há elementos divinos no ser humano, que necessitam ser colocados a serviço e, assim, potencializados. Já nos referimos a esses elementos quando dissemos que o Filho do Homem possui uma função extensiva (que pode ser realizada ou alcançada por todos os seres humanos).

Se o fundamento da denominação é a possessão do Espírito de Deus, deduz-se que a unicidade que a denominação denota não é meramente individual, mas inclusiva, posto que a denominação poderá estender-se a todos os que participam do Espírito e tendam à plenitude. “O Filho do Homem” designa, assim, primariamente, a Jesus, mas, adiante se estende a seus seguidores, enquanto estes, por meio dele (1,8), receberam o Espírito que os constitui “filhos de Deus” (12,25) e, pelo seguimento a Jesus, caminham para a plenitude humana [ou do humano] (tradução nossa).<sup>337</sup>

Assim, sob a imagem de Filho do Homem, Jesus assumiu ser o arquétipo do ser humano humanizado, que, por ser humanizado, é (ou está) salvo! Salvo de quê? Da desumanização que impede o humano ser Homem/Mulher! Nesse sentido, continua Mateos:

<sup>334</sup> *Designa al Hombre a partir de su origen y condición humana, y es complementaria de la denominación ‘Hijo de Dios’, que lo designa por su origen y condición divina.* MATEOS, 1987, p. 512.

<sup>335</sup> Daqui por diante, sempre que escrevermos “Homem” estaremos fazendo referência ao Filho do Homem enquanto modelo ou arquétipo de humanidade para os demais seres humanos, independente de gênero. Fazemos esta opção por querer ser fieis ao vocabulário bíblico, que desconhecia as questões atuais de gênero na linguagem. Porém, de forma alguma, ao fazer esta opção, queremos ou pretendemos excluir o gênero feminino da reflexão.

<sup>336</sup> MOLTSMANN, 2009, p. 40.

<sup>337</sup> *Si el fundamento de la denominación es la posesión del Espíritu de Dios, se deduce que la unicidad denotada por la determinación no es meramente individual, sino inclusiva, puesto que la denominación podrá extenderse a todos los que participen del Espíritu y tiendan a la plenitud. ‘El Hijo del hombre’ designa así primariamente a Jesús, pero, además, se extiende a sus seguidores, en cuanto éstos, por su medio (1,8), han recibido el Espíritu que los constitui ‘hijos de Dios’ (12,25) y, por el seguimiento de Jesús, caminan hacia la plenitud humana.* MATEOS, 1987, p. 512.

A expressão “o Filho do Homem” designa assim a nova humanidade, dotada do Espírito de Deus, cujo protótipo e fundador é Jesus (1,8: “Ele vos batizará com o Espírito santo”). A nova humanidade constitui o reino de Deus, enquanto sobre ela exerce o seu reinado (o Espírito). Há, pois, a correlação entre o “reinado de Deus”, ou atividade de Deus/do Pai na terra (dar/comunicar o Espírito) e “o Filho do Homem”, humanidade nova sobre a qual se exerce o reinado (tradução nossa).<sup>338</sup>

Assim, Filho do Homem sintetiza no evangelho de Marcos aquilo que poderia ser dito acerca da missão e identidade de Jesus. Dizemos que sintetiza, porque até mesmo o messias é abarcado por esta expressão, não usada por Jesus, para evitar mal-entendidos num contexto social em que o messias político ou nacionalista era esperado pela maioria. “A figura do Filho do Homem ‘abrange’ o messianismo davídico e não está colocado ao lado dele”.<sup>339</sup> Por um lado, o messias significa a realização de uma esperança nacional; por outro, o Filho do Homem tem o caráter universal que Jesus quis dar ao reinado de Deus (mesmo que este reinado tenha começado em Israel). Também o Servo de Javé, o qual não tematizamos aqui está incluso no Filho do Homem, pois para falar do sofrimento, da rejeição e da morte, é por meio deste que Jesus o faz. O essencial, no entanto, na teologia marcana é que Jesus, sendo Homem, tem por missão (e esta missão salva o ser humano) tornar a vida mais humana e o Reino de Deus se torne o Reinado do Homem (primeiramente dele mesmo enquanto Filho do Homem, mas depois de todos “os santos do Altíssimo” por seguirem o seu protótipo e serem humanos humanizados).

Também Pikasa associa à missão de Jesus a criação do homem humano, ou, em suas palavras, da “nova humanidade”, que segue o Mestre, que lhe é modelo de humanidade:

Filho do Homem é aqui o “homem novo”, a nova humanidade messiânica, que Marcos descobriu no caminho de Jesus. Ao pôr-se a si mesmo como exemplo, o Jesus de Marcos não quis oferecer, nem ofereceu, uma teoria genérica sobre o seguimento, dizendo a Pedro e a André e a Tiago e a João o que deviam fazer, quando os chamou para acompanhá-lo como pescadores de homens (1,16-20). Não lhes ofereceu umas ideias, mas lhes abriu um caminho, para que seus seguidores partilhem com ele as tarefas do Reino. De acordo com isso, discípulo é quem segue a sorte de Jesus, partilhando seu mesmo destino (tradução nossa).<sup>340</sup>

<sup>338</sup> *La expresión “el Hijo del hombre” designa así a la nueva humanidad, dotada del Espíritu de Dios, cuyo prototipo y fundador es Jesús (1,8: “Él os bautizará con Espíritu santo”). La nueva humanidad constituye el reino de Dios, en cuanto sobre ella se ejerce su reinado (el Espíritu). Se tiene, pues, la correlación entre “el reinado de Dios”, o actividad de Dios/del Padre en la tierra (dar vida/comunicar el Espíritu), y “el Hijo del hombre”, humanidad nueva sobre la que se ejerce el reinado.* MATEOS, 1987, p. 512.

<sup>339</sup> MOLTSMANN, 2009, p. 41.

<sup>340</sup> *Hijo del Hombre es aquí el “hombre nuevo”, la nueva humanidad mesiánica, que Marcos ha descubierto en el camino de Jesús. Al ponerse a sí mismo como ejemplo, el Jesús de Marcos no ha querido ofrecer ni ha ofrecido una teoría general sobre el seguimiento, diciendo a Roca-Andrés y a Jacob-Juan lo que debían hacer, cuando los llamó para acompañarlo como pescadores de hombres (1,16-20). No les ha ofrecido unas ideas, sino que les ha abierto un camino, haciéndose él mismo camino, para que sus seguidores compartan con él las tareas del Reino. Según eso, discípulo es quien sigue la suerte de Jesús, compartiendo su mismo destino.* PIKASA, 2012, p. 759.

E aqui atrevemo-nos a dizer mais: a entrega de Jesus, que é voluntária, é a última imagem com que Jesus ensina a seus discípulos sobre o que é dar a vida pelo Reino. Ou seja, seu ensinamento nada tem de teórico! E ser (tornar-se) humano como Jesus significa não reter nada para si mesmo, nem mesmo a própria vida. Ao longo deste item vimos, pois, como a expressão Filho do Homem sintetiza quem foi Jesus, não a partir de conceitos, mas retomando sua prática (com verbos de ação e de paixão), a partir da ideia original de Daniel. Por se tratar de uma expressão extensiva, inclui todos os/as discípulos/as de Jesus e torna possível que cada um/a se torne tão humano/a quanto ele, uma vez possuído/a pelo Espírito Santo. Tornar-se humano como Jesus é sair de uma situação e mentalidade desumanas, é fazer com que a vida seja vivida para os outros e não para si mesmo. Mas como perder ou dar a própria vida significa salvar-se? No próximo item de nosso trabalho, chegaremos ao ponto que desde o início pretendíamos de chegar, o de responder: “Em que consiste a salvação trazida por Jesus a partir dos anúncios da paixão no evangelho de Marcos?”.

### **3.3 O humano humanizado: o Filho do Homem, protótipo do ser humano salvo**

Conforme acabamos de analisar, nos três anúncios da paixão em Marcos, não há indícios de Jesus assumir o pecado da humanidade em termos de sacrifício vicário. A imagem de Filho do Homem define Jesus e apresenta um significado salvífico: ele é protótipo para uma humanidade humana. Isso é atingível por todas as pessoas que entrarem na dinâmica do Reinado de Deus. Neste item, pretendemos ser mais diretos e claros no que podemos entender por salvação no evangelho de Marcos, especificamente nos três anúncios da paixão (3.3.1). Uma vez entendido o significado da salvação, veremos, ainda haver uma relação num duplo sentido: por um lado, é seguir um modelo de humanidade: Jesus, que acredita no ser humano (3.3.2); por outro, Jesus desperta fé nele mesmo, e Deus age e transforma o ser humano que n’Ele crê e se entrega sem reservas ao Seu plano, plenificando sua humanidade (3.3.3).

#### **3.3.1 A salvação trazida pelo Filho do Homem: Dar a vida é humanizar-se**

Tendo por base as descobertas feitas ao longo deste capítulo, mas sem relegar ao segundo plano o primeiro anúncio da paixão no evangelho de Marcos, devemos levantar novamente a pergunta pelo significado da entrega livre de Jesus. O que Jesus pretendia significar em termos salvíficos com sua morte iminente, assumida livremente, considerando que o sacrifício vicário dificilmente está presente em Marcos? Ou: considerando a teologia

marcana, o que podemos dizer que seja a salvação a partir dos anúncios da paixão? Dois de nossos autores consideram a questão soteriológica no evangelho de Marcos: Calle e Schnelle, os quais nos ajudarão neste intento.

Primeiramente temos que considerar que “a salvação não consiste em que Jesus hoje cure as doenças e dê o pão de cada dia; não se trata de assegurar a vida física contra todo risco de dor e fome”.<sup>341</sup> Olhar para um Jesus capaz de realizar milagres e tirar o sofrimento da vida das pessoas não deve nos levar a uma identificação do reinado de Deus com o bem-estar ou um suprimento de necessidades materiais. Pelo contrário: no primeiro anúncio da paixão, o Filho do Homem assume o sofrimento como consequência de sua missão. Assim, salvação não é ausência de sofrimento. “Tampouco se trata de assegurar a nossa fraqueza mental contra o erro ou a psicose”.<sup>342</sup> Com isso queremos aludir que as expulsões de demônios, por exemplo, não significam que todas as pessoas terão autonomia perante suas impotências, embora isso possa sinalizar como é o reinado de Deus. Vimos no capítulo anterior que o Filho do Homem foi rejeitado moralmente, (psicologicamente o fato traz prejuízos à pessoa). A salvação não é também a saúde mental. “Não é, a nível social agora, uma comandita de bons amigos, unidos por laços de parentesco, afinidade e interesse”, ou ainda, a igreja.<sup>343</sup> Ou seja, a salvação não é a organização social de um modo diferente do vivido por aqueles que poderíamos criticar.

Calle faz ainda uma distinção em dois níveis de salvação que Jesus trouxe à humanidade: o individual e o coletivo. Aqui não faremos essa distinção por não encontrar tamanha pretensão no evangelho de Marcos. A salvação é dada individualmente a cada pessoa que a aceita, embora esses indivíduos não sejam isolados, mas pertençam a uma comunidade concreta de outros/as iguais a ele/a (igreja/sociedade). Jesus também quis uma comunidade de discípulos/as, para ajudá-los a entrarem na dinâmica do reinado de Deus e contar com eles em prol do reinado de Deus. No entanto, para a salvação seria necessária uma resposta de cada um/a. Mesmo sendo uma superação do reino dos romanos, seria necessário que cada pessoa se engajasse na causa do reinado de Deus, ou seja, seria uma resposta pessoal.

Na linha de reflexão do segundo evangelho canônico, especialmente a contida no primeiro anúncio da paixão, há um sentido salvífico para a vida e a missão de Jesus. Já vimos não se tratar do tradicional sacrifício vicário de Cristo. Schnelle aponta como partida para a soteriologia

---

<sup>341</sup> CALLE, 1984, p. 133.

<sup>342</sup> CALLE, 1984, p. 133.

<sup>343</sup> CALLE, 1984, p. 133.

a vontade salvífica divina que abraça todo o destino de Jesus e que encontra seu auge no *ôêi* (“é preciso”) dos anúncios da Paixão (cf. Mc 8,31): Jesus segue o projeto salvífico de Deus em livre e espontânea sintonia, renuncia a um autossalvamento (cf. Mc 15,29-32) e se submete dessa maneira ao querer divino.<sup>344</sup>

Ou seja, tudo aquilo que já analisamos no capítulo anterior deve aqui ser retomado e utilizado para nossa conclusão acerca da salvação no evangelho de Marcos. O texto de 8,31-33 é fundamental. Isso porque, já frisamos, a morte de Jesus foi aceita livremente. Foi um confiar contínuo no plano amoroso de seu Deus e Pai. Se Deus não livrou Jesus magicamente da morte, não o deixou entregue a ela. Por mais que se viva entregue ao projeto de amor de Deus, aqui denominado Reinado de Deus, por mais humano (no sentido de ser humanizado) que se seja, a salvação é dada por Deus e Ele age quando e como quer (cf. 10,26s):

A comunidade deve aprender a entender tanto a vida e a morte do Filho de Deus e Filho do Homem (cf. Mc 14,61s) como a realidade da ressurreição como o evento decisivo do domínio de Deus. Nesse contexto pressupõe-se como evidente a ressurreição individual dentre os mortos como nova criação e demonstração do poder do Deus vivo (Mc 12,18-27).<sup>345</sup>

Assim, quando Jesus se entrega livremente está aceitando as últimas consequências do domínio ou do reinado de Deus em sua vida. Ele está fazendo o que Marcos diz que afirmou: “Seja feito não o que eu quero, porém o que tu queres” (14,36c). Assim, “o Reino vale mais para ele que qualquer outra coisa. E Jesus paga esse preço”.<sup>346</sup> Entrar nesta dinâmica salva qualquer pessoa de outras dinâmicas mundanas e desumanas, que tiram o ser humano de si mesmo, fazendo-o ser qualquer coisa, menos gente. Portanto, a salvação reveste-se deste aspecto, não de anulação de si mesmo, mas priorizar o que realmente importa: Deus!

O Evangelho de Marcos narra como a dádiva divina da *basileia* se volta aos seres humanos que estão sob o domínio de Satanás (Mc 1,13; 4,15), dos demônios e de doenças. Tanto na vida como na morte, ele intercede “pelos muitos”, de modo que a pró-existência de Jesus pode ser entendida como *categoria-chave soteriológica* do Evangelho mais antigo.<sup>347</sup>

Esta categoria, a da *pró-existência*, introduzida por Schnelle, está em coerência com o que expusemos ao longo de nossa pesquisa.<sup>348</sup> A vida de Jesus esteve todo o tempo em função das pessoas, nunca em favor de si mesmo. Entregar-se nas mãos de Deus, após ter

<sup>344</sup> SCHNELLE, 2010, p. 543.

<sup>345</sup> SCHNELLE, 2010, p. 543.

<sup>346</sup> SEGUNDO, 1997, p. 300.

<sup>347</sup> SCHNELLE, 2010, p. 544.

<sup>348</sup> Também o ensinamento decorrente do primeiro anúncio da paixão, o qual não chegamos a analisar ou a nos referir, legítima esta leitura: a da pró-existência como proposta de salvação no segundo evangelho: “Pois quem quiser salvar sua vida a perderá; mas quem perder sua vida por causa de mim e do Evangelho, a salvará” (8,35).

entregue toda a sua vida aos seres humanos era a atitude que estaria em consonância com tudo aquilo em que Jesus acreditava. Juan Luis Segundo lança uma pergunta, que tem nesta reflexão amplo sentido: “seria um exercício profundamente humano – que o cristianismo raras vezes pratica – perguntar-se que sentido teriam essa vida e essa morte, se a ressurreição não tivesse acontecido”.<sup>349</sup> A categoria da *pró-existência* ajuda a perceber que caso Jesus não tivesse ressuscitado, viver a vida em prol dos outros, fazer o bem, “não ter tempo nem para comer” (cf. 3,20; 6,31b) realiza e salva a pessoa enquanto ser humano. Trata-se de viver a vida de uma maneira que em si mesma tenha sentido, e este sentido reside no senhorio de Deus.

A salvação cristã máxima está na morte do homem que sabe morrer pelas mesmas razões que morreu Jesus. Um paradoxo humano, mas uma realidade divina. E acontece que, ao lado da própria morte, começa a máxima dimensão cristã, o ter a vida eterna. Não é que se dê esta vida eterna *a partir da morte*, mas sim que, apesar dela, o homem continuará vivendo.<sup>350</sup>

Conforme já assinalamos no primeiro capítulo, ao expor a estrutura literária do evangelho de Marcos, o texto original do redator termina em 16,1-8. No túmulo vazio um jovem manda as mulheres que foram até lá voltarem à Galileia: lá veriam o Ressuscitado! Trata-se não apenas de aparições do Ressuscitado que acontecerão lá (na verdade o texto marcano não relata uma sequer!), mas, sim de recomeçar a prática de Jesus. À medida que os discípulos praticarem o que Jesus ensinou, ele continuará vivo e Deus reinando! Lembremos também a função extensiva do Filho do Homem, a qual permite a todos os seres humanos serem como Jesus: autenticamente humanos por agirem como Jesus. E sendo humanos humanos, além de serem ressuscitados por Deus, continuarão vivos (ressuscitados) na prática dos/as que vierem depois de si. Para ser discípulo/a de Jesus se requer “a disposição em dar a vida para o bem dos homens, segundo o próprio Filho do Homem, mas sabendo que a perda da vida física não é um fracasso, pois a vida não acaba com a morte (μετὰ τρεῖς ἡμέρας ἀναστῆναι)” (tradução nossa).<sup>351</sup>

Assim, a salvação inicia na terra, numa vida bem vivida. Deus criou o ser humano para ser feliz, aqui. Cada um/a será feliz, realizado/a, salvo/a quando for Homem/Mulher. A salvação não consiste em guardar ou preservar a vida, mas em dá-la. Pois quem der a sua vida estará permitindo com que Deus reine nela. Onde Deus não reina, a salvação não acontece.

<sup>349</sup> SEGUNDO, 1997, p. 297.

<sup>350</sup> CALLE, 1984, p. 135.

<sup>351</sup> *la disposición a dar la vida por el bien de los hombres, según el destino propio del Hijo del hombre, pero sabiendo que la pérdida de la vida no es un fracaso, pues la vida no acaba con la muerte (μετὰ τρεῖς ἡμέρας ἀναστῆναι)*. MATEOS, 1987, p. 526.

Por exemplo, no primeiro capítulo vimos que Deus não reina no modo de ser do Império dos romanos, nem reina nas filosofias do tempo de Jesus, pois, para ambos, o modo humano de reger as relações fala mais alto que Deus. O segundo capítulo, ao resgatar o primeiro anúncio da paixão, mostra que os líderes do judaísmo matariam Jesus. Em outras palavras, Deus não reinava numa religião que não trazia vida para as pessoas. Nesse ambiente como um todo, Jesus, por meio de sua prática nova, trouxe a salvação para todos, mas aos que não permitiam que Deus reinasse, a salvação, a Boa-Nova do Reino, não se concretizou. Jesus, por pensar as coisas de Deus, pôde ser visto como o Filho de Deus (cf. 1,1; 15,39) justamente por ser autenticamente humano. Temos aqui um messianismo de dimensões humanas, e Jesus encarna não uma expectativa, mas uma *Boa-Notícia* que supera tudo o que se esperava, tornando acessível a salvação a todos. Ou seja, a salvação se torna realidade para as pessoas na ambiguidade que a expressão tem: a salvação é *pela* humanidade. Primeiro, será salvo quem for humano (adjetivo). Assim, a humanidade de Jesus é modelo para quem quiser se tornar como ele (é através de humanidade de Jesus que o homem/mulher será Homem/Mulher). Depois, para colocar isso em prática, é necessário crer no que Jesus ensinou: é a fé antropológica nele, e, ainda, no Pai! Esses dois aspectos da salvação serão aprofundados nos dois subitens que seguem, os quais encerrarão nossa pesquisa.

### 3.3.2 A salvação através da humanidade humana: A esperança de Jesus no ser humano

Em nossa pesquisa, quisemos compreender a salvação trazida por Jesus, o *Filho do Homem*, tal qual Marcos quis significar, nos anúncios da paixão, para as comunidades às quais escreveu. Excluída, nesse contexto, a possibilidade de sacrifício vicário (ou morte expiatória) de Jesus nos três anúncios da paixão, vimos ser “Filho do Homem” a expressão que melhor define não apenas a identidade, mas o ser de Jesus (sua vida e missão ou prática), o qual apontou para a vivência da humanidade como expressão do reinado de Deus e, também, de salvação. Ou, dito de outro modo: “Se uma pessoa adquire sua identidade daquilo com que ela se identifica, então pode-se dizer que a identidade de Jesus é a humanidade, o homem como homem, ou o filho do homem”.<sup>352</sup>

Se Jesus salva, a possibilidade real para que esta salvação se concretize se torna concreta em sua humanidade. A expressão de que a salvação acontece ou se realiza *pela* humanidade possui uma dupla faceta. A salvação pela humanidade acontecerá, portanto, à medida em que o/a homem/mulher se identificar com a humanidade: 1) própria a si mesmo/a,

---

<sup>352</sup> NOLAN, 2010, p. 175.

tendo Jesus por modelo e; 2) através da humanidade de Jesus, que suscita fé nele, a partir de outro modo de (pró)existir ou ser no mundo. Neste subitem nos deteremos no primeiro ponto e, no próximo, na fé que Jesus reivindica de seus discípulos/as. Evidente que ambos os aspectos se complementam e poderiam ser abordados conjuntamente, sem maiores problemas, exceto o didático.

Vimos no capítulo anterior, ao fazer a exegese do primeiro anúncio da paixão no evangelho de Marcos, que Jesus assumiu com liberdade sua morte. No segundo anúncio da paixão, ficou evidente que ela foi *entrega*. Ora, se o evangelho não considera a morte de Jesus como expiação pelos pecados da humanidade, por que dar tanta importância à morte de Jesus? A teologia elaborou, ao longo do tempo, as mais diversas respostas a esta questão. Aqui retomamos, talvez, a mais simples de todas: tudo em Jesus foi entrega. Dar a vida pelo Reinado de Deus, servir às pessoas, salva! A categoria da *pró-existência*, destacada anteriormente, no-lo revela isto! Jesus deu a vida não apenas no supremo ato de ir até o fim em sua doação pelo Reinado de Deus, mas a deu em cada instante vivido. E toda a sua vida ganhou sentido a partir do modo como ele morreu. Juan Luis Segundo pergunta: “Terão, assim, essa vida e essa morte um ‘sentido’ exemplar que possa tornar Jesus uma testemunha referencial de como viver, diante da morte, uma aposta digna de suscitar, por sua vez, nossa fé (antropológica)?”.<sup>353</sup> Nossa pesquisa aponta para uma única possibilidade de resposta à questão do teólogo e ela é sim! E temos, ainda que desdobrar nossa resposta, pois a pergunta de Segundo tem entrelinhas que nos ajudarão a ampliar o alcance da vida e morte do Filho do Homem.

Primeiro, a vida e a morte de Jesus têm conteúdo exemplar que servem como modelo a qualquer ser humano, em qualquer tempo. Jesus é modelo de humanidade, por possuir o Espírito de Deus. Não se trata, no entanto, de uma humanidade divina ou divinizada, que um cristianismo desencarnado ou descomprometido com a realidade social poderia supor. “Jesus foi aquela criatura que Deus quis e criou assim, que pudesse existir totalmente em Deus de tal forma que quanto mais fosse unida a Deus, mais se tornasse ela mesma, isto é: homem”.<sup>354</sup> Por isso, todo o/a homem/mulher, verdadeiramente humano, ou seja, humanizado por essência, é alguém salvo. E é salvo por pró-existir, isto é, na relação com os demais. “Seu viver verdadeiro é viver-com”.<sup>355</sup> Em segundo lugar, Jesus conseguiu suscitar nos tempos que sucederam sua vida a fé nele. Mas antes de fazer com que muitas pessoas acreditassem nele,

---

<sup>353</sup> SEGUNDO, 1997, p. 298.

<sup>354</sup> BOFF, 2012a, p. 206.

<sup>355</sup> BOFF, 2012a, p. 206.

ele acreditou e apostou no ser humano! Ou seja, Jesus assumiu até as últimas consequências seu amor pelo Reino, que é visualizado no amor ou doação pelas pessoas. Ao dar a vida, portanto, aposta que o ser humano será capaz de se humanizar, de ser como ele: humano. Retomando, por exemplo, a seção do ensinamento de Jesus aos discípulos no evangelho de Marcos (8,21 – 10,52), quantas vezes Jesus ensinou, perguntou para esclarecer, falou mais de uma vez a mesma coisa para ser compreendido! Quase perdeu a paciência (9,19), é verdade, mas sempre retomou o caminho.<sup>356</sup>

A paciência e a constância de Jesus manifestam um amor que não desfalece ante a mesquinhez humana, porque crê sempre nas possibilidades do homem, por mais enterradas que estejam sob a imaturidade, os prejuízos culturais, os ideais nacionalistas e as ambições pessoais (tradução nossa).<sup>357</sup>

Foram essas as possibilidades de o ser humano se tornar verdadeiramente humano que moveram Jesus. Ele deu a vida pelas pessoas, para que pusessem na base de suas relações e do próprio mundo Deus, seu Pai. Essa aposta ou crença no ser humano é visível na entrega da vida de Jesus (que atingiu seu ápice na morte).

Toda a vida de Cristo foi um dar-se, um ser-para-os-outros, a tentativa e a realização, em sua existência, da superação de todos os conflitos. Vivendo o originário do homem assim como Deus o quis, quando o fez à sua imagem e semelhança, julgando e falando sempre a partir dele, revelou uma vida de extraordinária autenticidade e originalidade. Com sua pregação do Reino de Deus, quis dar um sentido derradeiro e absoluto à totalidade da realidade. Em nome desse Reino de Deus, viveu seu ser-para-os-outros até o fim, mesmo quando a experiência da morte (ausência) de Deus se fez, na cruz, sensível até às raias do desespero.<sup>358</sup>

Para chegar a tal experiência de alteridade, o ser humano precisará superar sua lógica (ou mentalidade) egoísta e interesseira. Isso porque o modo de pensar dos reinos humanos e também a forma de a religião ser, que se torna mais um elemento cultural do que propriamente revelação divina, podem impedir que se assuma a Boa-Nova trazida por Jesus. Na exegese, no capítulo anterior, vimos que Pedro ainda esperava um messias nos moldes nacionalistas e não pensava num reino universal; queria um messias triunfante, que não passasse pelo sofrimento, rejeição e morte. Em 8,33, já destacamos, está o verbo φρονεῖς, que “deve ser compreendido no sentido de assumir um compromisso ou de defender uma

<sup>356</sup> Talvez tudo isso possa ser redacional; do evangelista, portanto. Mas não seria esta a forma que ele encontrou para mostrar que Jesus nunca desistiu do ser humano?

<sup>357</sup> *La paciencia y constancia de Jesús manifiestan un amor que no desfallece ante la mezquindad humana, porque cree siempre en las posibilidades del hombre, por muy enterradas que estén bajo la inmadurez, los prejuicios, los ideales nacionalistas y las ambiciones personales.* MATEOS; CAMACHO, 1990, p. 167-168.

<sup>358</sup> BOFF, 2012a, p. 120.

convicção”.<sup>359</sup> Ou seja, pensar as coisas de Deus significa não ficar apenas no pensamento, mas assumir uma nova postura ou compromisso. Jesus viveu isso em radicalidade no concernente ao Reino de Deus. “Do modo de ser de Jesus como ser-para-os-outros, aprendemos qual é o verdadeiro ser e existir do homem”.<sup>360</sup> E era isso que Jesus esperava dos discípulos e dos seres humanos de todos os tempos: a paixão pelo Reino. Somente ela, vivida como plenitude de humanidade, seria capaz de salvar, isto é, de tirar de todas as situações desumanas nas quais as pessoas estão imersas.

Ele está disposto a tudo pelo Reino de Deus, e quer ver no grupo de seus seguidores a mesma paixão. Há frases que dizem tudo: “Quem quiser salvar sua vida perdê-la-á; mas quem perder sua vida por mim e pelo evangelho, salvá-la-á” (Mc 8,35). Com esta afirmação paradoxal, na qual subjaz talvez um pensamento sapiencial conhecido, Jesus está convidando seus discípulos a viver como ele: agarrar-se cegamente à própria vida pode levar a perdê-la; arriscá-la de maneira generosa e valente pode levar a salvá-la. É assim. Um discípulo que se aferrar à sua vida, por causa da segurança, das metas e das expectativas que sem dúvida lhe oferece, pode perder o maior bem de todos: a vida dentro do projeto de Deus. Um discípulo que arrisca tudo e perde de fato a vida que leva até agora, encontrará vida entrando no Reino de Deus.<sup>361</sup>

Dar a vida ou perder a vida deve ser, mais uma vez o repetimos, entendida no sentido da pró-existência, do ser-para-os-outros. Senão seria apenas um suicídio que não atingiria nada a não ser a própria perdição da pessoa que o faz. Amar as pessoas apaixonadamente como Jesus fazia,<sup>362</sup> humanizará àquele que o faz e, ao mesmo tempo, o mundo inteiro. Quando isso acontecer, a salvação (e/ou o Reino) chegou! Apesar da maldade humana e especialmente por acreditar no ser humano, Jesus foi até as últimas consequências e crê profundamente que a espiral da maldade será quebrada pelo Reinado de Deus. Jesus vê o presente como início de um tempo novo (no qual já está irrompendo o Reinado de Deus) e o futuro com esperança (assume com a morte as consequências disso), uma vez que ao passado já havia chamado à conversão (cf. 1,15).

Mas esta relativização do passado e do presente, e esta abertura ao futuro exigem uma ilimitada fé nas possibilidades do homem. Este é quiçá o ponto mais difícil, a fé mais árdua para o cristão. O contato diário com a mediocridade, mesquinhez e ambição própria e alheia; com o temor ao risco e a busca pela segurança; com o materialismo, que põe a própria subsistência e comodidade acima dos ideais de justiça; com a renúncia à responsabilidade pessoal, abdicando à liberdade em favor de alguém que solucione os problemas; com a não-solidariedade, cria tentações

<sup>359</sup> MYERS, Ched. *O evangelho de Marcos*. São Paulo: Paulinas, 1992. p. 298.

<sup>360</sup> BOFF, 2012a, p. 205.

<sup>361</sup> PAGOLA, 2010, p. 340.

<sup>362</sup> Cf. PAGOLA, 2010, p. 345.

permanentes capazes de desencorajar [desanimar] e fazer renunciar ao trabalho de mudar (tradução nossa).<sup>363</sup>

Não somente no tempo de Jesus, mas atualmente reina a descrença no ser humano. Hoje, as instituições, feitas por humanos, parecem estar esvaziadas de valores do Reino (ou melhor: humanos). E isso sem querer entender o Reinado de Deus, por meio de valores religiosos. E pensar que Jesus deu a vida por acreditar e apostar no ser humano! Parafrazeando o papa Paulo VI, que afirmou: “a Igreja é perita em humanidade”,<sup>364</sup> resgatando o humano da humanidade, dizemos: “*a humanidade deve ser perita em ser humana*”. Para isso Jesus é modelo de humanidade, acreditou nela. No entanto, Jesus não é apenas um modelo a ser seguido. Ele suscita fé nele, pois para segui-lo é necessário acreditar nele e no caminho proposto por ele. Propomo-nos a analisar a seguir as consequências disso.

### 3.3.3 A salvação através da humanidade de Jesus: A esperança do ser humano em Deus

“Nos evangelhos, a salvação se identifica com a vida que supera a morte, fracasso existencial do homem” (tradução nossa).<sup>365</sup> Já afirmamos por diversas vezes que a morte de Jesus significou, em termos existenciais, levar ao extremo sua missão de ser Homem, que traz do céu (da transcendência, portanto) o Reinado de Deus (cf. o livro de Daniel). Sua ressurreição é o ponto máximo da revelação, feita por Jesus. O ser humano, chegado a este ponto, nada mais poderia temer! Mas será que Marcos estaria pensando apenas na vida após a morte quando se referia à vida e missão do Filho do Homem?<sup>366</sup> “De fato, a missão de Jesus inclui como objetivo primário que o homem tenha ‘vida antes da morte’. O Deus-amor não se conforma com que o homem alcance a felicidade ultraterrena. A plenitude humana a que ele

<sup>363</sup> *Pero esta relativización del pasado y del presente, y esta apertura al futuro exigen una limitada fe en las posibilidades del hombre. Este es quizá el punto más difícil, la fe más ardua para el cristiano. El contacto diario con la mediocridad, mezquindad y ambición propia y ajena; con el temor al riesgo y la búsqueda de la seguridad; con el materialismo, que pone la propia subsistencia y comodidad por encima de los ideales de justicia; con la renuncia a la responsabilidad personal, abdicando la libertad en favor de alguien que solucione los problemas; con la insolidaridad, crea tentaciones permanentes capaces de descorazonar y hacer renunciar a la labor de cambio.* MATEOS; CAMACHO, 1990, p. 166.

<sup>364</sup> PAULO VI. *Populorum progressio*. Roma: 26 de março de 1967. Disponível em: <[http://w2.vatican.va/content/paul-vi/pt/encyclicals/documents/hf\\_p-vi\\_enc\\_26031967\\_populorum.html](http://w2.vatican.va/content/paul-vi/pt/encyclicals/documents/hf_p-vi_enc_26031967_populorum.html)>. Acesso em: 02 jun 2016. Aqui a expressão é “conhecedora da humanidade”. Mas muitas outras vezes foi citada como sendo “perita em humanidade”.

<sup>365</sup> *En los evangelios, la salvación se identifica con la vida que supera la muerte, fracaso existencial del hombre.* MATEOS; CAMACHO, 1990, p. 126.

<sup>366</sup> De acordo com o que já dissemos no início deste item, voltar para a Galileia significa dar continuidade àquilo que Jesus iniciou por meio de sua prática. Não negamos aqui a realidade da ressurreição, mas apontamos que a ressurreição escatológica não está em primeiro plano no referente à salvação trazida pelo Filho do Homem nos anúncios da paixão. Novamente destacamos que, no primeiro anúncio da paixão, a ressurreição significava a esperança de um judeu de que Deus agiria logo (como agiu).

chama deve começar já neste mundo” (tradução nossa).<sup>367</sup> Nesse sentido, alguém poderia objetar nossa afirmação de que a salvação acontece através da humanidade de Jesus, perguntando em que sentido isto é verdadeiro? Para responder a essa pergunta daremos dois passos: 1) o modo de viver de Jesus, ensinado e vivido por ele, suscita fé nele, e; 2) crendo em Jesus, muda também nossa crença em Deus, o qual age e transforma o ser humano.

1) Para viver seguindo o modelo de Jesus e não outro, será necessário que se dê créditos a ele, ou seja, que se tenha fé nele. Caso contrário, não será possível seguir sua palavra e exemplo. Evidentemente que, para dar-lhe uma adesão livre, como os discípulos (cf. 1,16-20, por exemplo) um conflito de modos de pensar e de viver se trava. Lembremos, como exemplo, o cenário analisado por nossa exegese no capítulo anterior.

Existe uma oposição entre “o Homem” e “os homens”, baseada em uma oposição de axiologias. “O Homem” professa a axiologia de Deus (8,33), aquele que usa sua “autoridade” para apagar o passado que oprime a humanidade e comunicar-lhe vida (2,10). “Os homens” professam a axiologia (satânica, cf. 8,33) do exclusivismo e do poder e equivalem “aos pecadores” (9,31; 14,41), isto é, aos que praticam a injustiça (cf. 1,4: “conversão para o perdão dos pecados”) (tradução nossa).<sup>368</sup>

Ao fazer a exegese, vimos que o embate de mentalidades (ou práticas) diferentes é duro! São valores diversos que se chocam e entram em conflito. A esperança e a confiança de Jesus no ser humano são tamanhas, que ele convida Satanás, na pessoa de Pedro, a segui-lo. Assim, crer em Jesus significa assumir um novo modo de pensar, que aceite o destino do Homem e, conseqüentemente, do ser humano. Por isso Pedro não aceitou o anúncio do sofrimento, rejeição, morte e ressurreição (que pode mais ser redacional que histórico): por não querer ele mesmo, tendo Jesus por modelo, ter de passar pelo mesmo caminho. Mas a fé em Jesus significa assumir uma postura diversa daquela que os reinos (des)humanos assumem.

Acreditar em Jesus é acreditar que o bem pode e vai triunfar sobre o mal. Apesar do sistema, apesar da magnitude, da complexidade e da aparente insolubilidade de nossos problemas atuais, o homem pode ser libertado, e no fim será. Todas as formas do mal – o pecado e todas as conseqüências do pecado: doença, sofrimento,

<sup>367</sup> *De hecho, la misión de Jesús incluye como objetivo primario que el hombre tenga ‘vida antes de la muerte’. El Dios-amor no se conforma con que el hombre alcance una felicidad ultraterrena. La plenitud humana a que él llama debe comenzar ya en este mundo.* MATEOS; CAMACHO, 1990, p. 127.

<sup>368</sup> *Existe una oposición entre “el Hombre” y “los hombres”, basada en una oposición de axiologías. “El Hombre” profesa la axiología de Dios (8,33), quien usa su “autoridad” para borrar el pasado que oprime a la humanidad y comunicarle vida (2,10). “Los hombres” profesan la axiología (satánica, cf. 8,33) del exclusivismo y del poder y equivalen a “los pecadores” (cf. 9,31; 14,41), es decir, a los que practican a injusticia (cf. 1,4: “enmienda para el perdón de los pecados”).* MATEOS, 1987, p. 513.

miséria, frustração, medo, opressão e injustiça – podem ser superadas. E o único poder capaz de realizar isso é o poder de uma fé que acredita nisso.<sup>369</sup>

É neste sentido que a salvação trazida por Jesus é oferecida. Isto é, a salvação é uma proposta ao ser humano, que tem a liberdade de aceitá-la ou não. Todas as formas de maldade podem ser vencidas, mas não com o mal. O mal se vence com o bem e isso Jesus provou na cruz! E aqui caminham juntas as duas categorias: a do *exemplo* que é Jesus e a da *salvação* que ele trouxe:

Sem dúvida, a morte de Jesus não é equiparável a de outros mártires da humanidade, e, como elas, não serve de exemplo para o resto dos homens; tem um valor singular, que teologicamente se formula em categorias de “salvação”. Jesus é “mestre”, enquanto é exemplo para os homens, e “salvador”, enquanto produz neles uma mudança que lhes abre a uma nova possibilidade de vida; ambos os aspectos se verificam ao máximo em sua morte. Nela demonstra Jesus seu amor sem limites tanto em intensidade (até dar a vida) como em extensão (por todos os homens, incluídos seus inimigos); assim, reúne em si mesmo a plenitude da condição humana, a qualidade de Filho de Deus (tradução nossa).<sup>370</sup>

Foi vivendo a humanidade de forma radical e autêntica que Jesus tornou possível o acesso do ser humano a Deus. E no caminho de viver autenticamente o humano, que Jesus revelou sua divindade, como afirma Boff numa de suas mais conhecidas afirmações: “humano assim como Jesus só pode ser Deus mesmo!”.<sup>371</sup> Em primeiro lugar queremos compreender a frase no sentido de que sendo humano é que o ser humano poderá ser salvo; em seguida, tamanha humanidade, que se faz divina, é digna de fé. E crer em Jesus significa dar-lhe crédito em tudo o que ensinou e viveu. É segui-lo no ensinamento da entrega de sua vida que, como vimos, no evangelho de Marcos, pautou todo o seu ensinamento aos discípulos. Mas crer em Jesus, além de pautar a vida na dele, é, ainda, reencontrar o poder de Deus e deixar que esse poder transforme a vida e o mundo.

2) Por acreditar em Jesus não apenas os valores humanos irão mudar. Mas também a visão que se tem de Deus não pode permanecer a mesma. Se Jesus terminou sua vida suspenso numa cruz, fracassado, como (ou que sentido faz) acreditar num Deus que “permitiu” tal coisa? Não seria Deus impotente perante o sofrimento de seu Filho? Na verdade, “Jesus aceita a morte como o preço que tem que pagar para fazer crível o amor de

<sup>369</sup> NOLAN, 2010, p. 203.

<sup>370</sup> *Sin embargo, la muerte de Jesús no es equiparable a las de otros mártires de la humanidad ni, como ellas, sirve únicamente de ejemplo para el resto de los hombres; tiene un valor singular, que teológicamente se formula en categorías de “salvación”. Jesús es “maestro”, en cuanto es ejemplo para los hombres, y “salvador”, en cuanto produce en ellos un cambio que les abre una nueva posibilidad de vida; ambos aspectos se verifican al máximo en su muerte. En ella demuestra Jesús su amor sin límites tanto en la intensidad (hasta dar la vida) como en extensión (por todos los hombres, incluídos sus enemigos); así da remate en sí mismo a la plenitud de la condición humana, la calidad de Hijo de Dios.* MATEOS; CAMACHO, 1990, p. 138.

<sup>371</sup> BOFF, 2012a, p. 185-186.

Deus pela humanidade e ser fiel ao seu compromisso; o Pai, por sua vez, a aceita como o supremo gesto de amor de Jesus, que traduz seu próprio amor” (tradução nossa).<sup>372</sup> Assim, nem Jesus, nem o Pai fogem do imperativo de amar a humanidade, para que ela seja capaz de outro modo de encarar a realidade. Não mais medindo as coisas *por* interesse, mas *com* amor. E “se o mal não pode ser erradicado, ele pode ser transformado”,<sup>373</sup> se o ser humano fizer de sua vida uma entrega, como Jesus fez.<sup>374</sup>

Toda a vida de Jesus (e nela inclusa sua morte) e também sua ressurreição diz respeito a esta vida; ao nosso aqui e agora. Afinal, viver como Jesus viveu, sua pró-existência ou ser-para-os-outros, “e morrer como Jesus morreu, por fidelidade a Deus e aos outros seres humanos, é viver, do ponto de vista do olhar de Deus, a verdadeira vida humana”.<sup>375</sup> Significa retomar o δέ de nossa exegese: não há outra maneira de ser salvo, senão esta assumida por Jesus. Somente por esta via, a de praticar a vontade de Deus, que a salvação se concretizará na vida das pessoas. Nasce uma nova humanidade a partir do momento em que o imperativo não é mais o “salvar-se a si mesmo” (cf. 15,30), mas o do abandono em Deus, mesmo que pareça ter sido Deus quem abandonou (cf. 15,34). Mas “enquanto Jesus agonizava, Deus estava com

---

<sup>372</sup> *Jesús acepta la muerte como el precio que tiene que pagar para hacer creíble al amor de Dios por la humanidad y ser fiel a su compromiso; el Padre, a su vez, la acepta como el supremo gesto de amor de Jesús, que traduce su propio amor.* MATEOS; CAMACHO, 1990, p. 137.

<sup>373</sup> LOEWE, William P. *Introdução à cristologia*. São Paulo: Paulus, 2000. p. 217.

<sup>374</sup> Loewe desenvolve de maneira brilhante como morrer por amor recebe a bênção de uma vida nova. Aqui vale a pena transcrever alguns dos passos que o autor destaca no processo. “O pecado leva à morte. Durante o ministério de Jesus, pelas suas parábolas, por suas curas e exorcismos, pela sua companhia, Jesus contradisse as expectativas acerca da vinda do reino de Deus alimentadas pela elite dos seus conterrâneos judeus. Como vimos, ele subverteu um mundo, no qual era óbvio que algumas pessoas merecem usufruir de status e riqueza, com exclusão e às custas de outras. Ao questionar esse mundo, ele provocou a hostilidade daqueles que gozavam dos seus benefícios, e que nesta hostilidade revelaram suas verdadeiras cores. Eles agiram a partir da desumanização atuante na estreiteza e distorção dos mundos que construíam. Agindo a partir da violência embutida nesses mundos, tornaram-se assassinos. O pecado leva à morte, e as pessoas cuja identidade é definida pelo seu status e pela sua riqueza tornam-se violentas ao defender o sistema que as favorece. Portanto, inicialmente a morte de Jesus resulta de mais um avanço do ciclo sempre em expansão pelo qual o pecado leva à morte. As pessoas desumanizadas agem a partir da sua perda da humanidade e revelam o que existe atrás da fachada de status, riqueza e respeitabilidade, infligindo violência a outros. A história da prisão de Jesus coloca-o numa situação extrema em que só há duas opções possíveis. Opção um: fazer o jogo segundo as regras normais. Seja realista. Faça o que é prático. Responda à hostilidade com hostilidade, à violência com violência. Faça o que for necessário para sobreviver. Dê ao processo dinâmico, em expansão, da desumanização e alienação mais um impulso. Opção dois: recusar a deixar-se envolver no jogo nesses termos. Recusar-se a continuar a espiral da hostilidade violência. Pôr um fim a esse processo em expansão, ainda que isso custe a própria vida. (...) Em vez de continuar o processo expansivo do pecado, Jesus curto-circuita-o na sua própria pessoa. Jesus, parece, aceitou morrer por amor àquele que ele chamava Abba e por um amor responsável por todos os seus semelhantes, os seres humanos. Pela sua recusa ativa de entrar no jogo normal, a morte de Jesus foi transformada. Em vez de ser mais um caso da cansativa história de pecado e morte, o seu morrer tornou-se uma afirmação de que algumas coisas são mais importantes que salvar a nossa pele. O seu morrer tornou-se uma declaração de que a fidelidade a Deus e aos outros seres humanos é mais importante que até mesmo a sobrevivência física. O seu morrer tornou-se um ato de amor a Deus que ele chamava Abba e à família que une todos os seres humanos. (...) Este morrer transformado recebe a bênção de uma vida nova. (...) Ressurreição significa que para Jesus o reino veio com plenitude escatológica”. LOEWE, 2000, p. 218-219.

<sup>375</sup> LOEWE, 2000, p. 220.

ele, sustentando-o com seu amor fiel, sofrendo com ele e nele, identificado totalmente com ele, como se pôde ver agora na ressurreição”.<sup>376</sup> No extremo da vida de Jesus (em sua morte), fica estampado que “o mal tem muito poder, mas só até à morte”.<sup>377</sup> Mesmo que acabem com sua vida física, sua prática continua na de seus discípulos. E mesmo que sua morte física ponha fim sua vida, esta não termina com a morte: o Reinado de Deus chega em plenitude para quem for capaz de ir até o fim nesta entrega de vida. O discípulo de Jesus pensa as coisas de Deus, ou seja, ingressa na dinâmica de seu reinado. Ele entende, ainda, que a novidade trazida por Jesus não é para o fim da vida ou em preparação à morte física, mas acontece cada momento da vida, quando Deus reina! “Simultaneamente a este morrer de cada dia, indo após Jesus, dá-se a ressurreição para uma nova ordem de coisas”.<sup>378</sup> Em cada pequena atitude humana e humanizadora, em cada pequena morte diária para “as coisas dos homens”, se renasce e se é ressuscitado para uma nova vida e uma nova humanidade em Deus, o qual “será tudo em todos” (cf. 1Cor 15,28): eis o sonho de Jesus, batizado por ele de *Reinado de Deus*!

Assim, ao longo deste capítulo, descobrimos elementos que nos permitem fazer uma leitura soteriológica nos três anúncios da paixão que, no entanto, não são as tradicionais que poderíamos crer encontrar. Assim, a expressão veterotestamentária *Filho do Homem*, resgatada por Marcos (e que provavelmente foi utilizada pelo próprio Jesus) oferece possibilidades para compreender a missão de Jesus e o modo que ele trouxe para salvar as pessoas de seu e de todos os tempos. Por ser autenticamente humano, Jesus serve de modelo para as pessoas que almejam a salvação. Salvando da mentalidade humana, que desumaniza, Jesus, por sua pró-existência, inaugura um novo modo de ser no mundo, aposta na humanidade das pessoas e serve-lhes de modelo. Deus abençoa este novo modo de viver, por meio da ressurreição. Assim, “a ressurreição é o alcance da plenitude do humano e, nesse sentido, é o cume de nossa plena ‘humanização’”.<sup>379</sup>

---

<sup>376</sup> PAGOLA, 2010, p. 516.

<sup>377</sup> PAGOLA, 2010, p. 515.

<sup>378</sup> CALLE, 1984, p. 98.

<sup>379</sup> CASTILLO, José M. *Jesus: a humanização de Deus: Ensaio de Cristologia*. Petrópolis: Vozes, 2015. p. 507.



## CONCLUSÃO

Demos por título à nossa pesquisa “*A salvação pela humanidade*”, tendo por referência o Jesus de Marcos 8,31-33. Ao longo de todo nosso trabalho ficou no ar, ora em primeiro plano, ora no pano de fundo, a tensão entre salvação e humanidade. Assim, fomos delineando como Jesus tornou acessível a salvação ao humano. Este último termo foi tratado como substantivo, em alguns casos; noutros, como adjetivo do próprio humano. Isso porque o ser humano nem sempre é humano. Por isso, chegando ao fim de nossa pesquisa, convém destacar o que entendemos por humano e desumano, a fim de poder aplicar não apenas às pessoas do tempo de Jesus ou de Marcos, mas também às do tempo presente, o alcance da prática soteriológica narrada pelo primeiro evangelho escrito.

Começamos destacando a relação entre os reinos humanos e a desumanização. Os romanos construíam e ampliavam seu reino tendo como base: poder, glória, força e violência. Para manter tudo isso, quem “pagava a conta” eram os camponeses e pobres, os habitantes das pequenas cidades através de altos impostos, taxas e tributos. Assim, o reino dos romanos trazia vida para uns poucos (aqueles que governavam) à custa de sacrifício e morte para a grande maioria. Também localmente, na Palestina, o judaísmo, de oprimido que era pelos romanos, pensava em se tornar opressor como eles para superar tal forma de governo. Mudaria quem governa, sem mudar o modo de governar. Esse era (e é) o problema, o qual não está nas estruturas, mas na *mentalidade*. No primeiro anúncio da paixão foram nomeados os que seriam responsáveis pela morte de Jesus: anciãos, sumos sacerdotes e escribas, ou seja, os dirigentes do judaísmo. Dois modos diferentes de pensar se contrapuseram: o de Jesus e o de uma religião que prezava pelo nacionalismo. O modo de pensar (des)humano colocava-se contra Jesus e, “humanamente”, venceria, pois Jesus terminaria fracassado ao morrer na cruz.

Não devemos pensar que esta mentalidade *reina* tão-somente no pensamento dos grandes e dos que governam ou exercem poder. As comunidades às quais Marcos escreveu sofriam a tentação de uma mentalidade triunfalista. Isso consistiria em negar a possibilidade de sair “perdedor” frente ao embate contra as forças do mundo. As perseguições falavam mais alto do que o ardor em prosseguir a prática de Jesus, que conduz, não ao sucesso, mas à cruz. Isso ficou evidente na exegese de nosso texto bíblico de referência. Pedro, um pobre pescador, chamado e promovido por Jesus, pensava “as coisas dos homens”, ou seja, não estava sendo capaz de entrar na nova dinâmica, para a qual foi escolhido pelo próprio Jesus. Essa nova dinâmica significa deixar que Deus atue e reine. Como ela não é assumida, a mentalidade humana chega a ser satânica e carente de conversão, para passar a “pensar as coisas de Deus”.

Em contraposição a isso, Jesus entra na história da humanidade trazendo uma forma diferente de viver, como consequência de outra forma de pensar. Nesse novo modo, Deus reina. Jesus não apostou em estruturas, construções, palácios, mas na mudança de mentalidade e de vida das pessoas. Para tanto, a conversão, a *μετάνοια*, anunciada já nas primeiras palavras de Jesus (Mc 1,15) deve ser compreendida não apenas como um apelo “espiritual” a quem tem religião. A conversão significa a transformação na maneira de pensar de cada um. Se a forma humana de pensar, a permear todas as esferas e grupos de pessoas, desumaniza, o Reinado de Deus, trazido por Jesus, humaniza! Isso porque até mesmo o modo de pensar de Jesus não era teórico, mas uma Boa Notícia! Coisas novas já estavam acontecendo: demônios sendo expulsos, doentes sendo curados, pão para todos, pobres resgatados em sua dignidade humana... Nada disso era teoria, mas tornava-se realidade através de Jesus. Apesar de todas as forças malignas que pairavam sobre o mundo, não como algo sobrenatural, mas gerado pelos seres humanos, um novo tempo começava com Jesus. Como dissemos acima, travou-se o confronto desses dois modos de pensar: primeiro, no duro diálogo entre Jesus e Pedro e, em seguida, na morte assumida com liberdade por Jesus. Ao dar-se conta da iminência de sua morte, Jesus viu nela a oportunidade de levar ao extremo sua paixão pelo Reino e pela humanidade, mesmo que isso significasse perder a vida. Qual sentido teria uma morte assim? Marcos utiliza o termo grego *δὲι*, utilizado no passivo divino, dando a compreender que a inevitabilidade do sofrimento, rejeição, morte e ressurreição compõem a vontade divina. Ela é, sim, que a maldade e a lógica humanas, egoístas por natureza, sejam substituídas e vencidas pela nova mentalidade, que pensa as coisas de Deus. Ou seja, é não pensar em si, mas dar-se, como Jesus o fez, em cada momento, ato e ensinamento.

Desse modo, contemplando a vida de Jesus como um todo, a qual foi retomada e narrada por Marcos, a salvação está profundamente ligada com essa mudança de mentalidade. Jesus foi o primeiro que viveu outra forma de vida, não como mais uma pessoa desumanizada pelas estruturas que “faziam a cabeça das pessoas” de seu tempo, mas como alguém pleno de humanidade. Assim, a salvação nem ao longo de todo o evangelho de Marcos, nem especificamente nos três anúncios da paixão pode ser compreendida de maneira mágica ou sem comprometer cada um/a. Também seria errôneo interpretá-la como bem-estar ou dar-se bem diante das dificuldades ou incompreensões. Salvação também não é salvar a si próprio ou livrar a pele numa situação desfavorável. Muito menos seria submeter os demais a poderes tirânicos e desumanos, a fim de poder reinar sozinho. Salvação pode ser definida como “*pró-existência*”: agir em favor das outras pessoas e tornar o mundo mais humano (na teoria – mentalidade – e na prática). Denominamos também de “*ser-para-os-outros*”: não vale a pena

viver a vida só para si. Salvar-se é viver para os outros, dando-se na vida e na morte. Quando os/as discípulos/as de Jesus servem, sua dignidade humana é resgatada. Toda a vida de Jesus foi um servir à humanidade e esse serviço foi feito até o extremo, na entrega de vida na cruz.

Com isso, já desde a exegese, constatamos que a salvação que Jesus veio trazer à humanidade era questão de identidade. Primeiro a do próprio Jesus; depois a do ser humano, enquanto discípulo/a dele. Por isso, a expressão *Filho do Homem* tem muito a dizer! Ela possui a dimensão extensiva. Todos os humanos (aqui como substantivo: cada pessoa) devem se tornar humanos (aqui entendido como adjetivo: a maior qualidade que cada qual pode alcançar). O humano humano, a partir de seu arquétipo, é o ser humano salvo. Vivendo a humanidade cada pessoa atinge a salvação, pois não vive para si. Humanizando os demais, humaniza a si próprio. Sem ser um humanista, mas alguém pleno do Espírito de Deus, o messias, Jesus veio ensinar como as pessoas podem se tornar mais humanas. No início do evangelho João dizia que viria alguém que batizaria no Espírito Santo (cf. 1,8): este batismo significa mergulhar em outra mentalidade, a qual é regida por Deus e não “pelas coisas dos homens” (cf. 8,33). Será assim que a natureza humana (no sentido negativo) poderá ser superada e a mudança no ser humano acontecerá.

O (Filho do) Homem é modelo de humanidade para todos/as. A salvação consiste em encarnar a pró-existência tendo Jesus por modelo. A pró-existência ou o ser-para-os-outros resume a vida de Jesus. Quando entendermos assim, concluiremos que o sentido da morte de Jesus é o mesmo sentido de sua vida. E, por isso mesmo, o sentido salvífico da morte de Jesus foi o mesmo de sua vida: o da doação para os/as demais. Não há rupturas, mas acontece uma continuidade, que plenifica aquilo que foi vivido.

Qual salvação vislumbramos no evangelho de Marcos? Certamente a inferida como a de uma existência na qual Deus reina. Deus era a grande certeza da vida de Jesus, tanto que se abandonou em Suas mãos (não apenas no momento da morte, mas cada instante). E o Reinado de Deus era o grande amor, que movia Jesus. Ele mostrou, por meio de sua prática, (a pró-existência) que tempo e humanidade novos surgem a partir do momento em que o ser humano abandona suas certezas, egoísmos e reinos e “pensa as coisas de Deus” (Mc 8,33). Entenda-se tudo isso como apelo, não a uma religiosidade, mas à humanização de nosso mundo: como um todo (a sociedade, o país, o planeta) e, ainda, o mundo de cada pessoa. Sem dúvida que a religião pode contribuir nesse sentido, desde que torne seus “féis” mais humanos, como Jesus. Os/as discípulos/as de Jesus necessitam aprender e ensinar práticas humanas, sabendo que “entre vós não deve ser assim” (Mc 10,43a) como é entre os desumanos e tiranos.

O Jesus de Marcos fez de sua vida um acreditar contínuo na humanidade e, em sua morte, aposta nela. Jesus deu tudo o que tinha para ensinar às pessoas este caminho salvífico; depois, deu tudo o que era para despertar nos seres humanos que a vida vale a pena ser vivida, desde que a Boa-Notícia seja a de Deus reinando. Ora, se Jesus acreditou na humanidade desumanizada, corrompida e egoísta (porque deixou Deus de fora), o ser humano pode também acreditar neste novo modo de construir sua mentalidade: aquele em que Deus reina. E já que o mal continuará presente no mundo, crer em Jesus será viver como ele viveu, para que Ele transforme o morrer para o pecado, para a desumanização em nova vida! E “o morrer, aceito por amor, é transformado”.<sup>380</sup>

Assim, tomando praticamente apenas o evangelho de Marcos para poder verificar o que significa a salvação, enriquecemos o sentido que a tradição nos deu e que, talvez, nos seja o mais latente: o de que a cruz de Jesus perdoa os nossos pecados. O Jesus de Marcos abre nossa compreensão à Boa-Nova. E o mundo novo e a humanidade humanizada implicarão em deixar de lado toda mesquinhez, as seguranças que não garantem tudo, o mundo construído logicamente, mas do qual Deus fica de fora! Somente assim Ele poderá transformar nossa pobre desumanidade em humanidade humana. A humanização levará a humanidade à plenitude escatológica. Não apenas lá no céu, mas desde já, aqui e para além!

Para o final de nossa pesquisa, deixamos o texto da letra do Quinto Movimento da 2ª Sinfonia de Gustav Mahler (1860-1911), intitulada de *Ressurreição*. A letra original é de Klopstok, mas o texto abaixo foi modificado pelo compositor ao ser inserido na 2ª Sinfonia. “Ouvida” no conjunto da obra, vem como consequência das dificuldades da vida e da própria morte. Aqui se deve compreender ressurreição como a vida nova iniciada na terra:<sup>381</sup>

Ressuscitarás, sim ides ressuscitar, / Cinzas minhas, depois de um curto repouso! / A vida imortal / ser-te-á dada por Aquele que vos chamou! / Estais sementeas, para florir de novo! / O Senhor da colheita / vai recolher os feixes de nós, / que morremos!  
 Crê pois, meu coração, crê! / Nada irás perder! / É teu, sim, é teu o que sentiste. / É teu o que desejava, aquilo por que lutaste!  
 Crê: não nasceste em vão, / Não viveste e não sofreste em vão!  
 O que aconteceu tem de passar / O que passou, tem de ressuscitar! / Deixa de tremer! / Prepara-te para viver!  
 Ó sofrimento! Tu, que penetras em tudo, / Já te escapei! / Ó morte, tu que tudo conquistas, / Agora estás derrotada! / Com as asas que ganhei, / Na ardorosa luta do amor, / Levantarei voo / Em direção à luz que nenhum olho penetrou.  
 Com as asas que ganhei / Levantarei voo / Morrerei para viver de novo! / Ressuscitarás, sim ressuscitarás, / Meu coração, num instante! / O teu caminho / Levar-te-á para Deus!

<sup>380</sup> LOEWE, 2000, p. 223.

<sup>381</sup> Tradução do texto original disponível em: <<http://guiadosclassicos.blogspot.com.br/2013/05/1894-mahler-sinfonia-n-2-ressurreicao.html>>. Acessado em 20/jun/2016.

## REFERÊNCIAS

A BÍBLIA de Jerusalém. Nova edição, rev. e amp. São Paulo: Paulus, 2002.

A BÍBLIA Sagrada. Tradução da CNBB. 3 ed. rev. atu. Brasília: Edições CNBB, 2006.

A BÍBLIA. Novo Testamento Grego. Aland: 1994; SCHOLZ, Vilson; BRATCHER, Roberto G. *Novo Testamento Interlinear Grego-Português*. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2004.

A BÍBLIA. Novo Testamento. Português. SILVA, Cássio Murilo Dias da; RABUSKE, Irineu J. *Evangelhos e Atos dos Apóstolos*: Novíssima tradução dos originais. São Paulo, SP: Loyola, 2011.

A BÍBLIA. Novum Testamentum Graece. NESTLE, Eberhard et al (Eds.). 28. ed. rev. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 2012.

A BÍBLIA. Tradução de João Ferreira de Almeida. ed. corrig. e rev. São Paulo: Sociedade Bíblica Trinitariana do Brasil, 2005.

A BÍBLIA. Tradução Ecumênica. Ed. rev. e cor. São Paulo: Loyola, 1995.

ALEGRE, Xavier. *Marcos ou a correção de uma ideologia triunfalista*: chave de leitura de um beligerante e comprometido. Belo Horizonte: CEBI, 1988.

BARBAGLIO, Giuseppe. *Jesus*: hebreu da Galileia. Pesquisa histórica. São Paulo: Paulinas, 2011.

BERGANT, Diane; KARRIS, Robert J. (orgs.). *Comentário Bíblico*. São Paulo: Loyola, 1999. v. 3.

BERGER, Klaus. *As formas literárias do Novo Testamento*. São Paulo: Loyola, 1998.

BLOMBERG, Craig L. *Jesus e os evangelhos*: uma introdução ao estudo dos 4 evangelhos. São Paulo: Vida Nova, 2009.

BOFF, Leonardo. *Jesus Cristo libertador*: ensaio de cristologia crítica para o nosso tempo. 21. ed. Petrópolis: Vozes, 2012a.

\_\_\_\_\_. *Paixão de Cristo, paixão do mundo*: os fatos, as interpretações e o significado ontem e hoje. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2012b.

BORTOLINI, José. *Roteiros Homiléticos*: Anos A, B, C, Festas e Solenidades. São Paulo: Paulus, 2006.

\_\_\_\_\_. *Introdução a Paulo e suas cartas*. 3. ed. São Paulo: Paulus, 2007.

\_\_\_\_\_. *O Evangelho de Marcos*: para uma catequese com adultos. São Paulo: Paulus, 2003.

- BROWN, Raymond. *Introdução ao Novo Testamento*. São Paulo: Paulinas, 2004.
- BÜCHSEL, F. *λύτρον*. In: KITTEL, Gerhard; FRIEDRICH, Gerhard. *Dicionário teológico do Novo Testamento*. São Paulo: Cultura Cristã, 2013. v. 1. p. 601-602.
- CALLE, Francisco de la. *A teologia de Marcos*. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 1984.
- CASTILLO, José M. *Jesus: a humanização de Deus: Ensaio de Cristologia*. Petrópolis: Vozes, 2015.
- CHAMPLIM, Russell Norman. *O Novo Testamento interpretado versículo por versículo*. São Paulo: Milenium, 1982. v. 1.
- CIAMPA, Roy E. *Manual de referência para a crítica textual do Novo Testamento*. 2001.
- CISTERNA, Félix Eduardo. *O evangelho de Marcos: o relato, o ambiente, os ensinamentos*. São Paulo: Editora Ave-Maria, 2009.
- CLÉVENOT, Michel. *Enfoques materialistas da Bíblia*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- COLLINS, Adelia Yarbrow; ATTRIDGE, Harold W. *Mark: a commentary*. Minneapolis: Fortress, 2007.
- COMBLIN, José. A Cristologia do evangelho segundo Marcos. *Estudos Bíblicos: Evangelho de Marcos: Boas Novas para o Novo Milênio*. Petrópolis: Vozes; São Leopoldo: Sinodal, nº 64, p. 36-42, 1999.
- CRISTOFANI, José Roberto. A expressão “Filho do Homem” em Daniel. Anotações preliminares sobre uma proposta metodológica. *Estudos de Religião*, São Bernardo do Campo, Ano XIV, nº 19, p. 25-44, 2000.
- CROSSAN, John Dominic; REED, Jonathan L. *Em busca de Jesus: debaixo das pedras, atrás dos textos*. São Paulo: Paulinas, 2007.
- CULLMANN, Oscar. *A formação do Novo Testamento*. 12. ed. São Leopoldo: Sinodal, 2012.
- \_\_\_\_\_. *Cristologia do Novo Testamento*. São Paulo: Hagnos, 2008.
- DUQUOC, Christian. *Cristologia, ensaio dogmático: o homem Jesus*. São Paulo: Loyola, 1977. v. 1.
- ELLIOTT, Neil. *A arrogância das nações: a Carta aos Romanos à sombra do Império*. São Paulo: Paulus, 2010.
- EVANS, Craig A. *Mark 8:27 – 16:20*. Michigan: Thomas Nelson, 2001. Word Biblical Commentary – WBC 34b.
- FABRIS, Rinaldo. *Jesus de Nazaré: história e interpretação*. São Paulo: Loyola, 1988.
- \_\_\_\_\_; BARBAGLIO, Giuseppe. *Os Evangelhos (I)*. 3. ed. São Paulo: Loyola, 2014.

FAUS, José Ignacio Gonzales. *Acesso a Jesus: ensaio de teologia narrativa*. São Paulo: Loyola, 1981.

FITZMYER, Joseph A. *Aquele que há de vir*. São Paulo: Loyola, 2015.

\_\_\_\_\_. *Catecismo cristológico: respostas do Novo Testamento*. São Paulo: Loyola, 1997.

GALLARDO, Carlos Bravo. *Galileia ano 30: para ler o evangelho de Marcos*. São Paulo: Paulinas, 1996.

\_\_\_\_\_. *Jesus, homem em conflito: o relato de Marcos na América Latina*. São Paulo: Paulinas, 1997.

GINGRICH, F. Wilbur; DANKER Frederich W. *Léxico do Novo Testamento: grego, português*. São Paulo: Vida Nova, 1984.

GLAAB, Bruno G. *A diaconia do Filho do Homem*. São Paulo: Baraúna, 2011.

\_\_\_\_\_. A diaconia do Filho do Homem – Interpretação de Mc 10,45. *Atualidade Teológica*. Rio de Janeiro: PUC, Ano IX, nº19, p. 57-82, jan/abr 2005.

\_\_\_\_\_. O modelo igreja serviço: uma análise teológica de Marcos 10,42-45. *Revista de cultura teológica*. São Paulo: Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção, Ano III, nº 12, p. 99-107, jul/set 1995.

GNILKA, Joachim. *El evangelio según San Marcos I (Mc 1,1 – 8,26)*. Salamanca: Sígueme, 1986.

\_\_\_\_\_. *El evangelio según San Marcos II (Mc 8,27 – 16,20)*. 4. ed. Salamanca: Sígueme, 2001.

\_\_\_\_\_. *Teología del Nuevo Testamento*. Valladolid: Trota, 1998.

GOPPELT, Leonhard. *Teologia do Novo Testamento*. 3. ed. São Paulo: Teológica, 2002.

GUTHRIE, Donald. *Teologia do Novo Testamento*. São Paulo: Cultura Cristã, 2011.

HOEFELMANN, Verner. O caminho da paixão de Jesus na perspectiva do Evangelista Marcos. *Estudos Teológicos*, v. 26, p. 99-119, 1986.

HORSLEY, Richard A. *Jesus e a espiral da violência: resistência judaica popular na Palestina romana*. São Paulo: Paulus, 2010.

\_\_\_\_\_. *Jesus e o império: o reino de Deus e a nova desordem mundial*. São Paulo: Paulus, 2004.

INICIAÇÃO à Bíblia. São Paulo: Paulinas, 1982. v. 3. 2ª parte.

INTRODUÇÃO geral aos evangelhos. São Leopoldo: Cebi, 1998.

IZIDORO, José Luiz. A tradição do servo sofredor de Isaías 52,13 – 53,12 em Jesus de Nazaré. *Estudos Bíblicos*, Jesus e as tradições de Israel. Petrópolis: Vozes; v. 99, p. 23-34, 2008.

JEREMIAS, Joachim. *Teologia do Novo Testamento*. ed. rev. e atu. São Paulo: Hagnos, 2008.

KAEFER, José Ademar. *Arqueologia das terras da Bíblia*. São Paulo: Paulus, 2012.

KELLNER, Wendelin. *O Filho do Homem: a mensagem político-teológica de Jesus*. São Paulo: Paulinas, 1987.

KLAIBER, Walter. *A morte de Jesus e a nossa vida: o significado da cruz*. São Leopoldo: Sinodal, 2015.

KOESTER, Helmut. *Introdução ao Novo Testamento: história e literatura do cristianismo primitivo*. São Paulo: Paulus, 2005b. v. 2.

\_\_\_\_\_. *Introdução ao Novo Testamento: história, cultura e religião no período helenístico*. São Paulo: Paulus, 2005a. v. 1.

KONINGS, J. *Marcos*. São Paulo: Loyola, 1994. (A Bíblia passo a passo).

\_\_\_\_\_. *Sinopse dos evangelhos de Mateus, Marcos e Lucas e da “Fonte Q”*. São Paulo: Loyola, 2005.

LADD, George Eldon. *Teologia do Novo Testamento*. ed. rev. São Paulo: Hagnos, 2003.

LOEWE, William P. *Introdução à cristologia*. São Paulo: Paulus, 2000.

LOHSE, Eduard. *Introdução ao Novo Testamento*. 3. ed. São Leopoldo: Sinodal, 1980.

LOPES, Mercedes. MESTERS, Carlos. Comunidade que partilha – Perspectiva econômica e ecológica do evangelho de Marcos. *Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana/RIBLA*, Vida em comunidade. Petrópolis: Vozes. 2008/1, nº 59, p. 20-33.

MAIER, Johann. *Entre os dois Testamentos: história e religião na época do Segundo Templo*. São Paulo: Loyola, 2005.

MALONEY, Elliott C. *Mensagem urgente de Jesus para hoje: o Reino de Deus no Evangelho de Marcos*. São Paulo: Paulinas, 2008.

MANZATTO, Antonio. O Messias do texto. *Ciberteologia: revista de teologia e cultura*. Ano 7, nº 36, p. 5-22. Disponível em: <<http://ciberteologia.paulinas.org.br/ciberteologia/wp-content/uploads/downloads/2011/10/01Messiasdotexto.pdf>>. Acesso em: 28 jun. 2016.

MARCHINI, Welder Lancieri. Quando a ausência amedronta: um paralelo entre o “Evangelho de Marcos” e o conto “A terceira margem do rio”. *Ciberteologia: revista de teologia e cultura*. Ano XI, nº 51, p. 33-45. Disponível em: <<http://ciberteologia.paulinas.org.br/ciberteologia/wp->

content/uploads/downloads/2015/07/Um\_paralelo\_entre\_o\_Evangelho\_de\_Marcos.pdf}. Acesso em: 28 jun. 2016.

MARCONCINI, Benito. *Os evangelhos sinóticos: formação, redação, teologia*. 3. ed. São Paulo: Paulinas, 2007.

MARCUS, Joel. *El Evangelio según Marcos: 1,1 – 8,21*. Nueva traducción con introducción y comentario. Salamanca: Sígueme, 2010.

\_\_\_\_\_. *Mark 8 – 16: a new translation with introduction and commentary*. New York: Doubleday, 2009.

MATEOS, Juan. *Marcos 13: el grupo cristiano en la historia*. Madrid: Cristiandad, 1987.

\_\_\_\_\_; CAMACHO, Fernando. *El horizonte humano: la propuesta de Jesús*. 3. ed. Córdoba: Ediciones el Almendro, 1990.

\_\_\_\_\_; \_\_\_\_\_. *Marcos: texto e comentário*. São Paulo: Paulus, 1998.

MATERA, Frank J. *New Testament theology: exploring diversity and unity*. Louisville: Westminster John Knox Press, 2007.

MAZZAROLO, Isidoro. *Evangelho de Marcos: estar ou não com Jesus*. Rio de Janeiro: Mazzarolo Editor, 2004.

McKENZIE, John L. *Dicionário Bíblico*. 10. ed. São Paulo: Paulus, 2011.

MESTERS, Carlos. La humildad nos hace más semejantes a Jesús. *Revista de Interpretación Bíblica Latinoamericana/RIBLA*. Biblia e integridad. 2011/3, nº 70, p. 24-32. Disponível em: <<http://www.claiweb.org/index.php/miembros-2/revistas-2#64-72>>. Acesso em: 28 jun. 2016.

\_\_\_\_\_. *Com Jesus na contramão*. 17. ed. São Paulo: Paulinas, 2014.

MÍGUEZ, Néstor O. Contexto sociocultural da Palestina. *Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana/RIBLA*, Petrópolis: Vozes; São Leopoldo: Sinodal, nº 22, p. 22-33, 1995.

\_\_\_\_\_. O império e depois – Manter a esperança bíblica no meio da opressão. *Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana/RIBLA*, Os povos enfrentam o império. Petrópolis: Vozes; 2004/2, nº 48, p. 7-24 [151-168].

MOLTMANN, Jürgen. *O caminho de Jesus: Cristologia em dimensões messiânicas*. São Paulo: Academia Cristã, 2009.

MORRIS, Leon. *Teologia do Novo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 2003.

MOSCONI, Luis. *Boa Notícia de Jesus Cristo segundo Marcos para ser discípulos hoje*. São Paulo: Loyola, 2012.

MOUNCE, William D. *Léxico analítico do Novo Testamento grego*. São Paulo: Vida Nova, 2013.

MYERS, Ched. *O evangelho de Marcos*. São Paulo: Paulinas, 1992.

NODARI, Paulo Cesar. A ressurreição. *Ciberteologia: revista de teologia e cultura*. Ano IX, nº 43, p. 47-58. Disponível em: <<http://ciberteologia.paulinas.org.br/ciberteologia/wp-content/uploads/downloads/2013/07/NOTA1.pdf>>. Acesso em: 28 jun. 2016.

NOGUEIRA, Paulo Augusto de Souza. Dar a vida pelos amigos: o Jesus histórico e o sacrifício. *Estudos Bíblicos*, Jesus e as tradições de Israel. Petrópolis: Vozes; v. 99, p. 35-41.

NOLAN, Albert. *Jesus antes do cristianismo*. 7. ed. São Paulo, Paulus, 2010.

PAGOLA, José Antonio. *Jesus: aproximação histórica*. Petrópolis: Vozes, 2010.

\_\_\_\_\_. *O caminho aberto por Jesus: Marcos*. Petrópolis: Vozes, 2013.

PALLARES, José Cárdenas. *O poder do carpinteiro Jesus no Evangelho de Marcos*. Aparecida (SP): Editora Santuário, 2002.

PAROSCHI, Wilson. *Crítica Textual do Novo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1993.

PAUL, André. *O Judaísmo Tardio: história política*. São Paulo, SP: Paulinas, 1983.

PAULO VI. *Populorum progressio*. Roma: 26 de março de 1967. Disponível em: <[http://w2.vatican.va/content/paul-vi/pt/encyclicals/documents/hf\\_p-vi\\_enc\\_26031967\\_populorum.html](http://w2.vatican.va/content/paul-vi/pt/encyclicals/documents/hf_p-vi_enc_26031967_populorum.html)>. Acesso em: 02 jun 2016.

PIKASA, Xabier. *Evangelio de Marcos: La buena noticia de Jesús*. Navarra: Verbo Divino, 2012.

\_\_\_\_\_. *A figura de Jesus: figura, taumaturgo, rabino, messias*. Petrópolis: Vozes, 1995.

POHL, Adolf. *O Evangelho de Marcos*. Curitiba: Editora Evangélica Esperança, 1998.

REGA, Lourenço Stelio; BERGMANN, Johannes. *Noções do grego bíblico: gramática fundamental*. São Paulo: Vida Nova, 2004.

REIMER, Ivoni Richter. *Compaixão, cruz e esperança: teologia de Marcos*. São Paulo: Paulinas, 2012.

RIBLA: Revista de Interpretación Bíblica Latinoamericana. *El evangelio según Marcos: La verdadera Buena Noticia en un mundo engañado por los Imperios*. Quito/Ecuador: 2009/3, nº 64, 149 p. Disponível em: <<http://www.claiweb.org/index.php/miembros-2/revistas-2#64-72>>. Acesso em: 28 jun. 2016.

RICARDO, Uelton Aguiar. *Discipulado sob a cruz: um convite ao antitriunfalismo a partir do evangelho de Marcos*. 2013. 63 f. Dissertação de Mestrado Profissional – Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, 2013.

RIENECKER, Fritz; ROGERS, Cleon L. *Chave linguística do Novo Testamento Grego*. São Paulo: Vida Nova, 1985.

RIVAS, Luis Heriberto. *O que é um evangelho?* Introdução geral aos evangelhos de Mateus, Marcos, Lucas e João. São Paulo: Editora Ave Maria, 2008.

ROBERTSON, A. T. *Comentário Mateus e Marcos. À luz do Novo Testamento grego.* Rio de Janeiro, CPAD, 2012.

RUSSELL, David S. *Entre o Antigo e o Novo Testamentos: o período interbíblico.* 2. ed. São Paulo: Abba Press, 2007.

SASSI, Katia Rejane. *Migalhas versus abundância de pão: por um lugar à mesa. Uma interpretação feminista de Mt 15,21-28.* 2014. 149 f. Dissertação de Mestrado Acadêmico – Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, 2014.

SAULNIER, Christiane; ROLLAND, Bernard. *A Palestina no tempo de Jesus.* São Paulo: Paulus, 1983.

SCHIAVO, Luigi. *Anjos e messias: messianismos judaicos e origem da cristologia.* São Paulo: Paulinas, 2006.

SCHLAEPFER, Carlos Frederico; OROFINO, Francisco Rodrigues; MAZZAROLO, Isidoro. *A Bíblia: introdução historiográfica e literária.* 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

SCHMIDT, Werner H. *Introdução ao Antigo Testamento.* 5. ed. São Leopoldo: Sinodal, 2013.

SCHNACKENBURG, Rudolf. *Jesus Cristo nos quatro evangelhos.* São Leopoldo: Unisinos, 2001.

SCHNELLE, Udo. *Teologia do Novo Testamento.* São Paulo: Paulus; Santo André (SP): Academia Cristã, 2010.

SCHÜERER, Emil. *Historia del pueblo Judío en tiempos de Jesus: 175 a.C. – 135 d.C.* Madrid: Ediciones Cristiandad, 1985. Tomo II.

SEGUNDO, Juan Luis. *A história perdida e recuperada de Jesus de Nazaré: dos sinóticos a Paulo.* São Paulo: Paulus, 1997.

\_\_\_\_\_. *O homem de hoje diante de Jesus de Nazaré: Sinóticos e Paulo.* São Paulo: Paulinas, 1985. Tomo II/1. História e atualidade.

SILVA, Cássio Murilo Dias. *Metodologia de exegese bíblica.* São Paulo: Paulinas, 2009.

SILVANO, Zuleica. Discípulos-missionários a partir do Evangelho segundo Marcos. *Ciberteologia: revista de teologia e cultura.* Ano VIII, nº 39, p. 105-112. Disponível em: <<http://ciberteologia.paulinas.org.br/ciberteologia/wp-content/uploads/downloads/2012/07/Ciberteologiairzuleica.pdf>>. Acesso em: 28 jun. 2016.

SOARES, Sebastião Armando Gameleira; CORREIA JUNIOR, João Luiz; OLIVA, José Raimundo. *Marcos.* São Paulo: Fonte Editorial, 2012.

SOBRINO, Jon. A salvação que vem de baixo: para uma humanidade humanizada. *Estudos Bíblicos*, Um novo pontificado: tempo para mudanças? Petrópolis: Vozes; nº 314, p. 26-38, 2006.

SOLANGE, Mina. Desafios para um novo anúncio do reino de Deus. *Ciberteologia: revista de teologia e cultura*. Ano 8, nº 40, p. 22-41. Disponível em: <<http://ciberteologia.paulinas.org.br/ciberteologia/wp-content/uploads/downloads/2012/10/Artigo-Desafios-para-um-novo.pdf>>. Acesso em 28 jun. 2016.

STAMBAUGH, John E.; BALCH, David L. *O Novo Testamento em seu ambiente social*. São Paulo: Paulus, 1996.

STEGEMANN, Wolfgang. *Jesus e seu tempo*. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2012.

STORNILO, Ivo. A Palestina no tempo de Jesus. In: *BÍBLIA sagrada*. Edição pastoral. São Paulo: Paulus, 1990.

\_\_\_\_\_. *Como ler o livro de Daniel: Reino de Deus x imperialismo*. 4. ed. São Paulo: Paulus, 2007.

TAYLOR, Vincent. *Evangelio según San Marcos*. Madrid: Ediciones Cristiandad, 1980.

THEISSEN, Gerd. *A religião dos primeiros cristãos: uma teoria do cristianismo primitivo*. São Paulo: Paulinas, 2009.

\_\_\_\_\_; MERZ, Annette. *O Jesus histórico: um manual*. 3. ed. São Paulo: Loyola, 2015.

TUCKETT, Christopher (ed.). *The Messianic secret*. Philadelphia: Fortress Press; London: SPCK, 1983.

*Uma antropologia em Marcos*. Disponível em: <[http://www.estef.edu.br/pessoais/arquivos/ESTEF\\_PESSOAL\\_26\\_10\\_2005\\_20\\_33\\_52\\_Antr op.%20Mc.htm](http://www.estef.edu.br/pessoais/arquivos/ESTEF_PESSOAL_26_10_2005_20_33_52_Antr op.%20Mc.htm)>. Acesso em: 19 abr. 2016.

VOIGT, Emilio. *Contexto e surgimento do Movimento de Jesus: as razões do seguimento*. São Paulo: Loyola, 2014.

\_\_\_\_\_. *Jesus de Nazaré: manual de estudos*. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2008.

VV.AA. *Flávio Josefo: uma testemunha do tempo dos Apóstolos*. São Paulo: Paulus, 1986.

WALLACE, Daniel B. *Gramática grega: uma sintaxe exegética do Novo Testamento*. São Paulo: Editora Batista Regular do Brasil, 2009.

WEGNER, Uwe. Deu Jesus um sentido salvífico para sua morte?: Considerações sobre Mc 14.24 e 10.45. *Estudos Teológicos*, v. 26, p. 209-246, 1986.

\_\_\_\_\_. *Exegese do Novo Testamento*. 7. ed. São Leopoldo: Sinodal, 2012.

WESTHELLE, Vítor. *O Deus escandaloso: o uso e o abuso da cruz*. São Leopoldo: Sinodal, 2008.

WITHERINGTON, Ben. *The gospel of Mark: a rhetorical commentary*. Grand Rapids: Eerdmans, 2001.

WRIGHT, Addison G.; MURPHY, Roland E.; FITZMYER, Joseph A. História de Israel. In: *Comentário Bíblico São Jerônimo*. São Paulo: Paulus; Santo André (SP): Academia Cristã, 2011.



## APÊNDICE A: QUADRO PARA VISUALIZAÇÃO DOS TIPOS DE TEXTOS DOS MANUSCRITOS

V. 32

Há uma substituição maior para: ὁ Πέτρος αὐτὸν

αὐτὸν ὁ Πέτρος, “tomando-o à parte, Pedro” é apoiada por:

Siglas	Tipo de texto	Datas	Classificação dos testemunhos	Categoria
Ⲙ	Alexandrino	IV	Manuscritos unciais	I
A	Bizantino Antigo	V	Manuscritos unciais	III
C	Alexandrino	V	Manuscritos unciais	II
K	Bizantino	IX	Manuscritos unciais	V
W	Cesareense e oc.	IV	Manuscritos unciais	III
Γ	Bizantino	X	Manuscritos unciais	V
Δ	Alexandrino	IX	Manuscritos unciais	III
Θ	Cesareense	IX	Manuscritos unciais	III
f <sup>1</sup>	Cesareense	XII- XV	Minúsculos 1, 118, 131, 209, 1582...	III
f <sup>13</sup>	Cesareense	XI- XV	Minúsculos 13, 69, 124, 174, 230, 346...	III
28	Cesareense	XI	Minúsculos	III
33	Alexandrino	IX	Minúsculos	II
565	Cesareense	IX	Minúsculos	III
579	Alexandrino	XIII	Minúsculos	II
700	Cesareense	XI	Minúsculos	III
1241	Alexandrino	XII	Minúsculos	III
1424	Cesareense	IX/X	Minúsculos	III
2542	?	XIII	Minúsculos	III
<b>M</b>	Bizantino			V

ὁ Πέτρος, “tomando à parte, Pedro” é apoiada por:

Siglas	Tipo de texto	Datas		Categoria
D	Ocidental	V-VI	Manuscritos unciais	IV

ὁ Πέτρος αὐτὸν, txt, “Pedro tomando-o à parte” tem o apoio de:

Siglas	Tipo de texto	Datas		Categoria
B	Alexandrino	IV	Manuscritos unciais	I
L	Alexandrino	VIII	Manuscritos unciais	II
892	Alexandrino post.	IX	Minúsculos	II
a	Códice latino	IV		III?

V. 33:

O sinal <sup>†</sup> antes de Πέτρω indica inclusão, ou seja, neste ponto há a inclusão de uma palavra. No caso, τω antes de Πέτρω.

Apoiam a inclusão do artigo:

Siglas	Tipo de texto	Datas		Categoria
A	Bizantino Antigo	V	Manuscritos unciais	III
C	Alexandrino	V	Manuscritos unciais	II
K	Bizantino	IX	Manuscritos unciais	V
W	Cesareense e oc.	IV	Manuscritos unciais	III
Γ	Bizantino	X	Manuscritos unciais	V
Δ	Alexandrino	IX	Manuscritos unciais	III
Θ	Cesareense	IX	Manuscritos unciais	III
0214		IV-V	Manuscritos Unciais	III
f <sup>1</sup>	Cesareense	XII- XV	Minúsculos 1, 118, 131, 209, 1582...	III
f <sup>13</sup>	Cesareense	XI- XV	Minúsculos 13, 69, 124, 174, 230, 346...	III
28	Cesareense	XI	Minúsculos	III
33	Alexandrino	IX	Minúsculos	II
565	Cesareense	IX	Minúsculos	III
579	Alexandrino	XIII	Minúsculos	II
700	Cesareense	XI	Minúsculos	III
892	Alexandrino	IX-X	Minúsculos	II
1241	Alexandrino	XII	Minúsculos	III
1424	Cesareense	IX/X	Minúsculos	III
2542	?	XIII	Minúsculos	III
<b>M</b>				

Apoiam o texto de Nestle-Aland (exclusão do artigo): ⋈ B D L

Siglas	Tipo de texto	Datas		Categoria
⋈	Alexandrino	IV	Manuscritos unciais	I
B	Alexandrino	IV	Manuscritos unciais	I
D	Ocidental	V-VI	Manuscritos unciais	IV
L	Alexandrino	VIII	Manuscritos unciais	II

## APÊNDICE B: QUADRO COMPARATIVO DAS TRADUÇÕES

	Primeira tradução	Bíblia de Jerusalém	ARA	CNBB	TEB	Segunda tradução
31	E começou a ensinar a eles que deve (é inevitável) o filho do homem muito sofrer (suportar) o mal e ser rejeitado (declarado inútil) pelos anciãos e sumos-sacerdotes e escribas e ser morto e depois de três dias ressuscitar!	E começou a ensinar-lhes: “O Filho do Homem deve sofrer muito, ser rejeitado pelos anciãos, pelos chefes dos sacerdotes e pelos escribas, ser morto e, depois de três dias, ressuscitar”.	E começou a ensinar-lhes que importava que o Filho do Homem padecesse muito, e que fosse rejeitado pelos anciãos, e pelos príncipes dos sacerdotes, e pelos escribas, e que fosse morto, mas que, depois de três dias, ressuscitaria.	E começou a ensinar-lhes que era necessário o Filho do Homem sofrer muito, ser rejeitado pelos anciãos, sumos sacerdotes e escribas, ser morto e, depois de três dias, ressuscitar.	A seguir, ele começou a ensinar-lhes que era necessário que o Filho do Homem sofresse muito, que fosse rejeitado pelos anciãos, os sumos sacerdotes e escribas, que fosse morto e, três dias depois, ressuscitasse.	E começou a ensinar-lhes que seria inevitável que o Filho do Homem sofresse muito o mal e fosse rejeitado pelos anciãos, sumos sacerdotes e escribas e ressuscitar depois de três dias!
32	E com ousadia a palavra falava. E tomando à parte Pedro a ele começou a censurá-lo.	Dizia isso abertamente. Pedro, chamando-o de lado, começou a recriminá-lo.	E dizia abertamente estas palavras. E Pedro o tomou à parte e começou a repreendê-lo.	Falava isso abertamente. Então, Pedro, chamando-o de lado, começou a censurá-lo.	E falava deste assunto abertamente. Pedro, chamando-o à parte, pôs-se a censurá-lo.	E, ousadamente, ensinava a palavra. Pedro, tomando-o em particular, começou a censurá-lo.
33	Mas voltando-se e vendo os discípulos dele, repreendeu energicamente a Pedro e diz: Para trás de mim, Satanás, pois não tens em mente (não te dedicas) as (coisas) de Deus, mas as dos homens.	Ele, porém, voltando-se e vendo seus discípulos, recriminou a Pedro, dizendo: “Arreda-te de mim, Satanás, porque não pensas as coisas de Deus, mas as dos homens!”	Mas ele, virando-se e olhando para os seus discípulos, repreendeu a Pedro, dizendo: Retira-te de diante de mim, Satanás; porque não compreendes as coisas que são de Deus, mas as que são dos homens.	Jesus, porém, voltou-se e, vendo os seus discípulos, repreendeu Pedro, dizendo: “Vai para trás de mim, satanás! Pois não tens em mente as coisas de Deus, e sim, as dos homens”!	Ele, porém, voltando-se e vendo seus discípulos, repreendeu a Pedro; disse-lhe: “Afasta-te! Para trás de mim, Satanás, pois teus intentos não são os de Deus, mas do homem.	Mas, voltando-se e vendo os seus discípulos, Jesus repreendeu energicamente a Pedro, dizendo: Vá para trás de mim, Satanás, pois não pensas as coisas de Deus, mas as dos homens.